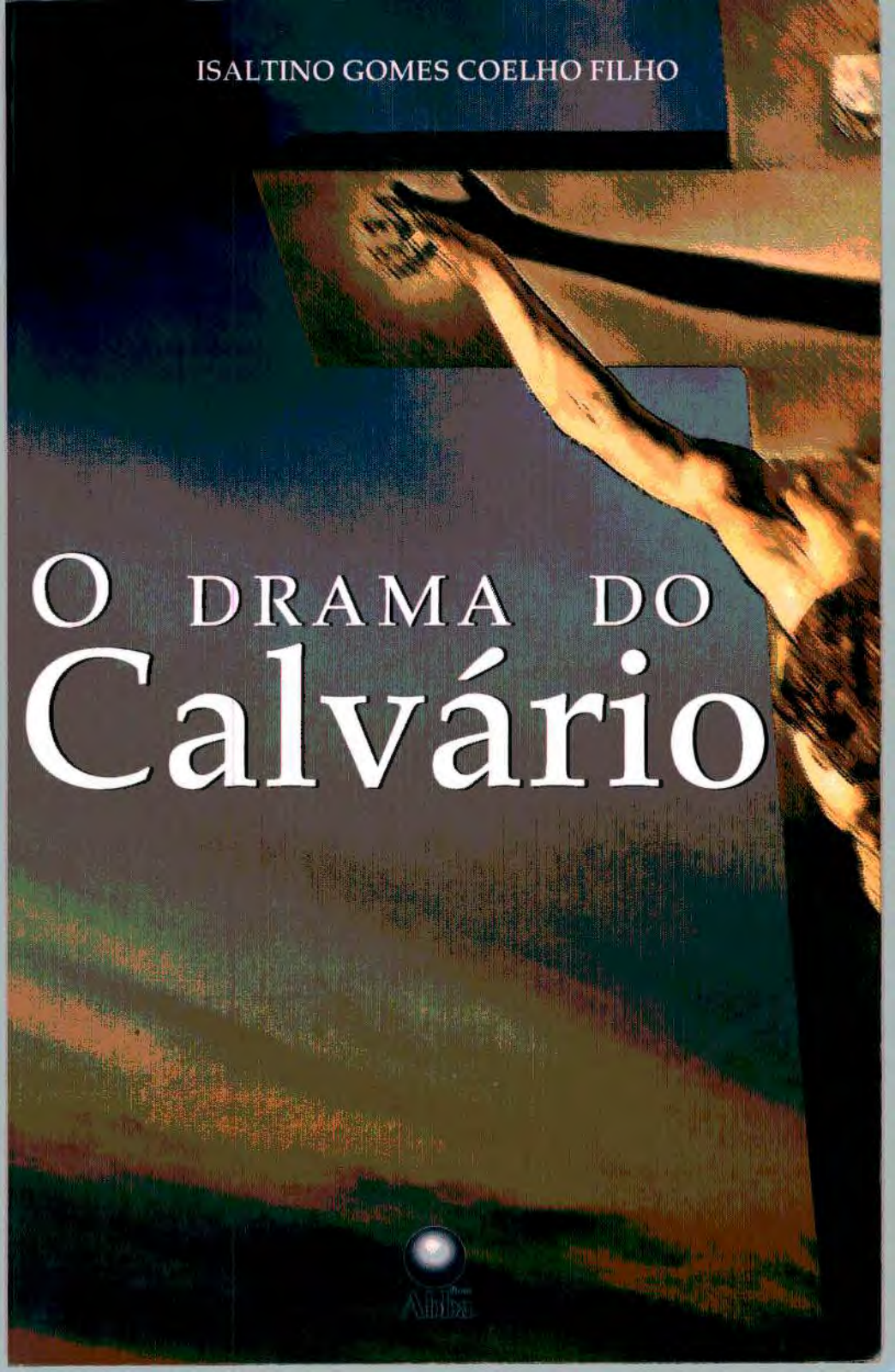


ISALTINO GOMES COELHO FILHO

The background of the cover is a dramatic, textured painting. It features a landscape with rolling hills in shades of green, brown, and blue. In the upper right, a figure is depicted on a cross, with the figure's arm and torso visible. The overall style is painterly and somber.

O DRAMA DO Calvário



ISALTINO GOMES COELHO FILHO



O DRAMA DO Calvário

O Drama do Calvário

Isaltino Gomes Coelho Filho
© Abba Press Ed. e Div. Cultural Ltda.

Categoria: Reflexão Bíblica
Cód.: 01.08.115.1011.1

1ª Edição
Outubro de 2011

Coordenação Editorial
Cida D. Paião

Impressão
Imprensa da Fé

ISBN 978-85-7857-015-6

É permitido a reprodução de partes deste livro,
desde que citada a fonte e com a devida
autorização escrita dos editores.



Tels/Fax (11) 5686-5058 / 5523-9441
Site: www.abbapress.com.br
E-mail: abbapress@abbapress.com.br

Conteúdo

Dedicatória	4
Introdução	5
A Idealização do Enredo	11
A Primeira Fala do Ator Principal: um Pedido de perdão	15
A Segunda Fala do Ator Principal: uma Promessa de Segurança Pessoal	25
A Terceira Fala do Ator Principal: Surge uma Nova Família ao Pé da Cruz.....	35
A Quarta Fala do Ator Principal: um Grito de Perplexidade	47
A Quinta Fala do Ator Principal: Só Agora Ele Expressa sua Necessidade.....	59
A Sexta Fala do Ator Principal: O Fim se Aproxima	69
A Sétima Fala do Ator Principal: O Fim Chegou.....	79
As Falas do Coadjuvante Pilatos, Um Personagem Patético	89
As Falas da Multidão: Vox Populi, Vox Diabolis	99
A Fala do Autor do Drama: Sem Palavras	109
A Palavra de Fé	121
Conclusão	129
Citações	133

rava no ar uma estranha sensação de que se fizera alguma coisa que não deveria ter sido feita. Ainda não se conheciam os desdobramentos que sucederiam, mas provavelmente muita gente se perguntava: “O que vem por aí, agora?”.

O que houve no Calvário foi um drama, mas não uma tragédia, na linguagem teatral. Seu enredo não foi mitológico nem visava despertar compaixão. Nem fora uma ópera bufa. Primeiro porque não houve música. Depois porque de bufão o evento nada teve. Foi um drama. Chocante. O ato mais brutal da história. Um homem foi executado após ter sido torturado, e isto com requintes de crueldade. Mas o mais importante era quem este homem dizia ser, o que fizera e o que não fizera. Guardas, que anteriormente tinham ido prendê-lo, haviam voltado de mãos abanando e assim justificaram porque não o prenderam: “Nunca homem algum falou assim como este homem” (Jo 7.46). O testemunho de sua integridade era tão convincente que se apelou para a mentira para poder condená-lo. O drama já começou com um ato trágico. Da multidão que lá esteve, e que como toda multidão sentia-se ávida pelo terror, disse um historiador: “E todas as multidões que presenciaram este espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltaram batendo no peito” (Lc 23.48).

Terminado o espetáculo, com a morte daquele que se presumia ser um charlatão, o vilão da história, podia-se dizer que tudo estava acabado. Ledo engano. Na realidade, estava começando. Três dias depois começam a pipocar notícias de que aquele homem estava vivo. E as notícias correram com rapidez e extrapolaram os limites geográficos de seu acontecimento. Hoje, depois de mais de dois mil anos, esta notícia de que ele vive está mais forte que nunca, arraigada na mente e na experiência de milhões de pessoas. O drama do Calvário não foi um espetáculo de categoria discutível. Nos bastidores estava Deus. O protagonista principal do drama é o homem mais amado no mundo. O mais seguido, o mais adorado. É sobre ele que mais se escreve e mais músicas são compostas. E milhões de pessoas, hoje, dariam sua vida por ele como um ato de culto, sentindo-se dignificadas por se juntarem a uma rara estirpe de grandes vultos que mereceram esta honra. Por isso, esse drama, acontecido apenas uma vez e felizmente nunca mais reencenado, exerce um fascínio enorme sobre as multidões ainda hoje. O

ator principal está vivo, mais que nunca, na história. E ele é chamado de “ator”, aqui, não porque estivesse fingindo. A linguagem não é desrespeitosa. Ninguém poderá me acusar de desrespeito a este vulto, diante de quem me curvo e caio de joelhos. É assim chamado porque o papel principal no drama foi seu. Ele o desempenhou com uma dignidade tão grande que, ao invés de receber um Oscar dos homens, recebeu de Deus algo muito mais importante: um nome sobre todo nome e a promessa de que, um dia, todos os joelhos, no céu, na terra e debaixo de terra, se dobrarão diante dele e todas as pessoas o confessarão como Senhor (Fp 2.9-11). Respeitosamente, poderia se dizer que foi uma premiação divina. Ninguém o igualou. O cálice de cicuta de Sócrates se apequena e desaparece diante do impacto de sua cruz. Ninguém chegou aos seus pés.

Este drama me apaixona. Li-o pela primeira vez na adolescência, com catorze anos de idade. Mais de meio século depois ele ainda me comove e quando o leio as lágrimas me vêm aos olhos. Há uma feiúra impressionante em seu conteúdo. Ele é chocante, profundamente chocante! Como as pessoas são más! Como o ser humano é capaz de atos brutais! E como a multidão, contrariando o ditado popular que diz *Vox populi vox Dei* (“A voz do povo é a voz de Deus”), gosta de horror e tem prazer na maldade! Na realidade, *Vox populi vox diabolis* (e tratarei disto mais à frente). Porque multidão não pensa, mas é manipulada (os manipuladores nunca são boas pessoas e nunca têm boas intenções) e acaba dando vazão à sua maldade. O drama teve público, e um público que vibrou com a dor exposta. Mas, ao mesmo tempo, há uma beleza impressionante nele. Seus autores, o Pai e o Filho, que o engendraram na eternidade, escreveram uma obra fascinante. Um dos autores, o Filho, ainda foi o protagonista principal. E não escreveu o drama com tinta, mas com seu próprio sangue. Isto o torna mais fascinante e por isso ele nunca perderá seu impacto. Depois da exibição deste drama, o mundo, como um todo, nunca o esquecerá. E milhões de pessoas, que se envolveram existencial e passionalmente com o drama, nunca o esqueceram. O mundo foi mudado. E as pessoas também. Por isso, o drama do Calvário é o maior drama da história.

Um drama não é um monólogo, que tem apenas um participante que se exhibe diante de uma multidão. Houve o ator principal, houve platéia,

mas houve outros participantes. Aliás, neste drama, platéia e atores se fundem. O papel de cada participante será analisado neste livro. Suas falas, suas ações e suas contribuições para o todo serão consideradas. Assim veremos que Ele, o Ator, tem sete falas, e cada uma com uma profundidade extraordinária. Não foram momentos orais e teatrais, mas existenciais, que ele encarnou em sua vida. Cada fala sua foi vivida com absoluta integridade em sua curta vida. Foi um homem extremamente coerente. O homem que lavrou sua sentença, um tal de Pilatos (que só se tornou conhecido por causa dele) também tem uma participação. Que é medíocre, como ele foi, mas que faz parte do todo. A multidão que assistia também trabalhou no drama e deixou suas falas, que também consideraremos. O militar incumbido de zelar pela ordem durante o drama era um pagão. Sem dúvida, o mais estranho participante do drama. Estava ali cumprindo sua obrigação. E teve uma fala, apenas uma fala. Mas, que fala! “Verdadeiramente este homem era filho de Deus” (Mc 15.39). Esta frase tem sido repetida, com fervor e profunda paixão, por milhões de pessoas, ao longo da história, em diferentes ocasiões. O Grande Autor do drama, o Pai, também teve participação. Não falou. Só agiu. Mas como ensinou pelo que não falou e pelo que fez! E houve participantes também silenciosos, que viram e vivenciaram o drama de longe.

Assim veremos as sete palavras do ator principal, as chamadas “sete palavras da cruz”. Veremos a palavra da multidão, que denominei de “A palavra de zombaria”. Também as falas de Pilatos, que denominei de “Um personagem patético”. A ação do Pai, sem que ele fale, eu chamei de “O discurso sem palavras”. Denominei a palavra do militar de “A palavra da fé”. E a multidão ao pé de cruz, zombando e blasfemando, teve suas falas intituladas de “Vox populi, vox diabolis”.

A peça de Agatha Christie, “A ratoeira”, tornou-se famosa por ser a peça há mais tempo em cartaz nos teatros do mundo inteiro, em todas as épocas. Ficou em exibição por quase vinte e dois anos no New Ambassadors Theatre, em Londres. Presentemente é encenada no St. Martin’s Theatre. Está em exibição contínua desde 1952, com mais de vinte e três mil exhibições. No final da exibição, se pede aos espectadores para não revelarem o final da peça. O drama do Calvário só foi exibido uma vez, mas está em

alta há mais de dois milênios. E a quem conhece seu teor não se pede segredo, mas divulgação do seu enredo. Quem conhece este drama acaba usando as palavras dos apóstolos que o narraram a uma multidão cerca de dois meses depois de sua encenação: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido” (At 4.20).

É meu trigésimo terceiro livro. Sempre os dedico a Meacir Carolina, salvo raras exceções e raros acréscimos. Este é dedicado a Ele, o ator principal do drama. E só depois a ela. E este é o livro que, desde que comecei a produzir livros de conteúdo bíblico-teológico, sempre quis produzir, mas tinha receio porque nunca me achei digno de fazê-lo. Primeiro porque meus sonhos sempre foram pequenos. Tudo que eu esperava, quando seminarista e sonhando em ser pastor, era que um dia “O Jornal Batista”, órgão oficial de minha denominação, publicasse um artigo meu. Nunca pensei que fosse escrever um livro. E depois, porque fala dele, o maior vulto da história, e a maior paixão da minha vida: Jesus de Nazaré. Quem era e quem sou eu para escrever algo sobre ele? Mas com sua graça, escrevi. E o fiz como um ato de amor para com ele. Este livro é uma declaração de amor a Jesus, bem de acordo com meu hino predileto: “Jesus, Sempre Te Amo” (303 CC e 62 HCC), principalmente em sua estrofe final: “Eu te amo na vida e na morte também; sempre hei de louvar-te na glória de além. Agora e pra sempre por ti viverei e a ti, ó meu Cristo, me submeterei”.

Ao Ator principal, meu muito obrigado. Só lamento ter apenas uma vida para servi-lo.



A Idealização do Enredo

O drama do Calvário não foi uma obra intempestiva, produzida num eventual momento de inspiração. Foi elaborado muito tempo antes de sua apresentação. O redator principal, Deus Pai, sendo onisciente e sabendo da necessidade do drama, o idealizou antes mesmo de criar o mundo. No último livro da Bíblia, tanto em colocação no cânon como em data, se lê: “E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8).

No último livro da Bíblia, livro que é uma autêntica ópera, com muita música e corais como nunca o mundo ouviu, o ator principal do drama do Calvário é chamado de “Cordeiro”. É o título preferido do livro para Ele. Diz o Apocalipse que antes da criação do mundo a morte do Cordeiro já estava decidida. O drama estava escrito na eternidade. Não faz sentido e beira à blasfêmia um comentário do Pe. Murphy-O’Connor, que alega que o Ator principal só desempenhou o papel porque as coisas lhe fugiram ao controle, ele deu um passo em falso e o drama do Calvário foi

um acidente ¹. Não é isto que a Bíblia, o livro mais lido e mais íntegro do mundo, relata. Bem, deixemos este crítico para lá. O drama é muito maior que ele e não precisamos gastar mais tempo que este com ele. Os críticos negativistas deste drama passam, somem na poeira dos tempos, e ele continua em alta.

Não houve análise de pretendentes ao papel principal. Só havia uma pessoa com capacidade para desempenhá-lo, o Filho Eterno. Por isso, quando o Pai idealizou o drama, o Filho se apresentou para o papel principal: “Então eu disse: Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim) para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tendo dito acima: Sacrifício e ofertas e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste (os quais se oferecem segundo a lei); agora disse: Eis-me aqui para fazer a tua vontade. Ele tira o primeiro, para estabelecer o segundo” (Hb 10.7-9). Se o Pai o idealizou na eternidade, o Filho se dispôs a desempenhá-lo, também na eternidade.

Idealizado com tanta antecedência, o drama teve uma época determinada pelo Pai para sua exibição. Ele esperou pacientemente pelo tempo certo. “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Gl 4.4-5). O cenário onde o drama aconteceu, que é a história, foi preparado com esmero. Deus Pai trabalhou na história e a conduziu para que tudo estivesse preparado para seus desígnios acontecerem.

A história dos homens não é uma sucessão de eventos sem nexo, mas até mesmo aqueles que nos parecem sem sentido contribuem para sua marcha até o ponto determinado. Há alguém nos bastidores fazendo acontecer o que deve acontecer. Ou permitindo acontecer o que acontece. Deus Pai nunca perdeu o controle da história do mundo e a conduziu até a ocasião adequada para enviar o Ator principal ao mundo. De forma meio obscura, ele disse ao primeiro casal alguma coisa relativa ao drama: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabe-

1 Diz Murphy-O'Connor, literalmente: “Acontece que Jesus estava no lugar errado na hora errada”. Veja sua obra *Jesus e Paulo – vidas paralelas*. S. Paulo: Paulinas, 2008, p. 107.

ça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). A mulher ficou tão impressionada com este primeiro anúncio do drama que, quando nasceu seu primeiro filho, ela lhe pôs o nome de Caim, pensando que ele seria o ator principal. A Bíblia, o livro que registra o drama do Calvário, diz assim sobre a atitude da mulher: “Conheceu Adão a Eva, sua mulher; ela concebeu e, tendo dado à luz a Caim, disse: Alcancei do Senhor um varão” (Gn 4.1).

Sobre este episódio, assim comentei em outro livro:

“Alcançei” é *qanyty* que soa parecido com *qaym*. Vem do verbo *qânâ*, “adquirir; alcançar”. O nome de Caim está associado com a expressão de alegria de Eva por ter conseguido um filho. Presumem alguns estudiosos que ela estivesse pensando na promessa de 3.15. Logo poderiam voltar para o Éden! (...) A expressão “do Senhor” é, literalmente, “com Yahweh”. Pode significar que Eva tenha admitido que o seu primogênito seria o esmagador da serpente. Yahweh estaria ajudando-a no parto, trazendo-lhe o vitorioso sobre a serpente. Pobre Eva! Se realmente assim presumiu, como estava distante dos fatos! Morreria sem ver o Redentor e este só viria muitos séculos mais tarde.²

Mas não era apenas ela que ansiava por ver o drama encenado de imediato. Depois dela, muitas pessoas mais ansiaram pelo drama do Calvário: “Pois, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvis, e não o ouviram” (Mt 13.17). Tais pessoas não sabiam bem como seria, sequer tinham noção do conteúdo nem do seu desfecho. Sabiam apenas que o Pai escrevera um enredo que até então era desconhecido. Por vezes, tinham *insights* do que viria, mas não compreendiam muito bem como seria: “Todos estes morreram na fé, sem terem alcançado as promessas; mas tendo-as visto e saudado, de longe...” (Hb 11.13). Tinham a promessa do acontecimento, mas não puderam vê-lo.

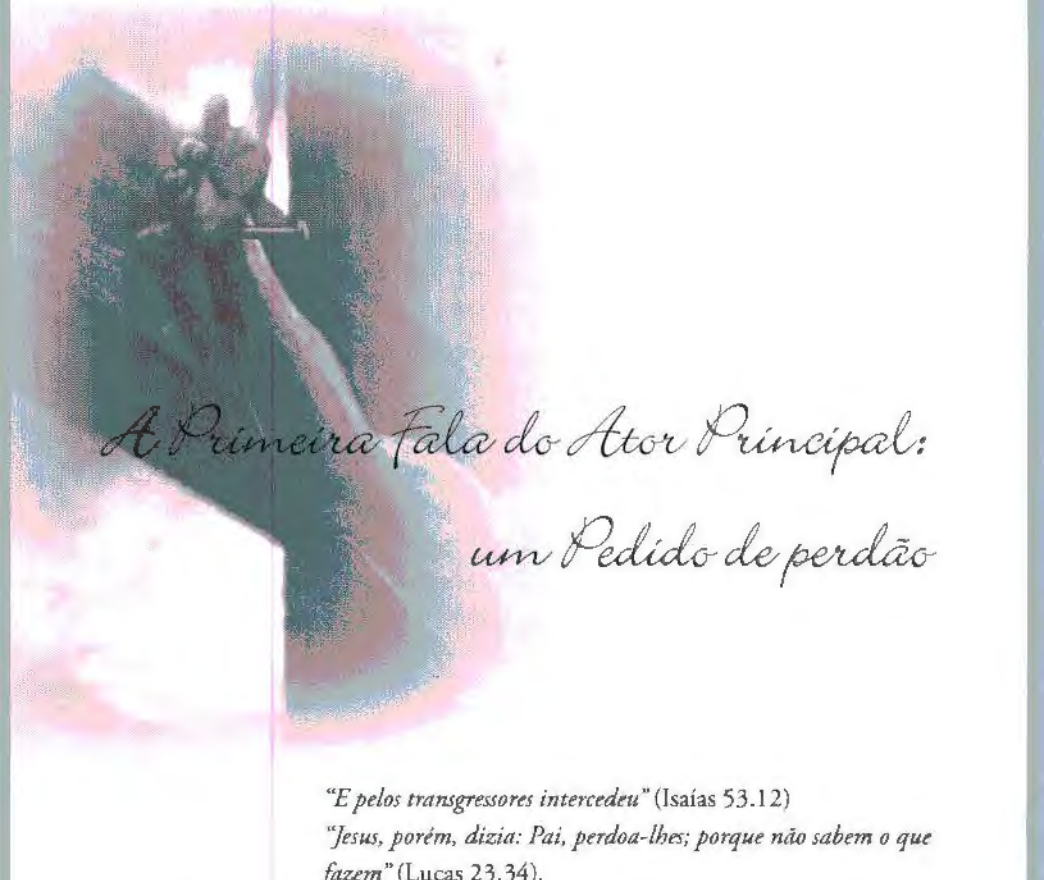
Por fim, veio o tempo do drama. Começou com o nascimento do Ator principal. Houve obstáculos, criados por um poder maligno, também ope-

2 COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Gênesis - Bereshith, o livro dos princípios*. SP: Abba, 2011.

rando nos bastidores, tentando impedir de toda maneira que ele fosse vivesse. Ou, então, que fracassasse. Mas o Pai estava determinado. E, desde cedo, o carisma do Ator principal foi enorme, fascinante mesmo. Seu nascimento já foi excepcional. Houve sinais cósmicos e até um coral angelical anunciando-o. Gente veio de longe para conhecê-lo. Era uma pessoa excepcional desde bebê. Pessoas especiais já sabiam que Ele estava destinado a desempenhar um grande papel. Um homem chamado Simeão disse sobre Ele quando ele ainda estava com oito dias de vida: “Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição” (Lc 2.34). Uma viúva, de oitenta e quatro anos de idade, mulher muito piedosa, viu o menino e se extasiou. Um historiador chamado Lucas disse sobre a atitude da anciã ao ver o Ator: “Chegando ela na mesma hora, deu graças a Deus, e falou a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2.38).

Assim, com essas palavras introdutórias podemos entrar no drama do Calvário. Para a ordem das falas do Ator principal, que respeitosa-mente chamamos até aqui de Ele, seguiremos a sequência que costumeiramente se considera terem sido pronunciadas. E a partir daqui passamos a citá-lo pelo seu nome: Jesus de Nazaré, ou Jesus Cristo, ou simplesmente Jesus, como o mundo o conhece e se refere a ele, mais comumente. As demais falas e papéis sem fala obedecerão à ordem encontrada em obra de Ilson Kayser³. Acompanhe o drama com o coração aberto. O Autor e o Ator lhe recompensarão grandemente.

3 KAISER, Ilson. *Sinopse dos três primeiros evangelhos*. S. Leopoldo: Sinodal, 1996.



A Primeira Fala do Ator Principal: um Pedido de perdão

"E pelos transgressores intercedeu" (Isaías 53.12)

"Jesus, porém, dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem" (Lucas 23.34).

*A*s sete declarações de Jesus na cruz são chamadas de "As sete palavras da cruz". Isto pode nos trazer alguma confusão porque "palavra", para nós, pode significar uma declaração, como no caso. Mas pode significar também um vocábulo. Espero que o leitor entenda a diferença do termo pelo contexto, quando de seu emprego. Os comentaristas presumem que as três primeiras declarações foram pronunciadas antes das trevas se abaterem sobre a região. São elas: esta que ora comento, a promessa ao ladrão arrependido (Lc 23.43) e a entrega de sua mãe aos cuidados de João (Jo 19.26,27). Esta primeira fala é dirigida para cima. A segunda, para o lado. A terceira, para baixo.

Começemos a análise desta declaração pelo seu primeiro vocábulo: "Pai". Era assim que Jesus chamava a Deus. O termo aramaico, a língua natal de Jesus, é *'abba'*. Que seria mais bem traduzido por "Papai" ou "Paizinho". Aliás, hoje diríamos "Paizão", na fluência da língua. Estamos bas-

tante acostumados a chamar a Deus de Pai. Mas antes de Jesus nenhum homem assim procedera. Sobre isto, Joachim Jeremias nos diz o seguinte: "Até hoje ninguém forneceu um único exemplo saído do judaísmo palestinese em que Deus seja chamado de 'meu Pai' por um indivíduo. Encontram-se alguns casos no judaísmo helenístico, mas são devidos à influência grega"⁴. Ou seja, no judaísmo original e bem como em todo o Antigo Testamento, ninguém, antes de Jesus, chamara a Deus de "meu Pai". É um tratamento inédito. Jesus se via como filho de Deus, não no sentido em que nos vemos, mas num sentido especial. Era o Filho. O Pai o chamara anteriormente de "meu Filho" (Mt 17.5). O relacionamento entre os dois era de Pai e Filho, durante o ministério de Jesus. E continuou durante a crucificação.

E mais uma vez citando Jeremias, após ele declarar que nenhum judeu chamou a Deus de '*abba*':

Eis-nos, pois, autorizados a dizer por que *Abba* não se usa nas orações judaicas para invocar a Deus: seria desrespeitoso, e portanto impensável para uma mentalidade judaica, chamar a Deus com um nome tão familiar. Foi algo de novo, único e inaudito, ter Jesus ousado tomar esta iniciativa e falar a Deus como uma criança fala a seu pai, com simplicidade, intimidade e sem temor. Portanto, não há dúvida alguma de que a palavra *Abba*, utilizada por Jesus para dirigir-se a Deus, revela-se o próprio fundamento de sua comunhão com ele.⁵

A coerência de Jesus se observa também no fato de que ele morreu exatamente como viveu. Por toda a sua vida ele chamou a Deus de "Pai". E quando seu processo de morte se iniciou foi esta a primeira palavra em sua boca. Usamos o termo, hoje, de maneira tão irrefletida! Acostumamo-nos a Deus como Pai, exatamente por causa de Jesus. Fomos ensinados a nos referirmos ao Criador como Pai. Mas por trás desta palavra está um tipo de relacionamento que não pode ser minimizado. Mais que uma figura de

4 JEREMIAS, Joachim. *A mensagem central do Novo Testamento*. 3ª. ed., S. Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 19.

5 Ib. *ibidem*, 25.

autoridade, o termo vem carregado de conotações como cuidador, protetor, orientador, etc. Estas conotações demandam que quem chame a Deus de seu Pai tenha experiência de sua providência e de sua bondade. Algumas pessoas tiveram pais ausentes ou opressores, e assim perderam em sua vida o impacto do que seja a palavra. Lembro-me que quando meu filho sofreu um acidente de moto, em Marabá, no sul do estado do Pará. Precisamos levá-lo para Brasília, onde eu morava, para tratamento imediato, que incluía cirurgia bem difícil. Acalmei minha nora, tomei as providências para sua viagem, aquei minha esposa e minha filha, mantendo tranquilidade em casa. Orei e me preparei espiritual e emocionalmente para o encontro com ele. Mas quando o vi desembarcar de muletas, esfolado, com curativos sangrando devido ao tempo de viagem sentado, meu coração se desmontou. Era meu filho que estava machucado, sangrava e gemia. A perna estava quebrada e o joelho fragmentado. Como aquilo me doeu! Eu preferiria estar no lugar dele, sofrendo por ele, mas que ele estivesse bem! Entendi que quando estou machucado, quer física quer emocionalmente, meu Pai celestial, que é muito mais sensível que qualquer um de nós, deve sentir muito. Pensamos em um Deus carrasco, punitivo, pronto a ver nossas falhas e nos castigar. Ou em um Deus que é apenas uma força cósmica, mera energia impessoal. Jesus nos ensinou que Deus é Pai. Há uma carga emotiva muito forte neste vocábulo.

A primeira declaração de Jesus é profundamente surpreendente. É desconcertante, mesmo. Muitos dos circunstantes eram militares romanos, homens afeitos à dureza da vida, a batalhas e à repressão militar. Perdão não fazia parte do seu cotidiano. Na realidade, na cultura de Roma, era uma fraqueza moral. Outros eram oficiais do templo, incluindo aí os guardas. Outros, ainda, eram apenas assistentes. Como muita gente hoje, ávida por sensacionalismo, por sangue. Mas seu pano de fundo religioso era judeu, e perdão aos adversários não fazia parte de sua formação religiosa. Muitas dessas pessoas que lá estavam já haviam participado de outras crucificações. Tinham visto os executados blasfemarem, chorarem desesperados, proferirem maldições. O que presenciavam agora era completamente diferente. O homem da cruz central está orando! E pedindo que Deus, a quem ele chama de Pai, perdoe seus algozes!

Sendo judeus, eles conheciam as imprecações, que eram orações amaldiçoando alguém. Em termos mais atuais, uma imprecação era uma maldição. Era, como costumam dizer as pessoas, “rogar praga contra alguém”. Este era o mundo religioso dos contemporâneos de Jesus: rogar pragas contra seus desafetos. Algumas das suas orações mais famosas eram chamadas de “salmos de imprecação”.

Uma das imprecações mais famosas era esta: “Ah! Filha de Babilônia, devastadora; feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós; feliz aquele que pegar em teus pequeninos e der com eles nas pedras” (Sl 137.8,9). Era uma oração para que as crianças dos caldeus fossem arrebatadas contra as pedras. Mas Jesus agiu de maneira diferente. Como é que este homem orava deste jeito e não como eles foram ensinados? Havia recebido este ensino sobre orar amaldiçoando, inclusive, como revelação divina! A primeira declaração de Jesus é desconcertante, como Jesus o foi em toda a sua vida. E como ainda é, embora leiamos sobre seus ensinamentos há tantos anos.

Era costume, por causa da sua formação religiosa, que os crucificados judeus fizessem esta oração: “Que a minha morte apague todos os meus pecados”. Era a orientação religiosa que recebiam dos sacerdotes, quando da assistência espiritual tipo “extrema unção”, no rito católico. Jesus não tem pecados para serem perdoados. “Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1Pe 2.2). E se alguém presumir que esta declaração de Pedro fica sem valor porque foi dita por um seguidor do Mestre, recorde um desafio feito por ele a seus oponentes: “Quem dentre vós me convence de pecado? Se digo a verdade, por que não me credes?” (Jo 8.46). Como é fácil encontrar defeitos na vida alheia! Mas seus oponentes se calaram porque não havia pecado na vida dele.

Não sendo um homem pecador, não tendo nada pelo que pedir perdão, Jesus ora de outra maneira. Assim é que primeira palavra-sentença é uma intercessão. Mas Jesus não pede por si. Nem por amigos ou parentes. Pede pelos seus algozes. A primeira palavra da cruz é uma palavra de pedido de perdão. Um símbolo do que é o evangelho: uma mensagem de perdão. Um dia vi um adesivo, em um veículo, com esta declaração: “Reencarnação – uma questão de justiça”. Se fabricasse adesivos, eu faria outro: “O evange-

lho – uma questão de perdão”. Este é o grande legado do cristianismo ao mundo, o perdão. Não apenas de Deus para conosco, mas perdão que devemos exercer uns para com os outros. O judaísmo dizia: “Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (Êx 21.24). Os judeus que ali estavam conheciam a história dos macabeus, e como, no martírio dos sete irmãos, estes foram mortos de maneira cruel, mas rogando juízo sobre seus algozes e sobre Antíoco ⁶. A lei e a história judaica endossavam a atitude de lançar maldições e desejar juízo rigoroso sobre os opressores. Consciente e deliberadamente Jesus opôs seu ensino ao trazido por Moisés: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar mil passos, vai com ele dois mil” (Mt 5.38-41). Ele desestimulou a vingança e estimulou o perdão. Ensinou o perdão e viveu o perdão. Seus seguidores imediatos vivenciaram o perdão, como Estêvão o demonstrou (“Apedrejavam, pois, a Estêvão que orando, dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado” – At 7.59-60). Mais tarde, mostrando que este é o espírito que deve nortear o relacionamento social dos seguidores de Jesus, Paulo orientou: “Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, uns para com os outros, e para com todos” (1Ts 5.15).

O ensino de perdão trazido por Jesus não tem paralelo na história das religiões nem no pensamento secular. E ele afirmou o perdão com tal veemência que muitos pensam que sua mensagem foi o amor (porque o ato de perdoar demanda amor). Precisamos corrigir este equívoco. A mensagem central de Jesus não foi o amor nem o perdão. Foi ele mesmo. Ele pregou-se a si mesmo. Ele era o centro de sua mensagem. Mas, realmente, amor e perdão tiveram lugar em sua pregação como nunca tiveram na pregação e ensino anteriores. Afinal, um mestre da envergadura de Platão chegou a

6 Esta história é relatada no livro não canônico de 2Macabeus. Mesmo não o considerando inspirado, os judeus respeitavam este livro. Embora também não o considere canônico, cito-o aqui como história.

elogiar “o ódio não adulterado para com um estrangeiro” (*Menaxenus*, 245). No monumento a Sula, no Campo de Marte, em Roma, estava a inscrição: “Nenhum de meus amigos me fez tanto bem, e nenhum de meus inimigos me fez tanto mal, que não lhe pagasse eu com juros”.

Carnegie Simpson, numa das obras que mais me marcaram (li-a, pela primeira vez, quando estava com 16 anos e desde então a reli umas dez vezes) declarou:

Como idéia, a mentalidade antiga não desconhecia o perdão; não obstante, ninguém esperava vê-lo praticado em sua vida, bem como na dos outros. Jesus fez do perdão uma coisa operativa, eficaz. Ele jamais guardou ressentimento e nunca deixou que as ofensas pessoais lhe criassem raiz no coração; em seu peito nunca albergou a crueldade; nem por um só momento pensou em vingar-se; e, mais – não só não fez essas coisas. Mas agiu diariamente no espírito daquela oração que fez na cruz...⁷.

Jesus pregou o perdão, viveu o perdão, e na hora da morte pediu perdão pelos seus exatores, e ainda teve tempo de oferecer perdão a um dos companheiros de suplício.

“Perdoa-lhes”. Quem é o “lhes”? Quem é o objeto do pedido de perdão? Considerando que o verbo “perdoar” (no grego, *aphiêmi*) vem no caso dativo, Robertson, erudito helenista, diz que “Jesus, evidentemente, estava orando pelos soldados romanos, que estava ali obedecendo ordens, mas não pelo Sinédrio”⁸. Douglas Webster, em outro livro que me acompanha desde a adolescência e que reli muitas vezes, em seu comentário sobre esta declaração de Jesus deixa claro que entende que ela se restringia aos soldados. Diz ele: “Estes eram homens que estavam cumprindo o seu dever, realizando um trabalho de rotina. Eram os soldados designados para encravá-lo na cruz... Os soldados eram somente as mãos pagas para realizarem os pervers-

7 SIMPSON, Carnegie P. *A vibrante realidade de Cristo*. Sem localidade definida, Casa Editora Evangélica, 1960, p. 60.

8 ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word pictures in the New Testament. Vol. II: The gospel according Luke*. Nashville: Broadman Press, s/d., p. 285.

sos planos nascidos nas mentes de outros. Estavam sob ordens”⁹. No entanto, Leon Morris, outro erudito estudioso do Novo Testamento, assim se pronuncia: “Não define restritamente aqueles em prol dos quais ele ora, e seu *lhes* provavelmente incluía tantos os judeus que eram responsáveis por sua crucificação quanto os romanos que a levaram a efeito”¹⁰. Inclino-me mais para a posição de Morris, que é a de muitos outros comentaristas. Este alcance da oração de Jesus está em consonância com seu ensino: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguiram e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós” (Mt 5.10-12).

Ao relatar o início fulminante da comunidade de Jesus, Lucas deixa uma nota que mostra que esta oração de Jesus foi respondida: “E divulgava-se a palavra de Deus, de sorte que se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém e muitos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6.7). Um bom número de sacerdotes se convertia ao evangelho. Ele pediu perdão para seus carrascos, condenadores e adversários em geral. A oração tinha uma profunda razão de ser. Imaginemos que um dos soldados que o crucificaram, mais tarde, se convertesse. Ele nunca se perdoaria por ter pregado o Salvador na cruz. Paulo sempre se lastimou por ter perseguido a igreja de Cristo, e mais de uma vez assim se expressou. Chegou a dizer que por este motivo nem era digno de ser apóstolo: “Pois eu sou o menor dos apóstolos, que nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus” (1Co 15.9). Podemos presumir como se sentiria um dos soldados cujas mãos tivessem segurado Jesus enquanto outros o crucificavam. Ou se ele tivesse cravado um dos pregos nos pulsos ou nos pés de Jesus. Os sacerdotes carregavam a culpa da morte de Jesus. Mas ele intercedeu por eles. Isto se chama graça. É uma provisão do Senhor aos nossos pecados. Este é o significado da graça divina. Ela precede nossos pecados. Todo nosso per-

9 WEBSTER, Douglas. *Em dívida com Cristo*. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, s/d, p. 33.

10 MORRIS, Leon. *Lucas – introdução e comentário*. S. Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 306.

dão está antecipado. Deus não apenas prevê, mas pré-age também. Costumamos muito falar de fé e até, equivocadamente, com visão parcial, dizermos que somos salvos pela fé. Não somos salvos pela fé, mas somos salvos *pela graça, por meio da fé*: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2.8). Na origem de tudo está a graça. Poderíamos ter uma tonelada de fé, mas esta, sem um grama da graça, de nada valeria. Como disse o Batista: “O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu” (Jo 2.27). Não arrancamos a salvação nem as bênçãos de um Deus relutante, mas nós as obtemos pela graça. É da cruz central do Calvário que nos vem o perdão. Na cruz e, principalmente na primeira sentença proferida por Jesus, está a maior manifestação da graça divina.

Esta oração de Jesus também estava predita, fazendo parte de um dos cânticos do Servo Sofredor de Isaías, com nítido conteúdo messiânico: “e pelos transgressores intercedeu” (Is 53.12). Aliás, é bastante significativo que muitos dos detalhes e momentos da crucificação estejam apontados, mesmo que de forma velada, no Antigo Testamento. Até mesmo a intercessão de Jesus pelos seus executores.

O pedido de perdão inclui a frase “porque não sabem o que fazem”. A igreja reafirmou, pela boca de Pedro, a alegação de ignorância dos crucificados: “Agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades” (At 3.17). Mas isto não os tornava desculpáveis? Obviamente, não. A ignorância pode atenuar, mas não cancela de maneira nenhuma a responsabilidade dos autores de tão hediondo crime. Tanto que em Atos 4.19 os ignorantes são chamados ao arrependimento: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, de sorte que venham os tempos de refrigério, da presença do Senhor”. Eram ignorantes, mas culpados. Tanto que precisavam de conversão. Culpados, sim, mas alvos da misericórdia. A *Interpreter's Bible* assim comentou: “A ignorância dos soldados era ignorância circunstancial. A ignorância dos judeus era judicial. Mas ambos foram apresentados perante a face de Deus

com uma prece misericordiosa”¹¹. Se a ignorância é passível de punição, também é passível de graça. O desejo de perdão do Senhor é para todos. E a base de nosso perdão é a oração e a obra de Jesus. Como bem disse Lutero: “Quem quer que hesite e duvide que seus pecados estão perdoados, não confia mais em Deus e não espera em Cristo, pois considera seu pecado maior e mais forte do que a morte e o sangue de Cristo”¹².

O crucificado vai morrer, mas mesmo assim, em agonia, ainda domina o cenário. Ele se impõe sobre todos. Não apenas por sua figura, mas por sua obra. Voltando a Webster: “A ação de Deus em Cristo, sobre a cruz, foi maior e mais forte do que ação daqueles que o colocaram nela”¹³.

A primeira palavra da cruz é uma oração. Com um conteúdo absolutamente inesperado. Ela nos mostra o Salvador tirando beleza da feiúra, tirando grandeza da vergonha. Isto é típico de Jesus. Ele tem poder e caráter para transformar as piores situações nas mais belas situações. Ele fez isto na cruz. Ele tem feito isto em milhões de vidas ao longo da história, transformando-as. Transformou a vida de um homem cheio de ódio, como Saulo de Tarso, no grande teólogo e missionário do evangelho. Transformou pessoas depravadas em santas, fracassadas em vencedoras, gente sem caráter em modelo de vida. Tem transformado vidas que se colocam diante dele dispostas a aprender de seu sacrifício. A cruz era instrumento de humilhação e de tortura. Era destinada às piores pessoas, aos mais vis criminosos. Ele a assumiu. E desde então, a cruz é um símbolo de amor. Porque o homem que foi pendurado nela tem o estranho poder de mudar circunstâncias. Ele mudou a História. Ele muda histórias. O Crucificado mudou o mundo, mudou a história e muda as vidas das pessoas que se rendem a ele. Glórias sejam dadas ao Homem da cruz central!

11 BUTRICK, George (editor). *The interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon Press, Vol. VIII, s/d., p. 408.

12 Citado por Bernhard Citron, em *New birth*, p. 180. Não disponho de mais dados da obra.

13 WEBSTER, op. cit., p. 37.



A Segunda Fala do Ator Principal: uma Promessa de Segurança Pessoal

"Então foram crucificados com ele dois salteadores, um à direita, e outro à esquerda" (Mateus 27.38).

"Também, com ele, crucificaram dois salteadores, um à sua direita, e outro à esquerda" (Marcos 15.27).

"Tomaram, pois, a Jesus; e ele, carregando a sua própria cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio" (João 19.17-18)

"Então um dos malfeitores que estavam pendurados, blasfemava dele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal fez. Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23.39-43).

No capítulo anterior fiz esta observação: “Esta primeira fala é dirigida para cima. A segunda, para o lado. A terceira, para baixo”. Agora estamos na palavra que Jesus dirige para o lado. Ele a pronuncia a um dos crucificados.

A segunda declaração de Jesus na cruz é uma promessa de segurança pessoal. Na primeira ele orou pelos adversários. Na segunda, ele se dirige a um dos homens que antes o ofendiam. Seu foco ainda são os adversários. Mas este, agora, é um adversário diferente. Deixou de sê-lo e se tornou seu seguidor. Não teve muito tempo para segui-lo, mas mesmo assim recebeu uma promessa fantástica, que não se restringiu àquele tempo, e que tem alentado milhões de corações ao longo dos tempos. Porque aprendemos aqui que quem confessa a Jesus recebe a promessa da vida eterna, com ele, no Paraíso.

Jesus foi colocado na cruz entre dois homens. Havia três crucificados, sendo ele o homem da cruz central. Este episódio é narrado pelos quatro evangelhos, inclusive o não sinótico, João. Começemos nossos comentários por Mateus. O primeiro evangelista narra três episódios em que aparecem a expressão “à direita e à esquerda”. O primeiro é quando a mulher de Zebedeu, mãe de Tiago e João, faz um pedido a Jesus: “Perguntou-lhe Jesus: Que queres? Ela lhe respondeu: Concede que estes meus dois filhos se sentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino” (Mt 20.21). O segundo é quando ele fala do juízo final: “E porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda” (Mt 25.33). Este momento da crucificação é o terceiro. No primeiro, uma pessoa pede a glória no reino por vir, para outras pessoas. No terceiro, Jesus fala do juízo no reino por vir. Agora, o reino está se implantando. A cruz definirá o reino. E este é terceiro episódio, e que é o tema da segunda declaração de Jesus na cruz: um homem lhe faz um pedido para entrar no reino, e recebe dele a promessa de que esta entrada sucederia ainda naquele mesmo dia.

A cruz é um símbolo de amor, como vimos na primeira declaração. Mas é também símbolo de juízo, incluindo aí salvação e perdição. Ao lado de Jesus estavam dois homens. Ressalte-se que nenhum dos dois era bom. Nada podemos afirmar sobre a religiosidade dos dois. Mas sabemos que eram criminosos. Pelos padrões da época mereciam ser condenados. Pode-

mos discordar da forma da execução, mas não da condenação em si. Ao longo da história, a sociedade tem criado mecanismos para se defender de criminosos. A sociedade em que Jesus vivia também criara os seus mecanismos e os aplicou a eles.

A cruz nos mostra que há salvação e perdição. E que estas não vêm pela religiosidade ou bondade/maldade das pessoas, mas sim pela posição dela diante de Jesus. É a postura das pessoas diante do Cristo Crucificado que determina seu destino final. O ladrão arrependido não frequentou igreja, não recebeu sacramentos, não pagou promessas, não participou de campanhas de quarenta dias. Apenas se arrependeu e creu em Jesus. É isto que vale para obter-se a salvação.

A tradição católica deu nomes aos companheiros de crucificação de Jesus: Gestas, o ladrão que não se arrependeu, e Dimas, o convertido, chamado, inclusive, de “bom ladrão”. Ora, isto não faz sentido porque não existe alguma coisa como “bom ladrão”. Todo ladrão é mau porque priva alguém de algum bem que lhe era seu por direito de propriedade. Robin Hood, o “ladrão herói”, é figura de ficção. Se porventura existiu, o que nos mostram sobre ele é romaneado. Não podemos fazer exegese bíblica por sentimentalismo (embora isto esteja se tornando prática comum em nosso meio), bem como precisamos perder o hábito de estabelecer convicções religiosas com base no sentimentalismo popular, ao invés de nos fiarmos no que a Bíblia nos mostra. Os homens que foram crucificados com Jesus eram criminosos. Isto já fora predito no livro do profeta Isaías: “e foi contado com os transgressores” (Is 53.12). A Bíblia diz que os dois, a quem Mateus chamou de salteadores, zombavam de Jesus: “O mesmo lhe lançaram em rosto também os salteadores que com ele foram crucificados” (Mt 27.44). A brutalidade de sua condenação pode ser contestada, mas não a sua culpa. Eles eram culpados, nenhum dos dois era bom e nenhum dos dois tinha mérito religioso.

O que salvou o ladrão que a tradição chama de Dimas não foi sua bondade ou sua religiosidade, mas seu arrependimento e sua fé em Jesus Cristo. Ele viu o que os líderes religiosos não conseguiram ver, que Jesus era Rei: “Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino”.

Que oração! Ela nos lembra uma oração que Neemias fez, mais de uma vez: "Lembra-te de mim, meu Deus". Assim procedeu um dos criminosos do Calvário: sem presumir que tinha direitos, mas apenas pedindo que Jesus se lembrasse dele. Esta petição parte de um admirável rasgo de fé. Naquele momento, Jesus podia se parecer com tudo, menos com um rei. Era-lhe igual, um homem julgado como criminoso e condenado à cruz, como se fosse perigoso e altamente vil. Mas o ladrão nos mostra o que é fé. Fé é ver com os olhos da alma, ver o que os outros não vêem. Ele vê que Jesus é rei e dá uma guinada na sua vida, que está rapidamente se extinguindo. Ele censura o amigo. Rompe com sua atitude anterior. Isto se chama arrependimento. Muita gente hoje confunde fé com roubo e com passionalidade. Por ter um temperamento agitado e espírito triunfalista, a pessoa apregoa sua fé. Mas a fé é mais que mero sentimento. Ela tem um componente espiritual, que é a entrega da situação em que se vive e da vida com um todo a Deus, mas a fé salvadora tem um componente ético, que é o arrependimento. Porque a fé faz confiar em Deus e não em métodos escusos. E o que chamamos de fé salvadora inclui necessariamente o arrependimento, porque leva a pessoa a ver que as atitudes anteriores estão erradas. O homem não foi salvo apenas porque creu, mas porque se arrependeu e creu. E tendo se arrependido, mudou sua atitude. O arrependimento tem ponto central na teologia da salvação. Não há salvação para impenitentes. "Não há paz para os ímpios, diz o Senhor" (Is 48.22 e 57.21).

Sua mudança se inicia quando, tocado pela graça de Deus, e surpreendido com o procedimento espantoso do surpreendente homem da cruz central, ele repreende o colega: "Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação?". A fé autêntica inclui o temor de Deus. Produz reverência e respeito ao Santo. Há comportamentos bizarros de pessoas que alegam ter fé, mas que não mostram reverência nem respeito algum por Deus. Alguns vêem Deus como um coleguinha ou um irmão mais velho. Um irmão me contou, espantado, a oração que ouviu em um programa evangélico radiofônico. Disse o "missionário" que orava: "Ó Deus, pára tudo que o Senhor estiver fazendo agora e presta atenção no que eu digo!". Tal procedimento não parece muito saudável. O ladrão arrependido não reivindica, não declara, não profetiza. Não realiza nenhum ato

profético (seja lá o que isso signifique, hoje). Apenas pede. O homem da cruz central pode estar na mesma situação dele, mas merece respeito. A ele se pede, não se determina. Não podemos exigir de Deus. Não temos mérito e ele se relaciona conosco com base em sua graça. É bom ressaltar isso que alguns pregadores neopentecostais têm negado a graça com suas declarações pomposas de “Eu ordeno” ou “Eu declaro”. Negar a graça é negar todo o espírito do evangelho. O evangelho se baseia na graça de Deus e não no mérito humano.

Ele caiu em si, como aconteceu com o pródigo. Bem o disse Bengel: “Sua situação numa ‘cruz tremendamente dura’ talvez tenha tido alguma coisa a ver com a atitude transformada, pois ‘a conversão raramente ocorre num sofá macio e confortável’”¹⁴. Após cair em si e repreender o colega, ele confessou sua culpa: “E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem”. A espiritualidade sadia se lastreia aqui. Ela leva a pessoa a reconhecer seus pecados. As pregações contemporâneas tendem a omitir o pecado e a necessidade do ouvinte reconhecer sua culpa. Podem se ouvir sermões televisivos meses a fio, sem ouvir a palavra “pecado” ou “culpa” ou mesmo uma exortação ao arrependimento. Estas palavras não dão *ibope* nem rendem contribuições. Muitos cultos são estruturados para levar as pessoas a se sentirem bem e a desejarem voltar na próxima semana, porque o ambiente foi “camarada e legal” para elas. A preocupação com a fidelização de clientes tem se tornado maior que a lealdade ao ensino bíblico. A excessiva humanização da vida cristã, tirando-lhe o caráter sagrado, tornando-a apenas em uma camaradagem fraterna e recebimento de bênçãos, fazendo da igreja um espaço agradável e receptivo, por vezes leva a omitir a verdade bíblica. Não nos aproximamos de Deus pela festa, mas pela contrição. Este homem começou a jornada da salvação ao reconhecer que era pecador.

Em seguida ele inocentou Jesus: “Mas este nenhum mal fez”. Um erudito do grego neotestamentário disse que a frase significa, originalmente: “Este não fez nada fora do lugar”. Ele nunca fez nada errado. Pedro expressou isto, na pregação na casa de Cornélio: “Concernente a Jesus de Nazaré,

14 Citado por MORRIS, p. 308.

como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). O ladrão arrependido reconheceu o caráter de Jesus. Reconheceu que ele nada fizera de errado.

"Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino". Graças a Deus porque esta oração foi feita. Ela é sinalizadora. Mostra como Jesus aceita os arrependidos, e o que faz em suas vidas. E que resposta esta oração obteve! "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". A expressão "em verdade" é designativa de algo solene a ser dito. Lucas a registra apenas seis vezes, mas Mateus e João a registram com freqüência. Elas introduzem alguma declaração importante e significativa. A palavra de Jesus não é banal, pronunciada fortuitamente. O que ele pronuncia a seguir tem segurança e valor. E o que diz é mais uma de suas declarações desconcertantes: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". Nem assim os circunstantes se tocaram: não é possível que este homem seja um farsante! A morte desmascara as pessoas. Ninguém finge ou é teatral na hora da morte. É o momento do desespero e a hora da realidade. Mas Jesus está mais preocupado em oferecer um lugar para o homem na eternidade do que consigo mesmo. Nem assim eles compreendiam. Quem é a pessoa que, na hora em que está morrendo, pode oferecer salvação aos outros? Se nem a sua ele garantia, como podia garantir isso a outro? Ou era absolutamente insano, e isso eles sabiam que Jesus não era, ou havia algo por trás de sua declaração e de sua atitude que deveria trazê-los à reflexão. Quem é este homem que oferece o paraíso, na hora de sua morte? E em que termos ele oferece!

O tempo da salvação é "hoje", não amanhã, não depois de sucessivas reencarnações, não depois de cerimônias religiosas em intenção de sua alma. Nem depois de um longo sono da alma. Mas "hoje"! *The Interpreter's Bible* comentou assim sobre a promessa ao ladrão arrependido: "Ao criminoso penitente se promete mais do que ele pediu. Sua ventura não será postergada até que Jesus venha inaugurar seu reino. Ela começará no mesmo dia, no céu"¹⁵. Esta é a garantia que vem da palavra de Jesus. Ele tem

15 BUTRICK, op. cit., p. 411.

autoridade para dizer que recebe a pessoa, com base no seu querer. A salvação não é uma possibilidade remota, sujeita as variáveis de comportamento religioso ou cumprimento de ritos religiosos. Ela repousa sobre o querer de Jesus, bem como sobre sua autoridade. Ele quer salvar e tem autoridade para salvar.

Mas as riquezas da promessa continuam! “Estarás comigo”, não num lugar sombrio, num *sheol* escuro, num dormitório espiritual, esperando até ser despertado e trazido de volta à vida. Não num purgatório de almas em um estado sombrio, mas “comigo”. Voltando a Webster: “Não um ser esquecido, vivendo na obscuridade, em um vasto reino, mas na presença do Rei!”¹⁶. Sim, Jesus pode fazer mais em nossa vida do que pedimos ou pensamos: “Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera” (Ef 3.20).

“No paraíso”, completa Jesus. Compreendamos um pouco mais do que está sendo oferecido pelo Senhor, considerando esta citação da *Review and Expositor*:

Ao ladrão arrependido, Jesus oferece o Paraíso. Os judeus emprestaram este termo dos persas, e o usavam para designar um lugar após a morte, com vários significados: (1) um parque agradável; (2) o Jardim do Éden; (3) “seio de Abraão”, que era como se chamava o lugar de permanência da morte até a ressurreição; (4) um lugar no céu, talvez o chamado “terceiro céu”. No entanto, a ênfase colocada por Jesus é “comigo”, que sublinha o fato que o ladrão estará (como já está) unido com Cristo no presente bem como no futuro¹⁷.

Ainda sobre este termo, Robertson comenta que ele “não era usado para um suposto estado intermediário, mas para a bem-aventurança no

16 WEBSTER, op. cit., p. 44

17 BLEVINS, James. “The passion narrative” in *Review and expositor – a baptist theological journal*. Published by the Faculty of the Southern Theological Seminary, Louisville, Kentucky. Vol. LXIV, nu. 4, p. 521

próprio céu”¹⁸. A palavra ocorre em duas outras passagens do Novo Testamento: 2Coríntios 12.4 (“Que foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”) e Apocalipse 2.7 (“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus”). Em ambos os casos, a referência é bem clara, aludindo a um lugar celestial.

Assim o ladrão arrependido ganha sua salvação. A soma de todas estas atitudes com a palavra de Jesus fez dele o primeiro salvo pela fé em Cristo e pela sua cruz. É a primeira oração que pede e recebe a salvação espiritual. E ela foi feita exatamente no Calvário, invocando-se o nome de Jesus, o mediador da nova aliança que Deus fez com os homens. A cruz começou a produzir efeitos com o Salvador ainda vivo. A salvação começa no momento em que a pessoa se rende a Cristo, e une-a a Cristo e garante sua eternidade com Cristo.

É muito bom para a igreja que o primeiro salvo pela cruz, nosso ancestral na fé, tenha sido um ladrão, condenado pelas leis romanas. O primeiro homem a entrar na eternidade como cristão foi um criminoso. Com muita facilidade tornamos a igreja uma instituição burguesa, de pessoas que se julgam moralmente superiores às demais. Como há membros de igreja arrogantes, julgando que eles são uma elite, uma casta espiritualmente superior, e que torcem o nariz para os moralmente desvalidos. Em meu livro *Jonas, nosso contemporâneo*, narrei a história de uma prostituta que se converteu e começou a freqüentar uma igreja. Mas as senhoras disseram ao pastor que a presença daquela mulher no meio delas era um insulto à dignidade delas, e que se a mulher continuasse a freqüentar a igreja, elas se transfeririam para outra. Pensamos em igreja como academia de ginástica, um local para pessoas saudáveis. Ela é um hospital, para pessoas doentes. Ela existe para tratar as pessoas pecadoras. Uma pessoa colocou em seu msn (endereço postal na Internet): “A verdadeira igreja não tem pecados”. Não sei de onde ela tirou isso. A verdadeira igreja é de pecadores, de gente que reconhece que é pecadora, mas se entrega a Cristo para receber o perdão dos pecados e superar suas falhas. Como disse Eugene Petersen, bem hu-

18 ROBERTSON, op. cit., p. 286.

morado: “Nenhuma igreja jamais existiu em estado puro. É composta de pecadores. As pulgas acompanham o cachorro”¹⁹. E, como disse Lutero: “A face da igreja é a face do pecador”. Não somos perfeitos, mas estamos em reconstrução. Um outro cristão colocou em seu endereço na Internet esta declaração: “Tenham paciência comigo. Estou sendo refeito”. E está correto. A igreja é um lugar para sermos refeitos e onde buscamos aprender mais do caráter de Cristo, para reproduzi-lo em nossa vida. Nosso ancestral na fé foi um ladrão, um criminoso. Porque foi para estas pessoas que Jesus veio: “Jesus, porém, ouvindo isso, respondeu: Não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos” (Mt 9.12).

A maçonaria costuma dizer que escolhe os homens bons e os torna melhores do que são. Não há muita vantagem nisso. Qualquer instituição no mundo pode fazer desta maneira. Mas o evangelho é amplamente superior a qualquer instituição e a qualquer ensino humano. Ele aceita as piores pessoas, aquelas que ninguém quer e que a sociedade rejeita, e pode transformá-las em santas. O evangelho pode transformar um perseguidor como Saulo de Tarso no missionário perseguido Paulo de Tarso. Um João, “filho do trovão”, no “apóstolo do amor”. Um depravado Agostinho no teólogo Agostinho. O primeiro cristão salvo pela cruz, o primeiro cristão a adentrar o paraíso, foi um ladrão. Isso só foi possível porque Jesus já dissera anteriormente: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (Jo 6.37). Ele não rejeita ninguém, e tem poder para transformar qualquer um.

A segunda declaração de Jesus na cruz é uma promessa, uma garantia espiritual, mas é também um poderoso consolo. Jesus aceita pecadores e os perdoa, quando se vêem como tal e a ele apelam. Além disso, garante-lhes a vida eterna. Não fosse isso, não haveria esperança alguma para nós. A cruz traz o perdão. E traz também a esperança. Porque é a cruz de Jesus. Nela está o acesso de volta ao paraíso.

Assim o ladrão arrependido, naquele mesmo dia, adentrou o paraíso. O outro, impenitente, perdeu-se para sempre. Ambos tão próximos de Jesus!

19 PETERSEN, Eugene. *Trovão inverso: o livro do Apocalipse e a oração imaginativa*. Rio de Janeiro: Editorial Habacuc, 2005, p. 81.

Cabem aqui as palavras de Max Lucado: “Como podem dois homens verem o mesmo Jesus e um escolhe ridicularizá-lo e outro escolhe orar a ele? Não sei, mas eles sabem. E, quando um orou, Jesus o amou tanto a ponto de salvá-lo. E quanto o outro o ridicularizou, Jesus o amou a ponto de deixá-lo livre. Ele permitiu sua escolha. E faz o mesmo por você”²⁰.

Que o reconhecimento dos pecados e a fé em Jesus como o Rei domine nossos corações!

20 LUCADO, Max. *Gente como a gente*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2009, p. 113.



A Terceira Fala do Ator Principal: Surge uma Nova Família ao Pé da Cruz

"Ora, Jesus, vendo ali sua mãe, e ao lado dela o discípulo a quem ele amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa" (João 19.26-27)

Pelo menos cinco pessoas simpáticas a Jesus estão ao pé da cruz, em contraste com a multidão sanguinolenta. Elas são Maria (sua mãe), uma tia de Jesus, Maria (mulher de Clôpas) Maria Madalena e João. Quatro mulheres e um homem. Apenas João teve coragem, entre os restantes onze discípulos, de permanecer de pé diante da cruz. Com ele, quatro corajosas mulheres. É provável que houvesse mais, mas estas cinco são citadas nominalmente. Por isso, fiquemos com elas.

Estas cinco pessoas em pé diante da cruz são um emblema da igreja. Ela é a comunidade minoritária que deve permanecer de pé, diante da cruz, cercada por uma multidão que se lhe opõe. Um mundo hostil e uma igreja ao pé da cruz. Sem cruz não há igreja. Pode haver uma comunidade social, até mesmo religiosa, com tintura cristã, mas não será a igreja cristã. Isto deve nos alertar. O carro chefe da igreja não pode ser seu programa, seus

jantares, passeios, festas e retiros. Não pode ser sua eclesiologia nem o louvor. Nem mesmo um ponto doutrinário. Deve ser a cruz. Volto a dizer que sem cruz não há igreja. E repito que não falo da cruz como artefato, mas como essência da mensagem e da vida da igreja. Anos atrás, a comunidade do Vale do Amanhecer, um grupo esotérico de Brasília, propôs a adoção de um novo símbolo religioso, a elipse, ao invés da cruz. Alegou que a elipse é uma figura completa, sem intervalos e sem quebra. Traz a idéia de perfeição. E que a cruz fala de vergonha, de dor e de sofrimento. É um símbolo da imperfeição. Por isso deveria ser banida.

Mas a mensagem do evangelho autêntico fala de vergonha, de dor e de sofrimento. Ela mostra aonde a imperfeição humana (um eufemismo para “pecado”) nos leva. A mensagem do evangelho é a cruz: “Nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos” (1Co 1.13). Mas parece que a proposta do Vale do Amanhecer foi endossada pelas igrejas evangélicas de hoje. Há uma pregação maciça que fala apenas de triunfo, saquear riquezas dos ímpios, prosperidade material, saúde plena e sempre perfeita, varrendo a cruz para baixo do tapete. Algumas falam mais de Satanás que do Crucificado. Outras entronizaram o Espírito Santo, que elas confundem com suas emoções e com atos litúrgicos, no lugar do homem da cruz. Um membro de uma igreja em que preguei comentou comigo que estava há anos sem ouvir uma mensagem sobre a cruz. Quase todas falavam de triunfo e versavam sobre vultos do Antigo Testamento, que haviam vencido adversidades e serviam de modelo para os ouvintes vencerem suas adversidades. Talvez a queixa do irmão fosse um exagero, apenas uma força de expressão. Mas é possível frequentar algumas igrejas por meses, bem como ouvir certos programas evangélicos por meses, e não ouvir falar da cruz, do Crucificado e da crucificação. Antigamente citava-se muito um provérbio que dizia “Como o diabo foge da cruz”. Infelizmente, talvez chegue o dia, e pode ser que esteja perto (ou que já tenha chegado), em que se possa cunhar outro provérbio: “Como a igreja evangélica foge da cruz”. Mas as origens da igreja estão na cruz. E se ela perder a cruz de vista não será digna de ser chamada igreja. Será uma comunidade, uma confraria, um agrupamento religioso, mas não igreja, que este nome é

sério demais. Não há igreja sem cruz. Não necessariamente na arquitetura, mas no seu âmago.

A verdadeira igreja vive ao pé da cruz. Na realidade, só existe por causa da cruz, e não pode se livrar da cruz sob pena de deixar de ser igreja. Mas este grupo de cinco (presumamos que fossem apenas estes) que está ali no Calvário, diante da cruz, nos ensina algumas lições preciosas. Uma delas é sobre a dimensão humana do Calvário. Há um toque de profunda humanidade neste quadro. Podemos imaginar o quinteto cabisbaixo, sem entender completamente o que está acontecendo. Não esperavam aquilo, de maneira nenhuma! Até certo ponto estão acuados pela multidão. São solidários em sua própria dor. Não há quem os console. Eles se consolam mutuamente em seu sofrimento. Não estão sozinhos. São parceiros na sua miséria. São nesses momentos que os vínculos espirituais se fortalecem. Eles só têm sua própria companhia, do ponto de vista social. Assim era a igreja ao pé da cruz. Unida no sofrimento. Unida pela cruz de Jesus.

Ao comentar a primeira palavra de Jesus, escrevi: “Esta primeira fala é dirigida para cima. A segunda, para o lado. A terceira, para baixo”. No capítulo anterior vimos a fala para o lado. Agora vemos a fala dirigida para baixo, para o pé da cruz. Ali estão Maria, sua mãe, e o discípulo a quem ele amava, que se aceita como sendo João. São as duas figuras que mais o amaram e que ele mais amou. Numa ocasião, fiz o culto de sepultamento de uma jovem. Lembro-me da dor de seu pai, e guardo uma palavra dele, em pé, ao meu lado, diante da sepultura: “Não é justo que pais sepultem os filhos. Os filhos é que devem sepultar os pais”. Podemos imaginar o sofrimento de Maria. Definitivamente, o que estava acontecendo não era justo para com ela. Não seria o seu filho a vê-la morrer e a efetuar seu sepultamento. Era ela quem estava a vê-lo morrer e quem faria seu sepultamento. É a dimensão humana da cruz. Está se cumprindo, neste momento, a profecia de Simeão, ao tomar em seu colo o bebê Jesus, com oito dias de vida: “E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição, sim, e uma espada traspassará a tua própria alma, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações” (Lc 2.34-35). No Calvário, uma espada está traspassando a alma de Maria. Uma mãe está vendo o

filho ser executado como criminoso. E ele era o mais santo de todos os homens que já existiram.

Ali está também o discípulo que deitou a cabeça no ombro de Jesus. Deveria estar ainda na fase da adolescência, que vai até dos vinte aos vinte e dois ou vinte e vinte e três anos. Cheio de sonhos. Podemos imaginar seu olhar embevecido, dias antes, diante do Mestre, que agora vê morrer. Tudo vai acabar. João e Maria, duas pessoas que talvez não tivessem vidas relacionadas, a não ser por causa de Jesus. É a João que Jesus encomenda o cuidado de sua mãe. *A Review and Expositor* assim comentou o evento: "João registra três declarações de Jesus na cruz. Na primeira, ele cumpre seu dever filial, certificando-se que sua morte não deixaria sua mãe abandonada. Ele a confia ao discípulo amado"²¹. Seus irmãos ainda não eram convertidos, não criam nele, zombaram dele e até o acharam louco, e quiseram prendê-lo: "Quando os seus ouviram isso, saíram para o prender; porque diziam: Ele está fora de si" (Mc 3.21). Ele era o primogênito e precisava deixar sua mãe aos cuidados de alguém. Era um costume entre os hebreus que os moribundos confiassem sua mãe a alguém. Jesus a confia a João. Preocupa-se com a mãe. Preocupa-se com o discípulo adolescente. Confiar a mãe a ele e pede a ela que o aceite como filho.

A Igreja Católica tenta ver aqui o papel de Maria na missão de salvação e quer estabelecer seu nome como medianeira na igreja. Muitos comentaristas católicos se baseiam neste episódio para dizer que Maria é a mãe dos cristãos, ou a mãe da Igreja. Mas há um equívoco de compreensão do evento. A comunidade ao pé da cruz não foi confiada a Maria. Apenas João o foi. E o foco se desloca dela para João porque o texto diz: "E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa". João não foi para a casa de Maria, para ser cuidado por ela, mas Maria foi para a casa de João, para ser cuidado por ele. O costume oriental era confiar a mãe a alguém, e não designar alguém para ser cuidado e protegido pela mãe. Nas palavras de um comentarista católico: "O laço estabelecido entre a mãe de Jesus e o Discípulo é re-

21 GARLAND, David. "John 18-19: Life through Jesus' death" in *Review and Expositor* – a baptist theological journal. Published by the Faculty of the Southern Theological Seminary, Louisville, Kentucky. Vol. 85, no. 3, p. 495.

cíproco. É o Discípulo que põe de imediato em execução o testamento do Crucificado”²². A lição aqui não é que Maria seja a mãe da igreja, porque os demais ao pé da cruz não lhe foram confiados. A lição é que a cruz aproxima as pessoas. Ela muda nosso relacionamento com Deus, e também muda o nosso relacionamento com os demais. A cruz tem dois braços, um horizontal e um vertical. Sem os dois braços não há cruz. Isto é emblemático. A cruz nos leva a um novo relacionamento vertical, com Deus. E a um novo relacionamento horizontal, com o próximo. Aqueles que desejam um evangelho isolacionista, sem se envolver com os demais, na velha postura de “Cristo sim, igreja não” não entenderam o evangelho nem o ensino de Jesus. Porque Cristo está na igreja. Da mesma maneira se equivocam os que apedrejam a igreja e sublinham os defeitos dela, convenientemente esquecendo os seus. Geralmente são pessoas frustradas por não poderem dominar os demais, apáticos que não querem se envolver ou rebeldes que não querem acatar orientação. Mas não se pode ser cristão sem a cruz. Quem conhece a mensagem da cruz se envolve com os demais.

A cruz cria novos laços familiares. São inúmeros os casos de pessoas que, ao se converterem, foram rejeitadas pela família, mas que foram aceitas pela igreja, onde se desenvolveram e acharam espaço emocional. Jesus tinha quatro irmãos, sem contar as irmãs: “Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?” (Mt 13.55-56). Ele foi o primogênito de Maria: “Enquanto estavam ali, chegou o tempo em que ela havia de dar à luz, e teve a seu filho primogênito; envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (Lc 2.6-7). Isto significa claramente que outros filhos vieram a Maria, porque “primogênito” é o que nasceu primeiro.

Mas esses irmãos de Jesus, como dito, não o aceitavam: “Disseram-lhe, então, seus irmãos: Retira-te daqui e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque ninguém faz coisa alguma em oculto, quando procura ser conhecido. Já que fazes estas coisas, mani-

22 LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João - IV (capítulos 18-21)*. S. Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 105.

feita-te ao mundo. Pois nem seus irmãos criam nele” (Jo 7.3-5). Outro ensino precioso para nós: a igreja deve ser uma comunidade tão calorosa que deve suprir nossa ausência de família consanguínea “Deus faz que o solitário viva em família...” (Sl 68.6). Aqueles que amam a igreja e se envolvem amorosamente com ela descobrem-na como uma família. E quem se envolve, de coração aberto, em uma igreja descobre isto. Ela enriquece nossa vida.

Como erram os apedrejadores da igreja! Geralmente são pessoas que não conseguiram impor sua vontade ou seu estilo de vida aos demais e têm pouca paciência em aceitar as falhas alheias. E se frustram porque não aceitam as suas. Ou saem da igreja para que as suas não sejam vistas. Eles se esquecem que a igreja é uma família. Seus membros têm o mesmo pai, o mesmo irmão mais velho (conforme Hebreus 2.11), o mesmo destino e a mesma origem, a cruz. A igreja é a família que nasceu na sexta-feira da paixão, ao pé da cruz.

A terceira declaração de Jesus na cruz nos chama a atenção para um fato: nossas vidas, como cristãos, estão interligadas. Não há cristianismo solitário, mas sempre solidário. Por vezes, membros de igreja que estão em pecado, para sua defesa, alegam: “Ninguém tem nada a ver com a minha vida”. Estão erradas! Tais pessoas não compreenderam a vida cristã. Ela nos insere num corpo, que o Novo Testamento chama de “corpo de Cristo”. Todos nós temos a ver uns com a vida dos outros. Para interceder, para cuidar, para aconselhar e até mesmo para corrigir. É o ensino do Novo Testamento. Nossas vidas se interrelacionam. Vivemos numa sociedade que exalta o individualismo e esta postura, infelizmente, chegou à igreja. Os cristãos vivem vidas isoladas, e seu relacionamento é artificial. Suas vidas não se tangenciam, a não ser nas atividades da igreja, e a fraternidade cristã, não raro, é reduzida a um momento de cânticos de corinho. Sob o comando de um animador espiritual, somos exortados a sair de nossos lugares e cumprimentar os irmãos. Algumas pessoas são autênticas máquinas de apertar mãos. Saem apertando tudo que é mão que vêem. Terminado o culto, cada um pega seu carro, vai para casa, e pronto! A fraternidade cristã foi vivida. Agora, até o próximo momento de aperto de mãos. O mais frustrante é que as pessoas se satisfazem com isso, no melhor estilo da sociedade pós-moderna: cultivando

um relacionamento efêmero, de momento fugaz. Elas se enganam, vivendo uma fraternidade que não é a exposta pelo Novo Testamento.

Mas não conseguimos viver sozinhos. Volto a Webster:

Jamais nos podemos separar completamente dos parentes ou da comunidade. Nossas escolhas os afetam; nossos sofrimentos os afetam. Se pecamos, eles estão envolvidos; se obedecemos a Deus, também estão envolvidos. Um filho único que se torna missionário e dedica sua vida a trabalhar no além-mar, não pode fazer essa decisão, sem envolver seus pais em um ato de sacrifício. O que, nesse sentido, é verdadeiro para nós, foi-o para Jesus. Não somente teve de suportar seus próprios sofrimentos; teve de ver, também, sua mãe sofrendo por causa dele.²³

Precisamos evitar a visão de uma vida isolada, produto de uma perspectiva egoísta e defeituosa. Nossas atitudes afetam nossos familiares. E afetam a igreja. Muitas vezes, esse rompante (“Ninguém tem nada a ver com a minha vida!”) parte de pessoas que não exibem um procedimento adequado, e em seu orgulho pecaminoso não querem ser corrigidas. É uma frase dita como um muro de proteção ou de isolamento. Cabem aqui as palavras de Jesus: “Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar” (Mt 18.6). Devemos viver de maneira que nos sintamos responsáveis pelos demais irmãos. E devemos ter uma vida que nunca os escandalize por uma conduta errada.

“E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”. A Linguagem de Hoje traduziu como “E esse discípulo levou a mãe de Jesus para morar dali em diante na casa dele”. A cruz também cria novas fronteiras de responsabilidade. A situação de Maria era delicada. José não é mais mencionado, o que faz presumir que já falecera. Ela se envolvera com a causa do seu filho mais velho, e os demais, não. A convivência seria difícil. Ela deveria estar, no mínimo, entrando na casa dos cinquenta anos. Talvez já tivesse entrado. Aquela era uma sociedade fundamentada no masculino. Ela teria

23 WEBSTER, op. cit., p. 46.

poucas perspectivas de sobrevivência econômica. João aceitou cuidar dela. Tornou-se responsável por ela. A paráfrase da Bíblia Viva captou bem isto: “tomou-a aos seus cuidados”. João foi cuidar de Maria.

A vida cristã tem sido dimensionada em nosso tempo como sendo momentos passados em um lugar. Vamos a um culto para sermos estimulados e recebermos palavras de apoio que nos permitam continuar com nossa vida pessoal. As pessoas querem bênçãos e paz. Não se envolvem em uma comunidade, não se sentem responsáveis por ela, sendo apenas consumidores de entretenimento espiritual. Mas a vida cristã implica em responsabilidade de uns para com os outros. Isto foi mostrado na cruz, por Jesus. E foi praticado pelos cristãos primitivos. Eis como Aristides, em carta ao imperador romano Adriano, descreveu os cristãos de sua época:

Eles se amam uns aos outros. Nunca deixam de amparar as viúvas, salvam os órfãos das mãos dos que querem prejudicá-los. Quando possuem alguma coisa, distribuem gratuitamente com quem não tem nada. Quando vêem um forasteiro, levam-no para casa, e ficam alegres com aquele homem como se fosse um irmão de verdade. Eles não se consideram irmãos no sentido comum da palavra, mas sim, através do Espírito, irmãos em Deus.²⁴

Este testemunho de um pagão sobre os primeiros cristãos deveria nos levar à reflexão. Isso acontece hoje? Vemos isso em nossas igrejas? Preocupamo-nos com os desvalidos e carentes ou apenas com nossa vida pessoal, e vamos à igreja apenas em busca de bênção? Uma faixa de uma igreja, próxima à minha casa, me deixou ver o conflito de visão entre o que Jesus ensinou até na hora da sua morte, e que a igreja primitiva praticou, e o que praticamos: “Aqui, um milagre todos os dias. Venha buscar o seu!”. Este é o cristianismo que se vive e prega hoje: oferece-se um produto, ao invés de chamar as pessoas para viverem um estilo de vida. A vida cristã passou a ser enfocada pelo hedonismo de uma sociedade mundana, e deixou de ser a

24 COLSON, Charles. *O que significa amar a Deus*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985, p. 224.

vivência dos valores do reino proposto por Jesus. Diz-se que Karl Marx, no fim de sua vida, declarou: “Não sou marxista”. Vendo o que acontece hoje, em muitas igrejas, ouvindo as pregações triunfalistas, soando mais a Lair Ribeiro que ao seu ensino, talvez Jesus dissesse: “Não sou cristão”.

Há mais um aspecto que devemos considerar nesta declaração de Jesus. A cruz cria oportunidades de ajudar e de ser ajudado. Ela nos tira da vida isolada, e coloca em nossa vida pessoas que podem nos ajudar. Ela também coloca em nossa vida pessoas a quem podemos ajudar. A cruz nos propicia oportunidade para influenciarmos e para sermos influenciados. João recebeu de Jesus o apelido de Boanerges (“filho do trovão”). Não que tivesse voz de baixo profundo, mas porque ele era um homem temperamental, tendendo à violência. Ele propôs a Jesus fazer cair fogo do céu para destruir uma cidade, mirando-se no exemplo de Elias (Lc 9.54). Era um homem enérgico. Aliás, enérgico demais. Maria parece ter sido uma mulher meiga, à luz de suas poucas falas e atitudes registradas nos evangelhos. Era uma mulher machucada pela vida. João precisava de uma mulher meiga. Maria precisava de uma pessoa enérgica. No fim da vida, o filho do trovão passou a ser conhecido como “apóstolo do amor”. Se ele ajudou Maria a atravessar o vale sombrio, Maria o ajudou a domar seu temperamento. Ambos foram instrumentos do Espírito Santo para ele agir na vida do outro. Esta é uma das belezas da vida cristã. As virtudes de uns ajudam os outros a superarem seus defeitos. E, obviamente, os defeitos de uns são sanados pelas virtudes dos outros. Na igreja, ajudamos e somos ajudados. O Espírito usa pessoas para nos ajudarem. E nos usa para ajudarmos a outras pessoas.

Nunca deprecie seus irmãos. Se eles não prestam, se estão abaixo do seu padrão cultural, social e espiritual, não os abandone. Traga suas virtudes para ajudá-los. Provavelmente você terá algum defeito, mesmo que pequeno, que eles poderão ajudar a sanar. “A igreja está cheia de hipócritas!”, já ouvi muitas pessoas dizerem. E sempre respondo: “Que excelente oportunidade para ajudar essas pessoas a melhorarem e se tornarem tão boas como você!”. Este é o ponto! Venha à igreja e traga suas virtudes. Eu virei e trarei meus defeitos. Você me ajudará a melhorar. Você me será útil, e isso será uma marca positiva em sua vida cristã.

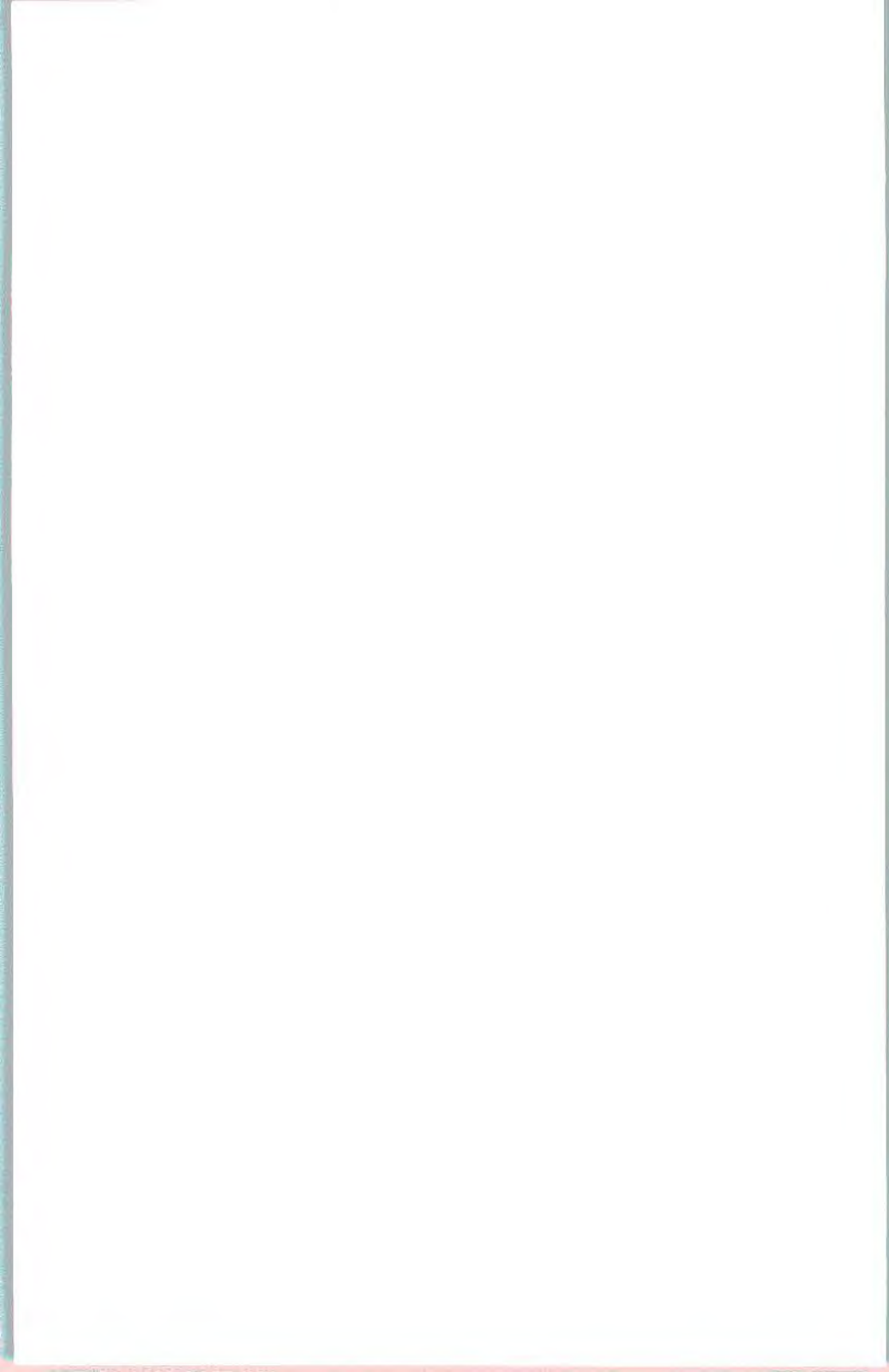
Outros dizem “Não preciso de igreja!”. Exatamente por dizerem isso precisam, sim. Além de não terem entendido o que seja a vida cristã, tais pessoas deveriam ter uma visão menos elevada de si mesmas. Se não possuírem falha alguma (o que deve ser bem difícil), precisam de uma igreja para exhibir suas virtudes no serviço, de maneira a ajudarem a soerguer os outros. Ela será, também, seu campo de atividades. É preciso resgatar o sentido teológico de igreja. Ele tem sido banalizado com o surgimento de igrejas em lojas comerciais, com nomes exóticos, sem uma doutrina coerente, sem conteúdo algum, consistindo apenas de reuniões com cânticos e orações em alto volume e práticas tão estranhas que sequer podemos presumir que fossem praticadas na igreja primitiva ou em qualquer outra época. Tenho comigo um documento de uma igreja que alista seu credo em nove itens. O último é que criam em Jesus como Senhor. Lembraram a tempo, antes de fechar o credo. Mas antes dele, há a declaração de crerem em “sapateado de anjos”. O nome “igreja”, que tem uma carga semântica e teológica altamente significativa, está esmaecido e se aplica a qualquer grupo social que se reúne religiosamente. Precisamos recuperar o sentido do que seja igreja. Isto independe de denominação. Igrejas há, de várias denominações. Mas depende de um credo mínimo: a revelação de Deus em Jesus, sua morte vicária, sua ressurreição, a aceitação de seu senhorio, a crença em seu retorno. Ela é a comunidade dos salvos por Jesus. Ela se compõe de pessoas que Jesus ama e pelas quais morreu. Não pode ser minimizada pelos crentes, nem considerada irrelevante. Deve ser amada, honrada e servida. Os cinco ao pé da cruz são um modelo da igreja: pessoas que crêem e que amam a Jesus, associadas a ele em sua cruz. Foi a cruz que formou a família chamada igreja.

No livro *À igreja, com carinho*, fiz esta observação, no capítulo “A igreja, mais uma família que uma instituição”: “Esta é a grande maravilha da igreja em termos de relacionamentos pessoais: nossos defeitos não devem ser ocultados, mas desvelados e tratados pelas virtudes dos outros.

Ser igreja é ter um envolvimento com pessoas para amadurecimento e crescimento mútuos”²⁵.

A igreja de Jesus, além de ser instituição divina, nos oferece uma grande oportunidade de sermos enriquecidos com o evangelho. E também nos possibilita uma excelente oportunidade de ajudarmos aos outros e sermos ajudados pelos outros. Ame a sua igreja. Não a trate mal, não fale mal dela. Ame os seus irmãos. Compreenda e ajude a manter o vínculo que nos une: a cruz de Cristo. É ao pé dela que a verdadeira igreja vive. Viva também ao pé da cruz e não ao redor de críticas.

25 COELHO FILHO, *À igreja, com carinho*. Campinas: Igreja Batista do Cambuí, 2ª. ed., 2006, p. 26.





A Quarta Fala do Ator Principal: um Grito de Perplexidade

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que estás afastado de me auxiliar, e das palavras do meu bramido?"
(Salmo 22.1)

"Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27.46)

"E, à hora nona, bradou Jesus em alta voz: Eloi, Eloi, lama sabactani? Que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Marcos 15.34)

No nascimento de Jesus houve luzes à meia-noite. Em sua morte houve trevas ao meio-dia. Poeticamente, podemos dizer que a natureza exultou quando ele nasceu. E que se envergonhou quando ele foi executado. Quando ele nasceu, Deus estava mostrando ao mundo seu mais comovedor gesto de amor. Quando ele foi morto, os homens estavam mostrando a Deus a sua mais profunda maldade. A partir de meio-dia daquela sexta-

-feira fez escuro, e a luz em definitivo só viria na manhã de domingo, quando o sol da justiça (Mt 4.2) nascesse para nunca mais se por. A partir da hora sexta (meio-dia) até a hora nona (quinze horas) houve trevas sobre a terra. É neste momento de escuridão que Jesus pronuncia sua quarta sentença, que é um grito de perplexidade. Está escuro. E parece estar escuro também em sua alma. Seu grito de perplexidade “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” é uma das maiores incógnitas com que nos deparamos. Aliás, é a única oração de Jesus em que ele não chamou a Deus de Pai. Só isto deveria nos chamar a atenção como algo especialíssimo. É como se a relação entre Pai e Filho fosse rompida. Mas não afirmo isso. Há implicações enormes numa afirmação desta e eu nunca a faria. Mas merece registro a singularidade do tratamento de Jesus ao Pai. Isto me quebranta e me deixa perplexo, também. Quem pode sondar o que havia no coração da própria Divindade, neste momento? E ainda: o que havia exatamente no coração de Jesus, neste momento? Como ele se sentia, além das palavras. Moltmann observou bem: “O morrer neste abandono de Deus é a agonia daquele que se sabia filho de Deus”²⁶. Ele sabia quem ele era! E agora sabe que nesta circunstância, o Pai não estará com ele. O pior momento de sua história humana ele terá que atravessar sozinho!

De todas as palavras pronunciadas na cruz esta, sem dúvida, é a mais desconcertante. Perrot expressou bem: “A mais surpreendente é uma frase tirada do Salmo 22.2, e citada em aramaico: *Ela(h)i lema shebaqtani*, isto é, ‘Meu Deus, por que me abandonaste?’ (Mc 15.34). É um grito de desespero que se expressa nas palavras do salmo bíblico. – o que o transforma num imenso apelo de uma fé que se choca com o mistério do desígnio de Deus”.²⁷

É um lamento, não se pode negar. Mas não é um choro de desespero. Frank Stagg cita uma observação de Käsemann sobre o lamento de Jesus, nestes termos: “Käsemann insiste que este choro não pode ser entendido como uma expressão de dúvida, mas como a evidência de que Jesus morreu

26 MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo – cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009, p. 258.

27 PERROT, Charles. *Jesus*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010, p. 116. Há um equívoco na citação de Perrot. É o Salmo 22.1 e não 22.2, como ele escreve. Mas por questão de fidelidade à citação, mantive o texto como saiu em seu livro.

como viveu, com a palavra de Deus em seus lábios e com uma inabalável confiança de que apenas Deus e ninguém mais poderia ajudá-lo”²⁸. É verdade. Foi a Deus Pai que ele se dirigiu. Foi dele que esperou socorro.

Sobre esta pergunta do Salvador, Lutero comentou: “Deus abandonou Deus. Não consigo entender isto!”. E, sem falsa humildade, ajunto-me ao brilhante reformador, e digo: “Nem eu!”. Por que, além do aspecto teológico, de Deus estar contra Deus, há o aspecto emocional. Isto é profundamente trágico! Traz à mente as palavras do grande pregador Arthur Pink, em um sermão sobre Mateus 27.56:

A palavra “desamparado” é uma das mais trágicas do discurso humano. O escritor não esquecerá facilmente sua sensação de ter passado por uma cidade deserta de todos os seus habitantes – uma cidade abandonada. Quantas calamidades cabem nesta palavra – um homem abandonado por seus amigos, uma mulher abandonada por seu marido, uma criança abandonada por seus pais! Mas uma criatura abandonada pelo seu Criador, um homem desamparado por seu Deus – ó, isto é o mais trágico de tudo.²⁹

Mas aqui é mais que uma criatura abandonada pelo seu Criador, o que para Pink é o mais trágico de tudo. É o Filho amado abandonado pelo Pai. Por isso, qualquer pessoa que pretenda banalizar esta declaração de Jesus com meia dúzia de frases simplistas estará minimizando o que aconteceu no Calvário. Estará sendo ingênua ou superficial. A maior parte dos comentaristas sérios foge de respostas banais e segue na mesma direção, que mostra sua dificuldade de entender o que se passa. Alisto quatro observações de eruditos, a seguir, não para tomar espaço, nem para multiplicar citações, mas para mostrar o impacto que estas palavras de Jesus causam nas mentes mais reflexivas. Ajuntando-as, poderemos pensar com mais acuidade no que estava por trás deste grito de perplexidade de Jesus.

28 ALLEN, Clifton (ed.). *The Broadman Bible commentary – vol.8 - general articles Matthew-Mark*. Nashville: Broadman Press, 1969, p. 246.

29 PINK, Arthur. *The seven sayings of the Saviour on the cross*. Grand Rapids: Michigan Baker Book House, 1958. p. 65. A expressão “o escritor” é uma alusão de Pink a si mesmo.

Começo com Broadus:

Se se pergunta em que sentido o Pai abandonou o Filho, a resposta é que, realmente, não sabemos. Em si mesmo o Salvador ainda era de todo agrado do Pai, no dar voluntariamente a sua vida para tomá-la de novo (João 10.17). Deve ter sido como nosso substituto, porque “carregou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro”. Para que fôssemos perdoados, ele foi desamparado. Se se pergunta como podia ele sentir abandonado, devemos lembrar que era uma alma humana, bem como um corpo humano, que sofriam ali, alma humana que pensava e sentia dentro das limitações humanas (Marcos 13.32), não psicologicamente distinta da ação de outras almas devotas, quando sob a ação de alguma grande e acabrunhadora tristeza.³⁰

Broadus nos traz à mente que não podemos esquecer da perfeita humanidade de Jesus. Sua perfeita divindade não anulou sua humanidade. No nosso anseio de afirmar sua divindade, por vezes olvidamos sua humanidade. Como estava se sentindo o homem Jesus ao experimentar a tristeza humana de uma morte injusta? Ele era um homem decente, um homem que nunca fizera nada errado e estava sendo morto como criminoso, sob zombaria de uma multidão ávida de sangue. E sentia a angústia de ter perdido a comunhão com o Pai, porque estava carregando os nossos pecados, e estes nos separam de Deus: “mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados esconderam o seu rosto de vós, de modo que não vos ouça” (Is 59.2). Quem pode sondar seu coração? Este era o momento que ele temia, que vinha convulsionando seu coração, e que ele, angustiado, pedira ao Pai para afastar dele, se fosse possível: “Então chegaram a um lugar chamado Getsêmani, e disse Jesus a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu oro. E levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-se; e disse-lhes: A minha alma está triste até a morte; ficai aqui e vigiai. E adiantando-se um pouco, prostrou-

30 BROADUS, John. *Comentário de Mateus – volume II*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967, p. 344.

-se em terra; e orava para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora” (Mc 14.32-35). Sua agonia emocional precedia a física, já há algum tempo. Ele sofreu nas emoções e na antecipação da cruz. Não era a questão física, mas o aceitar os pecados dos homens e ser apartado da comunhão absoluta com o Pai.

A segunda citação é de Ryle:

Existe um profundo mistério nestas palavras, que nenhum mortal é capaz de sondar. Sem dúvida elas não foram ditas por nosso Senhor somente por causa da dor corporal. Uma afirmação em contrário é totalmente insatisfatória, e somente desonra ao nosso Salvador bendito. As palavras foram ditas para exprimir a incrível pressão que estava sobre sua alma, e a enorme carga dos pecados do mundo. Elas foram ditas para mostrar como Jesus foi verdadeiramente, e, literalmente, feito nosso substituto; como Ele foi feito pecado e maldição por nós, suportando sobre si mesmo a justa ira de Deus contra os pecados do mundo. Naquele horrível momento, a iniquidade de nós todos foi posta sobre ele até às últimas conseqüências. “Ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar (Is 53.10)”.³¹

Com este comentário de Ryle entendemos mais um pouco a questão. Os pecados do mundo estavam sobre Jesus naquele momento. O Deus Santo, que se indigna com o pecado, estava recebendo-o como nosso substituto. Nós é que deveríamos ser desamparados. Ele o foi em nosso lugar, para que, nós, os que cremos, nunca nos sentíssemos desamparados. Aquele cruz era nossa, sabemos muito bem disso. Mas aquele desamparo deveria ser nosso, também. Ele tomou a nossa cruz e assumiu o nosso desamparo.

Se isto nos parece um contra-senso, as palavras de Harrison nos ajudam, complementando a declaração de Ryle:

O significado pleno desse grito não pode ser penetrado. Mas certamente sua base não se encontra primariamente no sofrimento físico, mas no fato

31 RYLE, J. C. *Meditações no evangelho de Mateus*. S. José dos Campos: Editora Fiel, 1991, p. 251.

de que Jesus, por um momento, foi feito pecado por nós (2Co 5.21); e ao pagar a penalidade como substituto de pecador, foi amaldiçoado por Deus (Gl 3.13). Deus, na qualidade de Pai, não o abandonou (Lc 23.46); mas na qualidade de Juiz, tinha de separar-se dele para que experimentasse a morte no lugar do homem pecador.³²

O Filho amado assumiu a maldição da raça humana pecaminosa. Era a raça humana que estava agora na cruz, figurada por Jesus. Nele, o desamparo da humanidade pecadora se fez realidade na cruz. Aquele homem que dissera que ele e o Pai eram um, que o Pai o amava desde antes da criação do mundo, agora sente o desamparo, e não o amor acolhedor. A santidade da Divindade é absoluta e não pode tolerar pecados: “Tu que és tão puro de olhos que não podes ver o mal, e que não podes contemplar a perversidade...” (Hc 1.13). Agora, uma das pessoas da Trindade experimenta o pecado, não como cometimento, mas como recebimento. Não podemos imaginar o impacto da crucificação na pessoa do Pai. Ele também sentiu, pois teve que abandonar o Filho. Karl Barth fez esta observação sobre a crucificação de Jesus, no tocante ao Pai: “O próprio coração de Deus sofreu na cruz”³³. Mas corremos o risco de teologizar demasiadamente, e de nos perdermos em especulações, e assim deixarmos de ver o principal, que é a seriedade do pecado. Como os homens são ridículos em suas tentativas de minimizá-lo, presumindo que mais educação, mais lazer, mais justiça social, melhor distribuição de renda (e todas essas coisas são boas e legítimas, devemos dizer), podem abrandar o impacto do pecado! Como é ridícula a idéia de alguns de negar o pecado e dizer que é invenção das igrejas cristãs para dominar as pessoas! São mentes muito pequenas e de raciocínio, além de escasso, bastante confuso! São superficiais, rasas mesmas. A pecaminosidade da raça humana é a única doutrina religiosa que pode ser provada empiricamente. Basta sair às ruas, ler jornais, assistir televisão. Está diante de nossos olhos. E como é primária a idéia de que reencarnações acabariam

32 HARRISON, Everett (ed.). *Comentário bíblico Moody – vol. 4 – Os evangelhos e Atos*. 3ª. ed. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987, p. 72.

33 Conforme STOTT, John. *A cruz de Cristo*. Miami: Editora Vida, 1991, p. 138.

eliminando o pecado da humanidade, tornando-a melhor. Não vemos melhora alguma nos homens. Há melhora tecnológica e científica no mundo, mas moral, não. O mundo é, cada vez, mais, um lugar inseguro. A reencarnação é uma doutrina religiosa que se desfaz diante de um exame crítico e sério dos fatos, além de tornar o bom mundo de Deus, o mundo em que vivemos, numa penitenciária onde cumprimos pena. E a alegada bondade dos homens, apregoada por um filosofismo também ralo, além de negada veementemente pela Bíblia ("pois não há homem que não peque" – 1Rs 8.46) também se desfaz diante dos fatos. Os homens são pecadores, caídos, vencidos pelo pecado. Só Jesus Cristo pode nos socorrer e nos levar a vencer as conseqüências do pecado. Porque ele o venceu na sua vida, e porque carregou os nossos, na sua morte.

O pecado tem uma dimensão tão profunda que não o levamos suficientemente a sério. Ele é tão daninho que o remédio para frear seus efeitos na sociedade e, mais tarde, no tempo aprazado por Deus, que ainda há de se cumprir, apagando-o completamente da experiência humana, custou a morte de Jesus. Assim, vale a pena considerar o que Stott, ao falar sobre a dimensão do pecado, deixou-nos nesta frase: "A única coisa que Deus não podia fazer em relação à rebeldia humana era nada".³⁴ Não sendo omissos, Deus Pai e Deus Filho fizeram algo, na cruz. Aliás, a Trindade fez, porque segundo Hebreus 9.14, foi pelo Espírito que o Filho se ofereceu.

Esta palavra de Jesus, por isso, é um chamado à santidade, pois nos mostra como Deus abomina o pecado. Dentro desta observação de Ryle, voltemos ao grande teólogo da cruz, Douglas Webster:

Mas a cruz é a perfeita expressão da santidade, como o é do julgamento. Cristo não estava somente confessando o pecado humano; estava também confessando a santidade de Deus e revelando-a. Há somente uma coisa que pode satisfazer a santidade de Deus: santidade. A única adequada confissão de um Deus santo é um homem perfeitamente santo. Isso significa que a santidade da cruz é mais importante do que sua dor. Deus não se satisfaz com a dor ou morte como tais, senão somente com a santida-

34 Ib. *ibidem*, p. 138.

de... O instrumento da expiação não é o sofrimento, mas a santidade e obediência do Filho divino.³⁵

Por isso que o único homem que nunca mereceu sofrer estava sofrendo. E o homem que mais conheceu a Deus e mais desfrutou de sua companhia, nunca o desagradando em nada, estava sendo desamparado por ele. Ele foi o santo por excelência, o santo absoluto. Era preciso que um santo absoluto sofresse pelos pecadores. Isaías já dissera isso, nos cânticos do Servo Sofredor, alguns séculos antes³⁶. Essa absoluta impecabilidade de Jesus e seu desamparo por parte do Pai receberam de Lloyd-Jones esta profunda e sensível observação:

Aqui está um homem inocente. Ninguém pode apresentar qualquer evidência contra ele. Ele nada fez de errado. Na verdade, ele não fez outra coisa a não ser o bem neste mundo. Ele veio para ajudar e ensinar as pessoas, mas veja os ofensores, os escarnecedores, os cuspidores e os zombadores. Qual é o problema com eles? Só há uma resposta para esta pergunta: Jesus entregou a si mesmo. Ele disse: “Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas” (Lucas 22.53). Aquelas pessoas não sabiam o que estavam fazendo. Eis porque Jesus orou na cruz, e disse: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23.34). E, de fato, não sabiam.³⁷

A última citação sobre este aspecto vem de Thomas: “O mistério dessas palavras permaneceria para sempre inexplicável a menos que fossem vistas como a prova final de que Jesus não quis poupar-se de nada; que até o fim ele continuou no controle e, com a ajuda de seu Pai, tornou-se a vítima imolada pela qual todos que a recebessem seriam salvos”³⁸. Jesus não quis privilégios nem isenção de sofrimentos. Assumiu todas as consequências de

35 WEBSTER, op. cit., p. 55

36 Para um estudo da figura do Servo Sofredor, veja meu livro *Isaías, o evangelho do Antigo Testamento*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

37 LLOYD-JONES, Martin. *A mensagem da cruz*. Brasília: Editora Palavra, 2009, p. 123.

38 THOMAS, Gordon. *O julgamento de Jesus: um relato jornalístico sobre a vida e a inevitável crucificação de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 325.

nossos pecados. Só assim ele podia ser a nossa salvação. O Filho de Deus se tornou filho do homem para que todos os filhos dos homens pudessem se tornar filhos de Deus. E o homem sem pecados se tornou pecado, para que todos os pecadores pudessem experimentar o perdão dos pecados. Cabem aqui as palavras de Paulo, em Gálatas 3.13: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós”. Ele tomou o nosso lugar.

Este desamparo não foi um abandono, no sentido de uma ruptura definitiva de relações. Na realidade foi uma aceitação do que Jesus fizera. Ao, aparentemente, abandoná-lo, o Pai estava mostrando que aceitara seu sacrifício. É uma das figuras contrastantes da Bíblia. Este abandono é sinal de aceitação. Seu sacrifício vicário estava sendo aceito. É por isso que lemos em 2Coríntios 5.21: “Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. Paulo faz aqui um jogo de palavras. Um dos termos hebraicos para “pecado” é *hattat*, o mesmo termo que é usado para a oferta pelo pecado. Mesmo escrevendo em grego, Paulo era um judeu. E mesmo sendo cosmopolita, pensava como judeu. A palavra “pecado”, *hattat*, no hebraico, tem um duplo significado, o pecado em si, a ofensa humana, e a oferta pelo pecado, a redenção, o ato divino. A construção da sentença nos permite entender que Jesus não era pecador, por isso o Pai o tornou oferta pelo nosso pecado. A oferta pelo pecado tinha que ser pura. O *Hattat* por excelência tinha que ser sem *hattat*. Por isso, Jesus foi a oferta do Pai pelos nossos pecados, para apagá-los e assim nos apresentar inculpáveis diante de Deus³⁹. O que ele está dizendo seria mais ou menos como “aquele que não praticou *hattat*, Deus o fez *Hattat* por nós, para que fôssemos feitos *tsadiq* (o homem a quem Deus não imputa pecado)”. Era preciso um homem sem pecado para ser oferta pelo pecado, para nos tornar justos. Graças a Deus por esse abandono

39 Discuto esta questão de *hattat* em meu livro *Neopentecostalismo: uma avaliação pastoral*, ao analisar o confuso e herético pensamento de Kenneth Hagin de que Deus fez de Jesus um pecador que foi para o inferno em nosso lugar. Por ignorar o hebraico, e não pedir explicações a quem saiba, julgando-se um iluminado, Hagin se perde em patuscas teológicas.

de Jesus! Porque ele prova que Deus o aceitou como oferta para nos tornar justos, *tsadiqyn* (plural de “justo”).

Esta frase de Jesus é uma citação direta do Salmo 22, que é o mais expressivo salmo messiânico, e que é, junto com o 69, um dos dois chamados “salmos da cruz”. Mateus e Marcos diferem no registro das palavras de Jesus porque um cita sua frase em hebraico e o outro, em aramaico. Os judeus não consideravam este salmo como messiânico. Nem podiam considerar, porque lhes era unimaginável um messias sofredor e todo o Salmo 22 é um salmo de sofrimento. Basta dizer que Aage Bentzen, um estudioso do Antigo Testamento que não é conhecido propriamente por escrever estudos devocionais, mas, sim artigos se valendo da crítica literária que contesta a inspiração das Escrituras, comentou sobre seu conteúdo: “Não é a descrição de uma doença, mas, sim, a de uma *execução*”⁴⁰. Para os judeus, um messias executado como bandido era um absurdo sem tamanho. Por isso o Salmo 22 não lhes era messiânico. Jesus o tornou messiânico. Tanto que Tertuliano, um dos chamados “pais da igreja”, declarou que “o Salmo 22 contém toda a paixão de Cristo”. Isto nos mostra que Jesus reinterpretou as Escrituras na sua pessoa. Ele é o eixo hermenêutico para se entender a Bíblia. Como Lutero gostava de dizer, ele “é o cânon dentro do cânon”. É ele quem dá o sentido verdadeiro à Bíblia. Aliás, é significativo que o próprio Jesus tenha se visto nos salmos, como mais tarde a igreja primitiva, na sua busca de explicar o fenômeno Jesus, também se debruçou sobre os salmos. Agostinho chamou a Jesus de “este admirável cantor de salmos”. E, segundo ele, Cristo “cantou e continua a cantar os salmos de três maneiras: com sua voz, com sua vida e em seu Corpo”⁴¹.

E há algo mais a se considerar neste uso do Salmo 22, por Jesus. Ele conclui com o triunfo do sofredor. A cruz não seria o ponto final, porque o Salmo começa, mas não termina com dor. Termina com vitória. Entre o versículo inicial e o final, ainda há muito para ser escrito na história. O

40 BENTZEN, Aage. *King and Messiah*. Citado por KIDNER, Derek, em *Salmos 1-72 - introdução e comentário*. S. Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 1980, p. 123. Conforne Kidner, o itálico é de Bentzen.

41 GOURGUES, Michel. *Os salmos e Jesus. Jesus e os salmos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 89.

drama do Calvário não se esgotaria no Calvário. Nem na sepultura vazia. O drama terá sua completude quando se cumprir a profecia de Apocalipse 1.7, e ele vier sobre as nuvens e todo olho o vir. Voltaremos a ele quando comentarmos a palavra de Jesus “Está consumado”, porque o salmo cobre todo o drama da cruz.

Era a hora nona, quinze horas em nossos relógios. Há quase três horas estava escuro, como se fosse noite. Dificilmente uma execução era tão curta. Há registros de condenados que passavam até dois dias em agonia. Mas a hora em que Jesus vai expirar é hora em que estava se finalizando o momento do sacrifício vespertino no templo. Neste momento em que ele brada sua solidão, a vítima estava sendo aceita, no templo, pelo sacerdote. E na cruz, a Vítima estava sendo aceita por Deus. Um grito surge nas trevas. A luz do mundo está sendo sufocada pelas trevas da maldade.

A escuridão foi sobrenatural, e não um eclipse, como alguns afirmam, na tentativa de trazer fatos científicos para apoiar a Bíblia. Ela não precisa de apoio. E nossas tentativas de apoio acabam-lhe fazendo mais mal que bem. Voltemos a Broadus: “Não podia ter sido um eclipse do sol, porque a Páscoa era no meio do mês. Este sempre começava com a lua nova, de maneira que a lua agora estava cheia, isto é, do lado oposto da terra em relação ao sol. Assim, pois, toda a discussão sobre um eclipse, suscitada por Flegon, um escritor do segundo século, está fora de lugar, pois que isto não foi um eclipse”⁴². Tentar justificar a Bíblia é problemático, porque algumas dessas justificativas acabam em racionalização. O que se passou no Calvário não pode ser explicado racionalmente em sua motivação, nem em sua execução, e menos ainda em seus pormenores, nenhum deles desprovido de significado espiritual, e todos eles orientados pela mão divina.

Mas esta palavra de Jesus nos mostra também a extensão do amor da Divindade por nós. Não é um Deus Pai iracundo nem um Filho passivo e um Espírito patético que se envolvem com o drama do Calvário. É uma Trindade que ama. Deus Pai não pode ser injustiçado, como em algumas ilustrações em que é mostrado como um destrambelhado que quer morte a todo custo, e um Filho bonzinho vem aplacá-lo. A Trindade está junta, no

42 BROADUS, op. cit., p. 333.

Calvário. E o que sucedeu ali foi um ato de amor. Por mais que o saibamos de cor e recitemos em nossas igrejas, nunca nos esqueçamos do coração do evangelho, que é João 3.16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". O desamparo de Jesus não foi um ato de ódio ou de desprezo do Pai, mas a prova de todo o seu amor pela humanidade.



A Quinta Fala do Ator Principal: Só Agora Ele Expressa sua Necessidade

"(...) Secou-se-me a garganta... (...) na minha sede me deram a beber vinagre" (Salmo 69.3 e 21)

"Depois, sabendo Jesus que todas as coisas já estavam consumadas, para que se cumprisse a Escritura, disse: Tenho sede" (João 19.28)

No deserto, Jesus teve fome (Mt 4.2). Na cruz, teve sede. João abre seu evangelho dizendo "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Ele fez os rios, os oceanos, os mares e os lagos. Agora precisa de um copo com água. João dissera, sobre uma atitude de Jesus: "Ora, no seu último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7.37). Mas agora ele quer beber. É a ironia da sua humanidade se manifestando sobre a sua divindade. Até agora Jesus não fizera uma única menção à sua dor física ou à sua necessidade. Preocupara-se com seus algozes, com um dos que estavam sendo crucificados com ele, com sua mãe e com um dos seus discípulos. Manifestara sua inquietação em ver-se separado de seu Pai, ao receber o peso dos pecados da humanidade. Somente na quinta palavra é que ele externa sua carência pessoal e física. Ele morreu

exatamente como viveu, tendo os outros como alvo de sua vida. Ele nunca manifestou, durante seu ministério, o mínimo traço de egoísmo. Sequer de preocupação com sua própria vida. Só agora, quando a morte está se avizinhando é que ele externa uma necessidade. No Getsêmani, pedira apoio em oração, mas era o momento da decisão, de tomar a cruz. Agora ele manifesta, nesta sua palavra, os efeitos do sofrimento físico. Pede água.

“Tenho sede!”. É a segunda vez que o Novo Testamento fala de sua sede. A primeira vez foi com o episódio da mulher samaritana (Jo 4.7), com seu pedido “Dá-me de beber”. Mas com a mulher, seu pedido foi para estabelecer comunicação. Aqui se trata da sede que acomete o moribundo. Apenas duas palavras, mas que impacto há nelas! Que profundidade! Quanta comoção! E quanta lição teológica e espiritual neste dito tão curto! Duas palavras que muito nos ensinam sobre Jesus. Quantas heresias poderiam ser evitadas, se as pessoas dessem mais atenção à Bíblia que aos seus *insights*! Um dos primeiros hereges da igreja foi Cerinto. Pregando um tipo de adocionismo, doutrina segundo a qual Jesus não era Deus, mas fora adotado por Deus, ele dizia que um poder espiritual chamado Cristo veio sobre o homem Jesus, quando do seu batismo, e o deixara na cruz. Afinal, Deus não pode morrer. O adocionismo de Cerinto fazia de Jesus uma figura espiritualmente esquizofrênica, e fazia de Jesus e de Cristo duas pessoas absolutamente distintas e em oposição mútua e contínua. Quando curava pessoas, multiplicava alimentos e ressuscitava os mortos, ele era Deus. Mas quando se irava, quando comia, quando exultava, quando chorava, era homem. Ele não era Deus-homem. Ora era Deus, ora era homem. Alguns docetistas, como Basilides, Valentino, os patripassianos e os sabelianos, ensinavam que Jesus era apenas divino e que sua humanidade era aparente. Ele apenas parecia (*dokein*, no grego, de onde “docetistas”) humano, mas era totalmente divino. Isto o distanciava de nós, anulando a idéia da encarnação como conhecemos, que é a mais profunda manifestação de identificação que o mundo já viu: Deus se tornou homem para melhor se comunicar com os homens.

Bastaria olhar para os evangelhos e esquecer a filosofia. Aliás, a subordinação da teologia à filosofia é sempre preocupante. Muitas vezes, porque entendendo sua indignação, me sinto inclinado a perguntar como Tertuliano:

“O que, de fato, Atenas tem a ver com Jerusalém? O que a Academia tem a ver com a Igreja? O que os hereges têm a ver com os cristãos? Longe daqui qualquer tentativa de se produzir um Cristianismo estóico, platônico e dialético!”⁴³. Tenho vontade de dizer: “Longe daqui qualquer tentativa de se produzir um cristianismo filosófico, sociológico e recreativo!”. Quando olhamos os evangelhos não vemos um Jesus patético que ora é um ora é outro, nem vemos conflito entre suas pessoas. Na cruz, ele perdoa pecados, o que é prerrogativa de Deus (“Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus?” – Mc 2.7). Mas na cruz ele tem sede, o que mostra sua perfeita humanidade. Ele é perfeito Deus e perfeito homem. Não é cinquenta por cento Deus e cinquenta por cento homem. É cem por cento Deus e cem por cento homem, sem significar que fosse duzentos por cento. Isto é fundamental para a teologia cristã. Aqui ela cai ou permanece de pé. Quando compreendemos sua divindade, entendemos que Deus estava pagando a parte que o homem não podia pagar, fazendo aquilo que o homem não podia fazer. Vemos que Deus se identificou conosco, na mais profunda empatia que pode haver: Deus se fez carne. Quando compreendemos sua perfeita humanidade vemos que um homem cumpriu toda a Lei. Ele é o representante perfeito da raça humana. Nele, Deus e o homem estão presentes. Nele, Deus e o homem se encontram e se reconciliam.

Um Deus que se torna homem nos lembra que Deus nos compreende porque sabe o que é ser homem. Sofrimento e dor não lhe são estranhos. Ele sabe não apenas por onisciência, mas também por experiência. Entendemos isto mais firmemente por causa das palavras de Hebreus 4.15: “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Lembremos também do Salmo 103.14: “Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó”. Um belo hino evangélico diz assim: “Deus te compreende as dores”. É verdade. Deus conhece nosso penar. “Só Deus conhece o meu viver”, diz-nos outro hino. Os homens podem igno-

43 CLOUSE, Robert, PIERARD, Richard e YAMAUCHI, Edwin. *Dois reinos – a igreja e a cultura interagindo ao longo dos séculos*. S. Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 53.

rar a extensão de nosso sofrimento, mas ele nunca ignora. Ele foi homem, um dia. Ele experienciou todo tipo de sofrimento que qualquer um de nós pode experimentar. Não é apático, mas “pático”, ele sente e sofre. Mais que isso, ele é empático, sofre em nosso lugar.

O orientalismo ensina a idéia de que podemos ser deuses, que podemos subir, que podemos chegar a ser entes divinos. É uma tentativa desajeitada de criar uma nova Babel: “subamos até o céu!”. Em Jesus, Deus desce. Ele vem a nós. É curioso que aqueles que negam a possibilidade de Jesus ser Deus afirmem que pecadores como nós podemos chegar a ser divinos. É algo tão sem sentido que só mesmo a má vontade com o evangelho pode explicar porque estas pessoas rejeitam a divindade de Jesus e aceitam a idéia segundo a qual pessoas como nós, pecadores, sejamos divinos. E é muita excentricidade presumir que podemos ser como ele, aqui em nossa vida. Sem dúvida, tais pessoas não sofrem de baixa estima...

Mas, ao mesmo tempo em que afirma sua humanidade, o texto nos mostra a intensidade dos seus sofrimentos. Fora espancado, tivera que carregar sua cruz e precisou de ajuda porque caiu devido à fraqueza pelo espancamento e por uma noite indormida, tivera pés e mãos rasgados, sofria uma dor violenta e experimentava falta de ar, sintoma da crucificação ⁴⁴. A sede era efeito da febre, que acometeu um corpo que estava com rasgões por espancamento, pela crucificação e pela exposição das feridas ao sol e à poeira.

Por que sofria tudo isso? Espírito de mártir? Idealismo? Estava ele sofrendo um castigo dos homens por pregar o amor, como costumam dizer as pessoas que ignoram por completo o sentido do drama do Calvário? A melhor resposta sobre o porquê de seu padecimento vem de Isaías 53.4-7: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados

⁴⁴ Para quem queira mais detalhes sobre os efeitos da crucificação recomendo a visita ao meu site, www.isaltino.com.br, e a leitura do artigo “A crucificação de Cristo, a partir de um ponto de vista médico”, de C. Truman Davis.

como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, e como a ovelha que é muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a boca". O profeta é bem preciso ao dizer que ele era "homem de dores" e "experimentado no sofrimento" (Is 53.3). E isto com alguns séculos de antecendência.

Seu sofrimento foi para nossa salvação. Nós não a podíamos conseguir. Jesus no-la conseguiu. Mas, a que preço! Ele a pagou com sua própria vida! Lembremos da sua palavra em Marcos 10.45: "Pois também o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos". Ele morreu por nós, em nosso lugar, pelos nossos pecados.

Mas há uma expressão, no texto de João, que não pode passar despercebida pelo seu grande valor. Aliás, nada na Bíblia é irrelevante e perdemos muito se a lemos desatentemente. A expressão é "para que se cumprisse a Escritura". Parece que a preocupação maior de Jesus era com a Escritura que com seu estado físico, embora este capítulo diga "Só agora ele expressa sua necessidade". O foco agora, mesmo ele tratando de sua carência, é sobre o cumprimento da Escritura. Estava predito que ele sentiria sede: "A minha força secou-se como um caco e a língua se me pega ao paladar; tu me puseste no pó da morte" (Sl 22.15). Ele se sente fraco, sua vida se esvai, sua língua está seca. Ele não tem nem mais saliva. Chouraqui traduziu desta maneira: "... minha língua cola-se em minhas gengivas". Tudo se cumpre. Impressiona ao leitor atento como a Bíblia foi tão detalhista sobre a morte de Jesus, e como as pessoas ainda assim se mostram reticentes em crer nela. Mil anos antes fora predito que ele sentiria sede. Dirá alguém que este homem foi tão farsante que pensou em tudo, até mesmo nestes aspectos, para causar um impacto nas pessoas. Mas, o que lucraria ele com isso? Morreria do mesmo jeito! E é pouco provável que um homem nesta situação tivesse ânimo para uma farsa tão patusca!

Mas suponhamos que sim, que Jesus estivesse tramando tudo, escolhendo frases do Antigo Testamento, para impressionar os circunstantes, embora fique em suspenso o porquê desta atitude. Mas, logo que ele externa sua sede, algumas pessoas, provavelmente soldados romanos (é provável

que a bebida fosse vinho azedo com água, a *posca* dos romanos), tomaram uma atitude: “Estava ali um vaso cheio de vinagre. Puseram, pois, numa cana de hissopo uma esponja ensopada de vinagre, e lha chegaram à boca” (Jo 19.29). Isto também estava predito: “Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre” (Sl 69.21). Era pouquíssimo provável que os inimigos ou os executores de Jesus quisessem fazer as Escrituras se cumprirem, dando assim um testemunho de sua messianidade. Aliás, isto seria uma das últimas coisas a se esperar deles! O drama do Calvário não foi um projeto intempestivo, encenado de supetão, sem preparos. Não chegou a ser ensaiado (e nem precisava, pois a Divindade não erra), mas seus contornos foram muito bem delineados ao longo da história. Deus sabia o que aconteceria, o que Jesus diria, bem como o que seus adversários fariam. Estava escrito antes da fundação do mundo, porque o Ator principal é o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8).

E a atitude de lhe oferecer vinagre mostra o ódio dos homens, e não seu interesse em fazer cumprir as Escrituras. Pedir água equivalia a pedir acolhida, na cultura oriental. Mas nem assim eles agem civilizadamente, dentro de seus padrões culturais. Como disseram Mateos e Barreto: “O ódio a ele e ao Pai (15.23) chega ao cúmulo no momento de sua morte, com a rejeição final do amor oferecido: *os seus não o acolheram* (1.11)”⁴⁵. Neste momento, pelo menos, poderiam ter manifestado um gesto de compaixão por alguém que está morrendo, mas não. Até a atitude bestial deles em não dispensar uma atitude de misericórdia para com um moribundo é cumprimento da Palavra de Deus: “Mas isto é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Odiaram-me sem causa” (Jo 15.23). Tudo que aconteceu na cruz estava previsto. Deus não perdeu o controle dos eventos. Lembre-se disso, em sua vida pessoal, leitor. Deus não perde nunca o controle dos eventos.

“Para que se cumprisse a Escritura”. Vemos aqui o enorme respeito de Jesus para com a Escritura Sagrada. Ele fez com que ela se cumprisse em

45 MATEOS, Juan, e BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegetico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 788. O trecho em itálico é de Mateos e Barreto.

seus mínimos detalhes. Ele a cumpriu em sua vida, e a assumiu em sua morte. Ele é o mais perfeito cumprimento dela: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir” (Mt 5.17). Jesus foi um homem das Escrituras. Ele a cumpriu, ele a viveu, ele a encarnou, ele é a Escritura humanada, e nivelou suas palavras a ela, dando-lhes a mesma credibilidade e perenidade: “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mt 24.35). Ele é o clímax das Escrituras: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho...” (Hb 1.1-2^a). É por isso que rejeitamos o Livro do Mórmon, Helen White e revelações de “apóstolos” contemporâneos. Nada há a acrescentar às Escrituras. Jesus a completou. Qualquer presumida adição é uma declaração de que ele não foi a plena revelação divina e que sua obra foi incompleta.

“Para que se cumprisse a Escritura” nos mostra também a determinação de Jesus de cumprir toda a vontade do Pai. Hebreus 10.7 coloca estas palavras na boca do Filho, em conversa com o Pai: “Então eu disse: Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim) para fazer, ó Deus, a tua vontade”. O Filho se agrada em obedecer ao Pai. E o faz até os segundos que antecedem sua morte. Como diz León-Dufour: “Na iminência da morte, Jesus deseja ardentemente cumprir, até o último sopro, a vontade do Pai, que ele faz sua, para que os humanos tenham a vida (cf. 3.16). Resta realizar-lhe uma palavra da Escritura, aquela que na enumeração do Salmo 69 encerra a enumeração das provações do Justo; e ele mesmo determina seu cumprimento”⁴⁶. É por isso que o sofredor, o morto na cruz, não é um derrotado, mas um triunfante: “Esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor para glória de Deus Pai.” (Fp 2.7-11).

46 LEÓN-DUFOUR, op. cit., p. 111.

Podemos crer na Bíblia. Jesus cumpriu a parte que foi escrita antes dele. E prometeu que enviaria seu Espírito para relembrar o que ele ensinara aos apóstolos, para que eles nos legassem o Novo Testamento: “Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito” (Jo 14.26).

Este zelo de Jesus para com a Escritura nos lembra o diálogo de Deus com Jeremias: “E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que é que vês, Jeremias? Eu respondi: Vejo uma vara de amendoeira. Então me disse o Senhor: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1.11-12). Mostrando que Deus tem senso de humor, há um trocadilho no texto hebraico. “Amendoeira” é o hebraico *shaked*, e “velo” é o hebraico *shoked*. Os termos soam bem parecidos no hebraico, muito mais que em português. Eis um comentário de Plamplin: “A razão de a palavra em hebraico para ‘amendoeira’ ser do verbo ‘acordar’ (*shaked*) ou ‘velar’ é que ela é a primeira árvore a brotar na primavera. Deus estava dizendo ao profeta: ‘eu estou acordado para fazer cumprir a minha palavra’”⁴⁷. Jesus estava morrendo, mas ainda estava acordado para fazer cumprir a Palavra de Deus. Ele a cumpriu em toda a sua vida, cumpriu-a ao morrer e cumpriu-a na forma como morreu.

Esta consideração sobre o diálogo entre Deus e Jeremias não é mera curiosidade lingüística. É de grande utilidade para nos mostrar uma promessa divina. Deus garante o cumprimento de sua Palavra. Ele vela por ela. Nada dela cai ou deixa de se cumprir, no tempo por ele aprazado. Deus não é um falastrão inconseqüente. Podemos confiar num Deus assim e entregar a vida a um Salvador desta natureza e com este caráter. A cruz não foi um acidente. Tudo foi planejado. Deus é zeloso com seus planos e vela por eles. E Jesus garante a Palavra de Deus.

“Para que se cumprisse a Escritura” nos mostra também a maneira correta de entendermos a morte de Jesus. Vê-la como sendo o auge de um conflito de classes sociais ou de luta por independência de uma nação é praticar um reducionismo histórico que se esfarela diante dos desdobra-

47 PLAMPLIN, Richard. *Jeremias: seu ministério, sua mensagem. Um comentário cronológico*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 17.

mentos de sua morte. A cruz só pode ser entendida à luz das Escrituras. Numa de suas obras, Samuel Chadwick tem um tópico intitulado “Por que Cristo morreu?”, e começa assim a resposta:

A resposta das Escrituras é que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”. Esta questão deve ser lembrada, primeiro, finalmente, e todas as vezes, em cada abordagem da questão do porquê da morte de Cristo. Não há interpretação da morte de Cristo à parte das Escrituras. Ela só pode ser compreendida por revelação, e pela revelação que venha totalmente das Escrituras. A Revelação é progressiva e a cruz de Cristo é sua culminância.⁴⁸

Só podemos entender corretamente as Escrituras pelo ângulo do Cristo crucificado e ressuscitado. Aos caminantes de Emaús, Jesus lhes expôs as Escrituras, explicando a necessidade de sua morte. Mas as Escrituras terminavam nele e em sua morte que era necessária para que ele fosse glorificado pela ressurreição.

Mas há uma coisa ainda que é necessário considerar. O texto nos mostra um raro momento na vida do Salvador. Foi uma das poucas vezes em que Jesus precisou de alguém. No Getsêmani, ele precisou de apoio em oração, e naquela ocasião os discípulos falharam, dormindo. Aqui ele teve sede. Pediu água e lhe deram vinagre. Infelizmente perdemos o sentido da etimologia e do significado de oferecer vinagre, até porque ele tem uso culinário e nos é útil. “Vinagre” é a junção de *vin aigre*, “vinho azedo”. O vinho, na cultura oriental, era símbolo da alegria, e o vinagre, mesmo usado em alimentos, era o símbolo do ódio e da rejeição. Muita gente tem dado vinagre a Jesus. Ao invés do vinagre da resposta positiva, do interesse e do engajamento, tem dado o vinagre da indiferença, o vinagre da rejeição, o vinagre do desinteresse e do descompromisso. O que você, caro leitor, dará a Jesus, após ler este capítulo? A água da atenção ou vinagre da apatia? Ele espera vinho. Você dará vinagre?

48 CHADWICK, Samuel. *The gospel of the cross*. Salem: Schmul Publishing Co., Inc., s/d, p. 40.

Mas o homem que teve sede na cruz disse e ainda diz a todos: "Todo o que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que jorre para a vida eterna" (Jo 4.13-14). Ele tem água para dar, a água da vida. Não é preciso ter sede. Ele sacia a alma, o coração e o intelecto.



A Sexta Fala do Ator Principal: O Fim se Aproxima

"Ele fez" (Salmo 22.31)

"Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito" (João 19.30)

Na quarta palavra da cruz Jesus se valeu do Salmo 22, em sua abertura, usando sua frase inicial. Agora, na sexta, com sua vida caminhando rapidamente para o fim, ele retorna ao Salmo 22. As últimas palavras usadas pelo salmista são: "O que ele fez". Em hebraico, *ki assah* ("que fez ele"). Esta expressão de Jesus é tão significativa, que o terceiro filme da série "Matrix", que em muitos momentos parodia o evangelho, termina com a morte de Neo, o que faz cessar a guerra que está destruindo Zion. Vendo o fim da guerra, e sabendo que ela cessara por causa da morte de Neo, Morpheus exclama: "He did" ("Ele fez")⁴⁹. Isto mostra que a expressão de Jesus deixou marcas fora do âmbito do evangelho. Mas ela vem do Salmo 22. Pack também vê nesta palavra de Jesus, "Está consumado!", o paralelo com o

49 Veja o artigo "Matrix: uma avaliação", no site www.isaltino.com.br.

salmista. Diz ele: “Esta é uma possível tradução da última linha do Salmo 22, cujas primeiras palavras formaram o grito de aflição de Jesus registrado em Mateus e Marcos”⁵⁰. Isto nos mostra que Jesus se viu no Salmo 22, um dos apropriadamente chamados de “Salmo da cruz”.

A morte está chegando e ele a enfrentará não com os gemidos de um sofredor nem com a resignação de um mártir. Menos ainda com o choro de um apavorado. A morte está pondo a mão sobre ele, pois segundo Lucas, logo após esta declaração, ele inclinou a cabeça e “entregou o espírito”. Esta será sua sétima palavra, que parece ter sido proferida imediatamente após a sexta, que ora comentamos. Ele está seguro e consciente de que está com a missão cumprida. Sua missão se cumprirá na cruz.

“Está consumado” é a expressão grega *tetélestai*. Foi assim que João registrou, compreendendo o que acontecera e o que Jesus quisera dizer. Como bem nos lembra Dodd⁵¹, esta expressão se conecta com João 17.4 na frase “me deste para fazer”, que é o grego *to ergon teleiosas*, que poderia ser traduzido por “me deste para consumir”, pois o verbo e o particípio são a mesma palavra. Agora ele está concretizando suas palavras em 17.4: “Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer”. Ele consuma agora o que o Pai lhe dera para consumir. Faltava-lhe fazer isso, morrer na cruz pelos pecados do mundo. Ele vai fazer, porque obedeceu ao propósito do Pai, e obedeceu até a morte. Sua morte completa sua obra, o que ele tinha que fazer, pois a ressurreição será obra do Pai e do seu Espírito (At 2.4 e 32, 3.15, 4.10, 5.30, 10.40, 13.30 e 37, Rm 4.24, 8.11 e 10.9, entre muitas outras). Ir até a morte era para ele fazer. Trazê-lo à vida era para o Pai e o Espírito fazerem.

Mas a expressão não tem o sentido de “acabou”, como se fosse dita por alguém que tivesse desempenhado uma atividade enfadonha, e agora expressasse seu alívio. Assim nos diz Fabris:

50 PACK, Frank. *O evangelho segundo João*. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1983, p. 306.

51 DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 565.

“Tudo está consumado” não significa “chegou o fim”, mas sim “a vontade do Pai foi realizada em tudo e perfeitamente”. O uso do tempo perfeito (*tetéléstai*) introduz um matiz de duração: o cumprimento é definitivo e comporta uma situação nova e duradoura. O verbo é usado por João em passagens muito significativas, todas em relação com a vontade salvífica do Pai e a perfeita obediência de Jesus: 4.34, 5.36, 17.4, 17.23 (...). A cruz é o momento no qual tudo isto é desvelado e levado a termo. Mais: a cruz é o cumprimento não somente da missão de Cristo, mas também da Escritura.⁵²

“Está consumado” não é, portanto “Acabou, até que enfim!”. É “Está tudo completo e feito como deveria ter sido feito”. Miles lembra que, em hebraico e em aramaico, o verbo *assah*, que foi traduzido por “Está consumado!”, pode ser traduzido por uma só palavra: “Feito!”⁵³.

No Salmo 22, o homem abandonado por Deus e que está morrendo, acaba triunfando e deixa um legado para a posteridade. Exatamente por causa de sua morte, Jesus está fazendo isso. Sua morte era necessária para que este legado, a igreja, ficasse para a posteridade. Do ponto de vista teológico, é isto que está consumado. Consuma-se a obra de Jesus, indo até o Calvário, para morrer pela humanidade, para abalar o poder do maligno, para alcançar a vitória para Deus e seu reino. Consuma-se o propósito de Deus, desde a eternidade, como o Apocalipse cantará depois: “E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8). Ele, Jesus, é o cordeiro pascal cuja morte foi decidida na eternidade, antes do mundo ser criado. Agora, o propósito eterno de Deus se consuma. A cruz é, portanto, o clímax da história. A igreja não pode omitir a cruz, mas deve fazer dela a sua glória. Volto a este ponto: a igreja só existe por causa da cruz.

Mas outras coisas estavam sendo consumadas. Estava sendo consumado o seu sofrimento. Isaías 53.3 o chama de “homem de dores”: “Era des-

52 FABRIS, Rinaldo, e MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II) – tradução e comentários*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 472.

53 MILES, Jack. *Cristo – uma crise na vida de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 293.

prezado, e rejeitado dos homens; homem de dores, e experimentado nos sofrimentos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum”. Que declaração: homem de dores e experimentado no sofrimento! Sofreu nas mãos dos homens, sofreu nas mãos de Satanás e sofreu sob a mão de Deus: “Todavia, foi da vontade do Senhor fazê-lo, fazendo-o enfermar...” (Is 53.10). Mas Jesus não foi uma figura patética, tampouco um infeliz sobre quem choveram desgraças. Ele sabia disto e procurou por isto. Diz-nos Mateus 16.21: “Desde então começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse”. Isto foi logo depois que Pedro o confessou como o Cristo, o Filho do Deus Vivo. Ele não saboreou o gostinho da vitória do reconhecimento. Voltou os olhos para Jerusalém e se encaminhou para lá. Ele sabia que iria sofrer: “Há um batismo em que hei de ser batizado; e como me angustio até que venha a cumprir-se!” (Lc 12.50). Ele buscou a cruz. Ele foi atrás dela.

É possível ver também seu sofrimento emocional, na antecipação da cruz. Ela não o pegou desprevenido, mas ele sofreu ao saber que ela viria. Antes de sua prisão, nós o vemos agitado, conforme os relatos dos evangelhos. É possível ver nos evangelhos como ele está em movimento, indo de um lugar para o outro, falando, orientando, discursando, deixando as últimas instruções. Ele sofreu pelos nossos pecados e agora isto estava chegando ao fim. “Está consumado!” o seu sofrimento.

Estava sendo consumada a expiação de nossos pecados. Ele estava pagando por eles. O apóstolo Paulo expressou isto muito bem: “Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação; que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o principal” (1Tm 1.15). Esta salvação aconteceu na cruz. Não foi pela ética de Jesus, nem por seus ensinamentos, nem por seus milagres, mas pela sua cruz. A igreja peca por desvirtuar o evangelho quando enfatiza qualquer outro aspecto na vida de Jesus mais que sua cruz. Quando igrejas enfatizam mais milagres e curas que a cruz, estão desvirtuando o evangelho. Quando enfatizam mais o aspecto social que a cruz, estão desvirtuando o evangelho, mesmo fazendo malabarismos para provar que a cruz implica nisto. A cruz pode implicar nisto, mas a mensagem da

igreja é prioritariamente, a cruz em si mesma. “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (1Co 2.2).

A cruz declara o amor de Deus pelos homens e seu poder sobre o pecado. Ela é uma declaração inequívoca de que os pecados dos homens são perdoados: “Levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1Pe 2.24). Há perdão para os pecadores, e este perdão está na cruz.

Em João 19.29 lemos que “Estava ali um vaso cheio de vinagre. Puseram, pois, numa cana de hissopo uma esponja ensopada de vinagre, e lha chegaram à boca”. Sobre o hissopo somos esclarecidos por uma admirável explicação de Chouraqui: “**Hissopo**. Em grego *hyssópos*, em hebraico *ézob*. É a manjerona, *Origanum maru* (*majorana syriaca*), arbusto de 40 a 50 cm de altura, que cresce em terreno rochoso ou mesmo por entre os muros (ver 1Rs 5.13, Ex 15.22, Nm 19.6). Ele era utilizado na liturgia para aspergir o sangue sobre o altar do sacrifício, ou ainda para aspergir a água destinada às purificações (Ex 19.6; ver Sl 51.9). Mateus (27.48) e Marcos (15.36) falam de um caniço”.⁵⁴

Na páscoa de Israel, conforme Êxodo 12.22, um ramo de hissopo deveria ser molhado de sangue e assim este seria espargido nos umbrais da porta da casa de cada israelita, para livrar seu lar do juízo. No Calvário há um ramo de hissopo, mas ele carrega vinagre para Jesus. Mas a presença do hissopo na páscoa israelita e na cruz de Jesus estabelece uma conexão. Ele é o cordeiro da páscoa e seu sangue livra não apenas os israelitas, mas todo aquele que nele crer, da morte eterna. Ele é o cordeiro de Deus (“No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” – Jo 1.29) e é a nossa páscoa (“Porque Cristo, nossa páscoa, já foi sacrificado” – 1Co 5.7). A nossa redenção do poder e dos efeitos do pecado está consumada. O hissopo era usado nos rituais de purificação. Jesus não precisa ser purificado de nada, mas nós precisamos. É seu corpo entregue por nós, seu sangue derramado por nós,

54 CHOURAQUI, André. *A Bíblia. Iohanân (o evangelho segundo João)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 281.

que nos trazem a purificação de nossos pecados. A presença do hissopo nos ajuda a ver um ato litúrgico na morte de Jesus. David Garland também vê assim, e comenta, em seu já citado artigo na *Review and Expositor*: “A menção explícita ao hissopo pode nos levar a entender que João pretendia levar seus leitores a ver uma alusão à páscoa, pois desde Êxodo 12.22 o hissopo era usado para espargir sangue do cordeiro pascal nos umbrais das portas dos israelitas”⁵⁵. Embora alguns comentaristas vejam aqui algo fortuito, é preciso recordar que o evangelho de João não é linear, mas cheio de mensagens por símiles, metáforas e pequenas alusões ao Antigo Testamento. A conexão entre Jesus e o cordeiro da páscoa não pode ser descartada. Ainda mais que, conforme Duriez, “segundo os evangelhos, Jesus morreu logo após as quinze horas, quando começava a matança dos cordeiros para a Páscoa”⁵⁶. Duquesne faz a mesma observação: “No Templo começam as cerimônias de preparação da festa. Os cordeiros serão degolados para a ceia pascal. No Gólgota, é o fim. ‘Tudo está consumado’, diz Jesus”.⁵⁷

Algo mais está consumado: a derrota de Satanás. Ele não venceu na cruz. Porque ela não veio a significar a derrota de Jesus, mas a sua. Curiosamente, o Maligno tentou fazê-lo desistir da cruz, no episódio da tentação no deserto: “Então o Diabo o levou à cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e eles te sustentarão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra” (Mt 4.6-6). Grande marqueteiro! Um senhor publicitário! Já imaginaram, na hora do sacrifício, com a multidão indo ao templo, Jesus pulando do pináculo, e quando estivesse para bater no solo, uma legião de anjos vindo para socorrê-lo? Que entrada triunfal! Esta foi uma tentação muito poderosa e não penetramos a fundo no seu significado. Jesus poderia usar outros métodos, melhores que a cruz, e seria mais bem sucedido. Talvez Satanás, que não é onisciente, intuisse que a cruz não lhe traria muitas vantagens. E, realmen-

55 GARLAND, op. cit., p. 521.

56 DURIEZ, Colin. *33 D.C., o ano que transformou o mundo*. São Paulo: Editora Madras, 2006, p. 113.

57 DUQUESNE, Jacques. *Jesus – a verdadeira história*. São Paulo: Geração Editorial, 3ª. ed., 2005, p. 254

te, a cruz não trouxe benefícios para Satanás. Ela o derrotou. Voltamos a Lloyd-Jones:

O diabo pensou que estava derrotando a Cristo, porém Jesus estava nos reconciliando com Deus, derrotando o diabo e nos libertando de suas garras. Ele fez isso ao pagar a pena e nos reconciliar com Deus. O poder de Deus recaí sobre nós e nascemos de novo, recebendo nova natureza e nos tornando novas pessoas. O Espírito Santo vem habitar em nosso interior e a presença de Cristo está sempre ao nosso alcance para nos socorrer.⁵⁸

Aliás, sobre a tentação de Jesus para evitar a cruz, esta é também grande tentação que se abate sobre a igreja de Jesus: fugir da cruz e tentar o sucesso pelo marketing. Mas Deus escolheu a cruz e não o sensacionalismo do uso de poderes espirituais. Sem cruz não há evangelho, não há igreja. Sem a cruz, o mundo teria mergulhado num caos extraordinário. O que seria do mundo, não apenas no sentido de antroposfera (o mundo criado pelo homem), mas do cosmos, se não fosse a cruz? A queda teve uma dimensão cósmica (“maldita é a terra...”) e a redenção também tem uma dimensão cósmica: “E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus” (Cl 1.20). “Todas as coisas” é o grego *ta pánta*, sobre o qual Robertson assim se expressou: “O uso de *ta pánta* (todas as coisas, o universo) mostra que de alguma maneira ficou fora de harmonia e nos lembra a passagem mística de Romanos 8.19-23... O pecado, de alguma maneira, colocou o universo fora do propósito divino. Cristo veio para consertar as coisas”⁵⁹.

Em um comentário sobre Colossenses, assim se expressou Wilson: “Paulo sublinha fortemente o efeito cósmico da obra reconciliadora de Cristo pela sua insistência em colocar o foco no alcance inclusivo de ‘todas as coisas’. Toda a criação estava envolvida nos efeitos do pecado do

58 LLOYD-JONES, op. cit., p. 126.

59 ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word pictures in the New Testament. Vol. IV: The epistles of Paul.* Nashville: Broadman Press, s/d., p. 481.

homem. Assim sendo, a reconciliação efetuada por Cristo deve envolver todo o universo”⁶⁰. Tanto é assim que a terra, que se tornou maldita, aparece redimida em Apocalipse 22. Não há mais maldição e o acesso do homem à árvore da vida agora é permitido e autorizado. Pular do pináculo não colocaria o mundo dentro do propósito divino, novamente. Só a cruz. Que a igreja não troque a cruz pelo pináculo. Só a cruz restaura o mundo. O mundo precisa ouvir não promessas de prosperidade, mas a mensagem da cruz.

A tentativa de Satanás em levar Jesus a evitar a cruz teve seqüência no relacionamento dele com os discípulos. Jesus identificou a ação satânica na fala tão carinhosa de Pedro, mostrando sua preocupação com ele: “E Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Tenha Deus compaixão de ti, Senhor; isso de modo nenhum te acontecerá. Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não estás pensando nas coisas que são de Deus, mas sim nas que são dos homens” (Mt 16.22-23). E a última tentativa do inimigo se deu na cruz: “A outros salvou; a si mesmo não pode salvar. Rei de Israel é ele; desça agora da cruz, e creremos nele” (Mt 27.42). Aqui a publicidade segue em três linhas. Na primeira, um apelo para o ego: não pode salvar-se a si mesmo, aquele que salvava os outros? Descer da cruz era uma questão de brío, se ele quisesse dar uma resposta à multidão. Na segunda, a tentação apela para a ironia: “Rei de Israel é ele”. As pessoas não gostam de ser zombadas e se enchem de brios para desmanchar a vergonha que tentam fazê-las passar. A terceira traz de novo a proposta de salvação sem cruz: “desça agora da cruz, e creremos nele”. Satanás não queria a cruz. Temia-a. Volto a este ponto: a igreja peca ao nível de blasfêmia se tenta fugir da cruz ou se escamoteia a mensagem da cruz. O pregador que não gosta de falar da cruz é indigno do púlpito. Porque é na cruz que tudo se consuma. E ele só foi constituído pregador porque houve uma cruz.

A cruz consuma a vitória de Cristo. Ela não é símbolo de sua derrota, mas de sua vitória. Ao falar da obra cósmica de Cristo, Paulo nos diz, em

60 WILSON, Geoffrey. *Colossians and Philemon – a digest of reformed comment*. Edinburgh: The Banner of Trust Truth, 1980, p. 36.

Colossenses 2.14-15 que ele “havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz; e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz”. Lemos, ainda, em Hebreus 2.14: “Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo”. Na cruz o poder maligno foi derrotado. Será totalmente aniquilado, na consumação, mas já está derrotado. É intrigante que tantos cristãos nutram fascinação por demônios, falem tanto de Satanás, de seu poder, esquecidos que ele é um derrotado. Pode ser um transtorno, mas seu fim já está decretado. Ele é um derrotado. Lutero expressou isto muito bem, em seu admirável “Castelo Forte”, em sua terceira estrofe:

Se nos quisessem devorar
 Demônios não contados,
 Não nos podiam assustar,
 Nem somos derrotados.
 O grande acusador
 Dos servos do Senhor
 Já condenado está;
 Vencido, cairá
 Por uma só palavra.

A cruz é nossa garantia de vitória e da derrota de Satanás. Jesus consumou sua obra na cruz e sua obra inclui a derrota do poder maligno e a nossa vitória. Como precisamos viver ao pé da cruz para receber o poder que dela emana!

Eis uma outra questão gramatical, que não é mencionada por curiosidade, mas por nos transmitir mais segurança. Porque a gramática nunca é um fardo, mas um elemento esclarecedor. O verbo traduzido por “consumado” vem no tempo perfeito, dando a idéia de uma ação finda, completa e em estado perpétuo. Ou seja, não há mais nada para fazer. Ele fez tudo.

Ele consumou tudo. Não há mais nada, em época alguma, para fazer. Por isso que quando o carcereiro de Filipos perguntou a Paulo e Silas o que devia fazer para ser salvo, os apóstolos responderam: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16.31). Tudo já foi feito. Agora é apenas receber. A graça foi dispensada. A fé é chamada para se apropriar da graça, que consumou tudo, que tudo fez perfeito, completo e para sempre.



A Sétima Fala do Ator Principal: O Fim Chegou

“Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” – João 19.30

“Jesus, clamando com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isso, expirou” – Lucas 23.46.

Esta é a sétima e última declaração de Jesus na cruz. São suas últimas palavras antes de sua morte. São também as suas últimas palavras como homem: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. A frase é lacônica. Não é uma queixa, não é um grito, nem traz um tom de frustração. Não mostra nenhuma mágoa ou revolta. Ele fez o que deveria ter feito, vimos no capítulo anterior. E agora, diz o que deve ser dito. São as palavras que se esperava que ele dissesse, à luz da forma como viveu, sempre nas mãos do Pai.

Parece-me muito adequado iniciar este capítulo com as palavras de Douglas Webster, que na minha adolescência me iniciou na reflexão sobre o drama do Calvário: “Pode-se dizer que a palavra final da Cruz contém todo o significado da Cruz, e, na realidade, o significado de toda a vida de

Cristo: é a última dádiva de si mesmo a Deus”⁶¹. Ele se deu ao Pai por toda a sua vida. E se dá a ele na morte.

Jesus termina sua vida como sempre a viveu, nas mãos do Pai. Foi o mais coerente dos homens. Viveu o que pregou, era o que pregou, e sustentou o que pregou até mesmo na cruz. Ele foi o homem mais coerente que o mundo já viu. E homem algum foi como ele. Como já foi dito, até mesmo os guardas que foram enviados para prendê-lo voltaram com as mãos abandonando e se justificaram, dizendo “Nunca homem algum falou assim como este homem” (Jo 7.46). Podemos dizer, parafraseando estes homens, que “Nunca homem algum viveu assim como este homem”.

“E, havendo dito isso, expirou”. Que tom melancólico há nestas palavras de Lucas! “Expirou”. Embora nenhum dos evangelistas use esta palavra, ele “morre”. Assim somos introduzidos num dos maiores paradoxos da história. A vida morre. Se a história cessasse aqui seria o fim de tudo, e o caos total e absoluto reinaria sobre o mundo. Consuma-se agora o ato de maior brutalidade dos homens, em todas as épocas. Os defensores da bondade inata do homem e negadores do mal devem olhar para este quadro e responder, com honestidade, a esta pergunta: “O homem é bom mesmo?”. Porque a Bondade absoluta estava morrendo e não por acidente. Morria por determinação humana e com requintes de extrema crueldade. E, o que faz da história uma suprema tragédia, sua morte foi tramada nos bastidores por homens religiosos, num lugar sagrado, o templo. Uma trama sanguinolenta nos corredores do lugar mais sagrado para aqueles homens, aparentemente tão piedosos. Quanta contradição! Para nós, fiéis e religiosos, uma advertência que não pode ser ignorada. Nunca os homens fazem o mal com tanto entusiasmo como quando o fazem em nome de Deus. Como as pessoas podem ser cruéis, perversas e absolutamente insensíveis, julgando que estão servindo a Deus! Vemos isso, em escala menor, nos bastidores eclesiais, em reuniões administrativas de igrejas e de assembléias de instituições religiosas. Os bastidores religiosos nem sempre exalam um odor de santidade. Infelizmente, há muita perversidade em nome de Deus! E, em nome do evangelho do homem que nunca fez o mal a ninguém.

61 WEBSTER, op. cit., p. 68.

Jesus morre! E há conseqüências cósmicas, que depois analisaremos. Mas, sobre elas, como não recordar aqui a quadra inicial do soneto de Bastos Tigre, “Calvário”?

Jesus expira sobre a montanha sagrada,
 Pregados ao madeiro os braços magros, nus;
 Treme o solo, e do céu cai a noite fechada;
 O Sol não manda à Terra uma réstia de luz!

O paradoxo é mesmo extremo! Morria o Senhor da Vida. Apagava-se a Luz do Mundo. O mal triunfava sobre o bem, o ódio sobre o amor. O mundo mergulhava na escuridão. Era a derrota do pregador itinerante de Nazaré, que ousara desafiar o sistema religioso corrompido, mais preocupado consigo mesmo, com seus bens, que com Deus e sua Palavra. A morte, grande inimiga da raça humana, estava reclamando o próprio Deus, porque este se tornara homem. Mas, como bem disse Pedro, no dia de pentecoste, “ao qual Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (At 2.24). A morte não o seguraria e ele voltaria à vida. E com isso, a morte passou a ter o dia de sua morte marcado. Por causa da morte de Jesus e sua subsequente ressurreição, a morte morrerá: “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo...” (Ap 22.14). Satanás, aparentemente, havia levado a melhor, mas “Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo; e livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão” (Hb 2.14-15).

A morte de Jesus fez da morte um paciente terminal. Ela está com os seus dias contados. Aplica-se aqui uma frase do poeta Shelley: *He lives, he wakes – 'tis Death is dead, not he* (“Ele vive, ele vela – é a morte que está morta, não ele”). E sua derrota tornou-o vitorioso e a vitória aparente das trevas apenas fez com que o Sol da justiça se levantasse numa manhã de domingo, para nunca mais se por.

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” foram suas palavras finais. Por causa dele e destas palavras que ele pronunciou, milhões de pessoas morreram com esta expressão nos lábios, ao longo da história. O primeiro mártir da igreja morreu com expressão semelhante, mas entregando o espírito a Jesus: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (Jo 7.59). Por causa de Jesus podemos entregar nossa vida e nossa morte nas mãos do Pai. Nenhuma situação, por mais aflitiva que seja, nem mesmo a morte, pode separar o crente em Jesus Cristo do amor do Pai: “Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.38-39). Foi por isso que Paulo zombou da morte: “Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graça a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15.54b-57). O crente em Jesus não teme a morte, pois pode dizer como Bonhoeffer: “A morte é o supremo festival no caminho da liberdade” ⁶². Foi por isso que o pastor batista Martin Luther King Jr, Prêmio Nobel da Paz em 1964, e “Homem do Ano”, pela revista *Time*, em 1963, pediu que sobre sua sepultura fosse colocada esta inscrição: “Enfim livre, graças a Deus Todo-Poderoso, enfim, livre” ⁶³. Não livre da prisão do corpo, como pensava Platão, mas livre do pecado, livre da morte, livre para viver sempre com o Senhor. Este é o legado da cruz. Morrer é viver para sempre com o Senhor. É ser livre, é ter a verdadeira liberdade.

É significativo que Lucas saía ao âmbito do Salmo 22 e nos traga esta palavra de Jesus que se baseia no Salmo 31.5: “Nas tuas mãos entrego o meu espírito; tu me remiste, ó Senhor, Deus da verdade”. É um salmo por libertação e proteção. Embora não seja considerado como messiânico, seu conteúdo nos mostra uma pessoa aflita, que clama a Deus por socorro, e obtém resposta. Todo o quadro narrado é de uma pessoa profundamente

62 BONHOEFFER, Dietrich. *Letters and papers from prison*, sem mais dados, p. 176.

63 KING JR, Martin Luther. *O grito da consciência*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1968, p. 10.

oprimida, hostilizada e moralmente agredida, e com a vida em risco. Mas, a história do perseguido termina com estas palavras, que antecedem o chamado para louvar a Deus: “Bendito seja o Senhor, pois fez maravilhosa a sua bondade para comigo numa cidade sitiada. Eu dizia no meu espanto: Estou cortado de diante dos teus olhos; não obstante, tu ouviste as minhas súplicas quando eu a ti clamei” (vv. 21-22). O uso do Salmo 31 faz a associação de entregar o espírito não à derrota, mas ao livramento, pois é o assunto do salmo. E mais ainda: este versículo era recitado na hora do sacrifício da tarde, no momento em que Jesus morreu. Enquanto no templo o sacerdote está dizendo estas palavras, como oferta a Deus, o Grande Sacerdote está dizendo isso no seu altar, a cruz. A seguir, o véu do templo vai se rasgar. Pikaza comentou bem sobre isto: “O judaísmo termina (cf. 23.44-46). Lá no centro, na montanha do calvário só permanece Jesus, como final desse caminho que conduz ao Pai ⁶⁴”. O templo perdeu a razão de ser. Não tentem, cristãos, oferecer suporte teológico para os judeus reconstruírem seu templo! Se vier a ser refeito, ele será um templo pagão! Não há mais oferta de sangue para se fazer a Deus. O Sumo Sacerdote de nossa fé fez o último sacrifício na cruz, e resolveu, de uma vez por todas o problema do pecado: “Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo (não feito por mãos, isto é, não desta criação), e não pelo sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma eterna redenção” (Hb 9.11-12). A cruz foi o altar onde Jesus aniquilou o pecado. Não há mais sacrifícios a fazer. Se um dia os judeus reconstruírem seu templo, que é teologicamente desnecessário, e se um dia vierem a oferecer sacrifícios, estes serão tão pagãos quanto a galinha preta oferecida pelo macumbeiro, na encruzilhada. Não há nada mais para ofertar. Não há mais sangue algum para derramar. O fim do templo como lugar de encontro com Deus já fora sinalizado na instituição da ceia. Quando Jesus apresenta o “novo pacto”, o antigo, feito com Israel, na Páscoa de Êxodo 12, está para caducar: “Dizendo: Novo pacto, ele tornou antiquado

64 PIKAZA, Javier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2ª. edição, 1985, p. 231.

o primeiro. E o que se torna antiquado e envelhece, perto está de desaparecer” (Hb 8.13). Concordo inteiramente com Duriez, quando ao comentar ele a ceia de Jesus com os discípulos, afirma: “Muito mais aconteceu na Sala de Cima naquela noite, até as palavras de Jesus sobre o pão e o vinho que representam seu sangue dado em sacrifício e o corpo que seria destruído. A ocasião representou um momento histórico radical: evidentemente Jesus indicava o final do sistema de sacrifícios do próprio templo”⁶⁵. Pessoalmente, considero a Ceia como um momento especial na revelação divina e o grande marco na vida da igreja. Quando a celebro com minha igreja, sempre uso esta frase: “A ceia é a certidão de nascimento da igreja”. É a declaração de que vai surgir o novo povo de Deus, filho do novo pacto, pacto escrito com o sangue de Jesus, como o Apocalipse cantará: “E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reino, e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra” (Ap 5.9-10).

“Entrego”. É ele quem entrega a vida ao Pai. Não a tiram dele, mas ele mesmo a entrega, consciente e deliberadamente. Ele mesmo dissera isto: “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai” (Jo 10.17-18). Não foi uma figura patética nem acovardada diante da cruz e da morte. O Jesus retratado por Norman Mailer, em *O evangelho segundo o Filho*, é uma figura patética, que não sabe quem é nem o que deve fazer. Não é assim o Jesus real, apresentado por quem o conheceu e conviveu com ele. Ele decidiu que ia dar a sua vida pelo mundo. Assim ele provaria seu amor para com a humanidade: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13). Assim o Pai provaria seu amor por nós: “Mas Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós” (Rm 5.8).

“Nas tuas mãos”. São as mãos que seguram as coisas. Com elas pegamos objetos e também seguramos pessoas. Na linguagem bíblica, estar nas

65 DURIEZ, op. cit., p. 102.

mãos de alguém é estar dependente deste alguém. Quando Deus decidiu julgar Davi e lhe enviou três opções, por meio do profeta Gade, Davi respondeu: “Estou em grande angústia; porém caíamos nas mãos do Senhor, porque muitas são as suas misericórdias; mas nas mãos dos homens não caia eu” (2 Sm 24.14). Pois é nas mãos de Deus que Jesus entrega o espírito. Aqui, me lembro mais uma vez de uma poesia da língua portuguesa, desta vez com Antero de Quental, considerado como o maior poeta luso depois de Camões: “Na mão de Deus, na sua mão direita/Descansou afinal meu coração”. É nas mãos de Deus que vai descansar o espírito de Jesus. É o ato de confiança final do Salvador, e que nos mostra que nas mãos do Pai há descanso. Não me soa com muito sentido a interpretação de alguns de que Jesus estava falando do Espírito Santo que seria derramado. Ele entrega o seu espírito, sua vida, a Deus. Concordo com A. T. Robertson que diz não haver nenhum motivo para utilizar “Ghost”, termo empregado para “Espírito Santo”, em traduções inglesas mais antigas. A expressão de Mateus 27.50 (“De novo bradou Jesus com grande voz, e entregou o espírito”) é o grego *aphêken to pneuma*. Em João 19.30 (“Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito”), a expressão é *paredôken to pneuma*. Robertson lembra que *pneuma* é a raiz de *ekpneô*, o verbo em Marcos e em Lucas, nos versículos que iniciam este capítulo ⁶⁶. Está se tratando de render o “espírito, a alma”. Chouraquí traduziu como “Pai, entre tuas mãos entrego meu sopro” ⁶⁷, com a idéia do fôlego da vida da pessoa. O homem que foi concebido pelo Espírito entrega o espírito ao Pai. Aqui reside a essência de toda a vida cristã, que é entregar-se nas mãos do Pai. Muitas pessoas vivem vidas vazias e procuram uma causa para a ela dedicarem seu tempo e sua energia. E muitas outras continuam vazias ou se entregam a causas fúteis, onde acabam causando males a outras pessoas. Não se trata de entregar a vida a alguma coisa, mas a alguém, a Deus.

66 ROBERTSON, no comentário sobre os termos gregos de Lucas, p. 287.

67 CHOURAQUI, André. *Lucas – o evangelho segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 323.

Entregando o espírito nas mãos do Pai, Jesus mostra toda a sua confiança nele. Como mais tarde Paulo traçará um contraste entre Cristo e Adão (na teologia paulina, Jesus é o segundo Adão, em quem a raça humana é refeita, como lemos em Romanos 5.12-21), é interessante verificar o contraste entre sua atitude e a de Adão. Diz-nos Stagg: “Eis aqui um profundo significado da cruz. A atitude de Jesus é o reverso da atitude de Adão, que foi de autoconfiança, de amor a si mesmo, de auto-afirmação. A morte de Jesus Cristo nos permite tornar-nos pessoas que, unidas com ele, deixam de ser o velho homem centrado em si, e cria em nós o homem centrado em Cristo”⁶⁸. Lutero gostava de usar a expressão *incurvatus in se ipsum* (“encurvado para si” ou “auto-encurvamento”) para designar o homem em pecado, na natureza adâmica. “O ser humano destinado à resposta acaba no círculo de um monólogo interminável consigo mesmo e com seus semelhantes e na preocupação descabida, híbrida, pela totalidade da sua existência. Ao mesmo tempo, o pecador acaba prejudicando suas criaturas”⁶⁹. O pecado leva o homem a se entronizar em seu coração e a se colocar como centro de sua vida. Por isso que teólogos como Manson e Strong definem que a essência do pecado é o egoísmo. Eis, inclusive, o que diz Strong: “Nós sustentamos que o princípio essencial do pecado é o egoísmo. Por egoísmo não nos referimos simplesmente ao exagerado amor próprio que constitui a antítese da benevolência, mas aquela opção pelo ‘eu’, numa oposição ao amor que se deve tributar a Deus”⁷⁰.

Sim, quando nos unimos a Cristo, pela fé, deixamos de ser como Adão, com a vida centrada em nós e passamos a ter uma natureza centrada em Cristo. Em Gálatas 2.20 (“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”), Paulo não está expressando um nível de santificação que alcançara, numa espiritualidade singular, à qual poucos chegam. Está falando de posição, e

68 STAGG, Frank. *Studies in Luke's Gospel*. Nashville: Convention Press, 1967, p. 134.

69 BAYER, Oswaldo. *A teologia de Martin Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007, p. 131.

70 STRONG, Augustus. *Systematic theology*. Valley Forge: The Judson Press, 25a. edição, 1967, p. 567.

não de estágio. Aquele que realmente está em Cristo, que entregou a vida a ele, está identificado com ele, crucificado com ele. A vida cristã é Cristo em nós. É nossa identificação com ele. Por isso Jesus nos chamou a tomarmos a cruz. O pregador que chama as pessoas para desfrutarem do trono de Cristo está se equivocando e fazendo as pessoas caírem em erro. Somos chamados à identificação na cruz. Depois, só depois, virá o trono.

Jesus também nos mostra, com esta atitude, que entregar a vida a Deus, o Pai, é sinônimo de segurança e de realização. Uma das mais brilhantes doxologias do Novo Testamento foi produzida pelo irmão do Ator principal, Judas. Diz ele: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos ante a sua glória imaculados e jubilosos, ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, e agora, e para todo o sempre. Amém." (Jd, vv. 24-25). Foi por isso também que Paulo pode dizer, com toda firmeza: "Por esta razão sofro também estas coisas, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (2Tm 1.12). E é isto que a teologia do sucesso, embutida na teologia da prosperidade, e em voga em muito de nossa concepção espiritual, nos impede de ver: a vida cristã autêntica pode trazer muito desconforto diante dos homens. Mas Deus recompensa e guarda os que são seus. Não somos chamados para o sucesso e para a popularidade, mas para fidelidade. E Deus guarda seus fiéis. O Filho foi fiel e entregou a vida em suas mãos. Podemos fazer o mesmo.

Antes, na sua quarta palavra da cruz, Jesus chamara seu Pai de "Deus meu" (Mt 25.46 e Lc 15.34). No comentário desta expressão chamei a atenção para o fato de que foi a única vez em que Jesus não o chamou de "Pai". O fardo do pecado de toda a humanidade estava sobre ele e, momentaneamente, o Pai se afastara dele. Agora, a questão do pecado foi resolvida, ele cumpriu tudo que o Pai esperava, agradeceu-o em tudo, e volta a chamá-lo de "Pai". Durante seu sofrimento, estava pagando os pecados da humanidade. Agora, ao morrer, os pecados estão aniquilados. Cumprira a vontade do Pai e estava novamente em perfeita comunhão com ele. Por isso, os que creem, aqueles que Paulo diz que "estão em Cristo", podem chamar a

Deus de "Pai": "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1.12).

"E, inclinando a cabeça, entregou o espírito". Sua cabeça não tombou sobre o peito. Não foi uma morte brusca. Ele inclinou a cabeça. Morreu quando julgou que chegara a hora. Morreu com a certeza de que havia feito tudo que deveria ter feito, de ter cumprido o que o Pai esperava, de ter mudado o curso da história, de ter completado as Escrituras. Não é um fracassado, mas é um homem realizado, que cumpriu sua missão. Marcou seu nome para sempre na história. Mesmo que incrédulo e zombeteiro, mesmo que se recusando a reconhecer quem Jesus é, uma coisa é certa: o mundo nunca se livrará dele. Ele dividiu o mundo em antes e depois dele. Enquanto houver mundo, os homens pecadores, pervertidos e incrédulos, terão que conviver com este nome, o nome de Jesus. Ele está indelevelmente inscrito na história.

"E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim" (Jo 12.32). Foi assim que ele se tornou o maior vulto da história. Entregou o espírito ao Pai, inclinou a cabeça, e mudou o mundo.



As Falas do Coadjuvante Pilatos, Um Personagem Patético

"Jesus, pois, ficou em pé diante do governador; e este lhe perguntou: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes. Mas ao ser acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Perguntou-lhe então Pilatos: Não ouves quantas coisas testificam contra ti? E Jesus não lhe respondeu a uma pergunta sequer; de modo que o governador muito se admirava (...). Portanto, estando o povo reunido, perguntou-lhe Pilatos: Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado o Cristo? Pois sabia que por inveja o haviam entregado. E estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas na questão desse justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele. Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram as multidões a que pedissem Barrabás e fizessem morrer Jesus. O governador, pois, perguntou-lhes: Qual dos dois quereis que eu vos solte? E disseram: Barrabás. Tornou-lhes Pilatos: Que farei então de Jesus, que se chama Cristo? Disseram todos: Seja crucificado. Pilatos, porém, disse: Pois que mal fez ele? Mas eles clamavam ainda mais: Seja crucificado. Ao ver

Pilatos que nada conseguia, mas pelo contrário que o tumulto aumentava, mandando trazer água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Sou inocente do sangue deste homem; seja isso lá convosco. E todo o povo respondeu: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos. Então lhes soltou Barrabás; mas a Jesus mandou açoitar, e o entregou para ser crucificado” - Mateus 27.11-14 e 17-26

Tornou Pilatos a interrogá-lo, dizendo: Não respondes nada? Vê quantas acusações te fazem. Mas Jesus nada mais respondeu, de maneira que Pilatos se admirava (...) Ao que Pilatos lhes perguntou: Quereis que vos solte o rei dos judeus? Pois ele sabia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado. Mas os principais sacerdotes incitaram a multidão a pedir que lhes soltasse antes a Barrabás. E Pilatos, tornando a falar, perguntou-lhes: Que farei então daquele a quem chamais reis dos judeus? Novamente clamaram eles: Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Mas que mal fez ele? Ao que eles clamaram ainda mais: Crucifica-o! Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhe Barrabás; e tendo mandado açoitar a Jesus, o entregou para ser crucificado. – Marcos 15.4-5 e 9-15

Pilatos, pois, perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes. Então disse Pilatos aos principais sacerdotes, e às multidões: Não acho culpa alguma neste homem (...) Então Pilatos convocou os principais sacerdotes, as autoridades e o povo, e disse-lhes: Apresentastes-me este homem como perverso do povo; e eis que, interrogando-o diante de vós, não achei nele nenhuma culpa, das de que o acusais; nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar; e eis que não tem feito ele coisa alguma digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e o soltarei. [E era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa.] Mas todos clamaram à uma, dizendo: Fora com este, e solta-nos Barrabás! Ora, Barrabás fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade, e de um homicídio. Mais uma vez, pois, falou-lhes Pilatos, querendo soltar a Jesus. Eles, porém, bradavam, dizen-

do: Crucifica-o! crucifica-o! Falou-lhes, então, pela terceira vez: Pois, que mal fez ele? Não achei nele nenhuma culpa digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e o soltarei. Mas eles instavam com grandes brados, pedindo que fosse crucificado. E prevaleceram os seus clamores. Então Pilatos resolveu atender-lhes o pedido; e soltou-lhes o que fora lançado na prisão por causa de sedição e de homicídio, que era o que eles pediam; mas entregou Jesus à vontade deles. (Lucas 23.3-4 e 13-25)

E Pilatos escreveu também um título, e o colocou sobre a cruz; e nele estava escrito: JESUS O NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos dos judeus, pois, leram este título; porque o lugar onde Jesus foi crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. Diziam então a Pilatos os principais sacerdotes dos judeus: Não escrevas: O rei dos judeus; mas que ele disse: Sou rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi (João 19.19-22)

São muitos os textos bíblicos alistados, mas são necessários para compreendermos bem o papel desempenhado por este ator medíocre, de nome Pôncio Pilatos. Principalmente porque muitos tentam inocentá-lo, dizendo que ele tentou salvar Jesus. Ouvimos até mesmo a expressão “Como Pilatos no Credo” para designar uma pessoa que entrou em uma situação sem desejar e sem ter nada a ver com a história. Há pessoas que insistem em sobrepor seus sentimentos ou seu entendimento totalmente subjetivo aos fatos. Na realidade, elas brigam com os fatos. O Credo Apostólico traz esta declaração: “Que foi crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos”. O Credo não faz fantasia, mas transparece um sentimento que se disseminou entre todos os cristãos até a época de sua formulação. É estranho que as pessoas, hoje, dois mil anos depois do evento, se sintam mais credenciadas para dizer o que houve que as pessoas que vivenciaram o evento e o transmitiram às gerações subseqüentes. Parece que o Credo ressoa um credo anterior, de Marcelo, bispo de Ancira, que em 340 deixou um documento de sua fé, defendendo-se dos arianos. Isto

mostra que desde cedo os documentos da igreja reconheceram o papel de Pilatos na condenação de Jesus.

Karl Barth, em sua obra sobre o Credo, entende que Pilatos entrou no Credo por uma questão de história. Segundo ele, no que até aqui concordo, a fé cristã se enraíza em fatos históricos e a declaração do Credo focaliza Pilatos porque foi em seu mandato que Jesus foi condenado ⁷¹. Barth não discute a responsabilidade de Pilatos, ao citá-lo como participante do Credo, mas reconhece sua presença pela historicidade dos eventos da fé cristã. A crucificação foi um evento histórico. Havia um homem que poderia absolver ou condenar, como autoridade competente. Preferiu condenar. Mas discordando de Barth em outro aspecto, reconheço e afirmo que Pilatos não está no Credo apenas para compor um quadro ou porque era o personagem que exercia aquela função e assim entrou, como pessoa, acidentalmente. Está ali porque mereceu. Desempenhava uma função e nela “o entregou para ser crucificado” (Mt 27.26). Ele foi ativo e tomou uma decisão.

Lucas nos mostra que por três vezes Pilatos declarou Jesus inocente, e no fim cedeu à pressão para que ele fosse morto e o entregou à sanha dos malfeitores. A primeira vez foi esta: “Então disse Pilatos aos principais sacerdotes, e às multidões: Não acho culpa alguma neste homem” (Lc 23.4). A segunda declaração teve um cunho mais oficial: “Então Pilatos convocou os principais sacerdotes, as autoridades e o povo, e disse-lhes: Apresentastes-me este homem como perverso do povo; e eis que, interrogando-o diante de vós, não achei nele nenhuma culpa, das de que o acusais; nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar; e eis que não tem feito ele coisa alguma digna de morte” (Lc 23.13-15). A seguir, propôs a alternativa de um castigo corporal e logo depois soltá-lo (Lc 23.16). E a terceira traz outra afirmação enfática e a proposta de castigo e liberdade: “Falou-lhes, então, pela terceira vez: Pois, que mal fez ele? Não achei nele nenhuma culpa digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e o soltarei” (Lc 23.22). Mesmo assim, cedeu à pressão, logo ele, que nunca foi muito de respeitar opinião alheia. Por isso que Lockyer foi muito feliz em um livro seu com curtas

71 BARTH, Karl. *Credo – Comentários ao credo apostólico*. São Paulo: Editora Novo Século, 2003, p. 91.

biografias sobre os personagens da Bíblia, ao atribuir à biografia de Pilatos este título: “O homem que pecou contra a sua consciência”.⁷²

Mas antes de analisar sua atitude, vejamos mais algumas informações sobre ele. Seu primeiro nome, Pôncio, significa “pertencente ao mar”. Mas também pode ser associado a “ponte”. “Pilatos” também recebe duas opções. Uma diz que o nome é derivado de “pilus” (dardo). Presume-se que ele tivesse recebido este apelido dos militares por ter sido exímio lançador de dardos. Mas esta era também uma forma de designar uma pessoa explosiva (“lançar dardos”). Alegam que ele era um homem violento. E a história mostra que ele era. Também pode aludir “ao *pilus*, uma capa de feltro, emblema de um escravo liberto”⁷³. Neste caso, ele teria vindo de uma família de ex-escravos. No ano 25 foi designado como o quinto procurador da Judéia. Ficou lá até o ano 36. Era casado, e levou a esposa consigo (Mt 27.19).

Sua administração foi bastante tumultuada. Como Procurador do Império Romano na Judéia, ele comandava o exército de ocupação, que se compunha de cento e vinte homens de cavalaria e cinco coortes (cerca de cinco mil homens de infantaria). Eram soldados bem armados e bem treinados. Tinha poderes de vida e morte sobre as pessoas da região dominada. Sua autoridade era tamanha que ele podia reverter sentenças que fossem decretadas pelo sinédrio, que tinha que submeter suas decisões a ele. E seus poderes eram tão grandes que a nomeação de sacerdotes passava por ele. Além disto, ele controlava as finanças do templo.

Num gesto abusado colocou imagens do imperador em Jerusalém, durante uma noite, o que provocou uma revolta tão grande dos judeus que ele teve que recuar e as tirou. Na sua auto-suficiência e arrogância, usou o dinheiro de impostos do templo para construir um aqueduto que trazia água de uma fonte a quarenta quilômetros de distância. Na construção do aqueduto caiu a torre do Siloé e matou alguns operários. Foi algo que aconteceu nos dias de Jesus que, inclusive, fez referência ao fato: “Ou pensais que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, foram

72 LOCKYER, Herbert. *All the men of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 19. ed., 1974: p. 278.

73 CHAMPLIN, Russel. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, vol. 5. São Paulo: Can-deia, 1991, p. 273.

mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?” (Lc 13.4). O uso do dinheiro do templo para a construção do aqueduto trouxe uma revolta dos judeus, e Pilatos a reprimiu com violência, lançando as tropas contra eles. De forma astuta, colocou soldados romanos no meio da multidão, bem armados, e, ao sinal de revolta, eles atacaram os judeus com incrível ferocidade. Esta revolta foi comandada pelos galileus (por isso que ele se interessou quando soube que Jesus era galileu; seria ele mais um líder sedicioso?) e Pilatos misturou o sangue deles com o sangue dos sacrifícios do templo (“Ora, naquele mesmo tempo estavam presentes alguns que lhe falavam dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios deles. Respondeu-lhes Jesus: Pensais vós que esses foram maiores pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas?” – Lc 13.1-2). Era um homem temido e odiado. Blasfemo, não respeitava nada.

Depois do episódio envolvendo Jesus, o Procurador mandou matar um grande número de samaritanos reunidos no monte Gerizim. Eles estavam seguindo um falso messias, segundo alguns, ou em um ato religioso (porque os samaritanos adoravam em Gerizim) segundo outros comentaristas. O impacto desta ação foi tão desastroso que ele teve que voltar a Roma para responder a julgamento. Sobre seu final, há duas informações. Uma é que nada se sabe sobre seu fim. Outra informa que ele teria sido obrigado a cometer suicídio, no reinado de Gaio, no ano 41. Esta segunda informação vem do historiador Eusébio de Cesaréia, considerado como o primeiro historiador da igreja depois de Lucas:

Não se deve ignorar uma tradição que nos conta como também o mesmo Pilatos dos dias do Salvador viu-se envolto em tão grandes calamidades nos tempos de Caio – cuja época foi explicada – que se viu forçado a suicidar e tornar-se carrasco de si mesmo: a justiça divina, ao que parece, não tardou muito em alcançá-lo. Também os gregos que deixaram escritas as séries de olimpíadas junto com os acontecimentos de cada época a isto se referem.⁷⁴

74 EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Editora Novo Século, 1999, p. 54.

Em contraposição a esta declaração, um livro apócrifo, *Atos de Pilatos*, datado do quinto ou sexto século de nossa era alega que Pilatos se tornou cristão. Por conta disso, a Igreja Copta reserva o dia de 25 de junho para honrar Pilatos como santo e mártir ⁷⁵. Parece que a questão fica entre decidir entre um escritor cristão que era historiador e um apócrifo, de autoria desconhecida. Mas é estranho que uma igreja santifique Pilatos com base em uma obra apócrifa, escrita quinhentos anos depois do acontecido, refletindo muito mais uma tendência sentimental que a força dos eventos recém ocorridos. E a mídia secular, geralmente mal informada e preconceituosa contra o cristianismo, vez por outra “descobre” esses apócrifos, noticiando que a igreja os esconde porque eles abalam o cristianismo. Assim é que Judas já foi mostrado como traído por Jesus, e seu evangelho (Judas o teria mandado do além?) o isenta de culpa na morte de Jesus. O fato é que o fim de Pilatos foi opaco, sem brilho algum.

Pilatos recebeu uma admoestação da esposa sobre Cristo (“E estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas na questão desse justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele” – Mt 27.19). Supersticioso como todo romano era, ele ficou inquieto com o recado. Aliás, o já citado *Atos de Pilatos* declara que ela também se tornou cristã. Mas a pressão da multidão exerceu maior peso sobre sua decisão (Mt 27.20). O medo foi maior que a superstição.

A abordagem que Pilatos fez do “problema Jesus” foi, como se diz em linguagem popular, “curta e grossa”. Profundamente superficial. Tentou ignorá-lo, só se detendo nele por causa da pressão da liderança judaica: “Então Pilatos saiu a ter com eles, e perguntou: Que acusação trazeis contra este homem? Responderam-lhe: Se ele não fosse malfeitor, não to entregaríamos. Disse-lhes, então, Pilatos: Tomai-o vós, e julgai-o segundo a vossa lei. Disseram-lhe os judeus: A nós não nos é lícito tirar a vida a ninguém” (Jo 18.29-31). O diálogo de Pilatos com Jesus impressiona pela absoluta falta de vontade de apurar alguma coisa com seriedade, quanto mais de aprender alguma coisa. Acabou fazendo uma das mais importantes pergun-

75 TENNEY, Merrill (ed.). *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2a. ed., 1977, vol. 4, p. 792.

tas que um homem sério pode fazer, mas não ficou para receber a resposta: “Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? E dito isto, de novo saiu a ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum” (Jo 18.38). A pessoa mais habilitada para responder sobre o que é a verdade estava diante dele, mas ele virou-lhe as costas e, grosseiramente, retirou-se. É um símbolo de pessoas que se interessam levemente por Jesus, mas acabam virando-lhe as costas e assim perdem as respostas para sua vida.

A partir daí, Pilatos tentou livrar Jesus. Mas como a pressão das autoridades judaicas era grande, ele mandou espancar Jesus, para ver se assim satisfazia os judeus (Jo 19.1-5). Mas isto não os satisfaz. Ao ouvir deles que Jesus se intitulava Filho de Deus, então ficou apavorado (Jo 19.7-8). A serena postura de Jesus diante da situação o impressionou muito (Jo 19.10, 12). Por fim, acabou cedendo à pressão e o entregou para ser crucificado (Jo 19.16). O texto de João, a seguir, nos deixa sem saber o que Pilatos pensava exatamente e o que quis dizer com sua atitude: “E Pilatos escreveu também um título, e o colocou sobre a cruz; e nele estava escrito: JESUS O NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos dos judeus, pois, leram este título; porque o lugar onde Jesus foi crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. Diziam então a Pilatos os principais sacerdotes dos judeus: Não escrevas: O rei dos judeus; mas que ele disse: Sou rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi” (Jo 19.19-22). A referência ao hebraico deve ser entendida como sendo aramaico. Aqui está uma fala de Pilatos, que começa no seu palácio e vai até o Calvário: a tabuleta com a declaração de que Jesus era o rei dos judeus. Voltemos a Duriez: “Em aramaico (a língua local da Judéia e da Galiléia), grego e latim, ordenou que fosse feita uma faixa com a inscrição ‘Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus’, que foi colocada ao redor de seu pescoço enquanto levava a cruz até o local da execução perto do muro da cidade a norte. Quando Jesus foi crucificado, a inscrição foi colocada na cruz acima de sua cabeça”⁷⁶. Pilatos teve uma fala específica no drama do Calvário. Ela saiu do seu palácio e foi para a cruz. Uma palavra certa, mas que nem ele nem os judeus levaram a sério.

76 DURIEZ, op. cit., p. 112.

O que levou Pilatos a mandar escrever esta declaração? Ironia para com os judeus? Zombaria para com Jesus? Total desprezo pela situação? Sem dúvida que foram uma atitude e uma declaração inusitadas. Mas nele não temos a palavra de incógnita, e sim a palavra da omissão e da covardia. Sua atitude de lavar as mãos guarda semelhança com um preceito da lei judaica, como lemos em Deuteronômio 21.5 -7: "Então se achegarão os sacerdotes, filhos de Levi; pois o Senhor teu Deus os escolheu para o servirem, e para abençoarem em nome do Senhor; e segundo a sua sentença se determinará toda demanda e todo ferimento; e todos os anciãos da mesma cidade, a mais próxima do morto, lavarão as mãos sobre a novilha cujo pescoço foi quebrado no vale, e, protestando, dirão: As nossas mãos não derramaram este sangue, nem os nossos olhos o viram". Ele agiu como se fosse um sacerdote, lavando as mãos diante de um morto desconhecido. Só que a morte de Jesus teria autores conhecidos, e este ato legal, do ponto de vista mosaico, não se aplicava à situação.

Pilatos foi pusilânime. Teve medo de se posicionar. Fez a mais relevante pergunta que qualquer pessoa deve fazer-se a si mesmo: "Que farei então de Jesus, que se chama Cristo?" (Mt 27.22). Esta é a pergunta crucial da vida: o que fazer de Jesus? Mas ele mesmo não a respondeu. Permitiu que respondessem por ele. Mas esta pergunta é muito pessoal. E demanda uma resposta muito pessoal. Ninguém a pode dar por ninguém. O patético Pilatos deixou que a dessem por ele. Ficam-nos duas lições de sua postura: ninguém pode lavar as mãos diante de Jesus e ninguém pode deixar que outra pessoa responda por ela sobre o que fazer de Jesus. Ele é um desafio a toda a humanidade e somente a pessoa pode responder por si. Não há procuração espiritual. Cada pessoa deve decidir o que fazer de Jesus em sua vida. Pilatos decidiu mal, ao não decidir. Porque não decidir é decidir, mostrando que não aceita.

No drama do Calvário, Pilatos, que agiu nos bastidores, no momento pré-cenário, ainda teve uma fala. Foi a frase, também célebre, "O que escrevi, escrevi" (Jo 19.22), quando lhe pediram para não dizer que Jesus era o rei dos judeus, mas que se dizia o rei dos judeus. Se com isso estava reconhecendo mesmo que Jesus era o rei dos judeus, sua situação fica pior. Jesus lhe dissera: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). Se estava reco-

nhecendo Jesus como rei e ele lhe dissera que não era rei deste mundo, Pilatos se complicou mais. Porque o teria reconhecido como rei, mas tratado como um criminoso. Não basta fazer afirmações sobre Jesus. É preciso confessar Jesus como o Rei, como o Senhor, como o Salvador.

Dentro dos propósitos divinos, a morte de Jesus era necessária. Mas isto não isentou Pilatos em sua atitude. A moralidade de nossos atos não se esvai com os propósitos divinos. Pelo contrário, Deus se vale de nossos atos, mas continuamos como responsáveis por eles. Pilatos não foi um inocente nem entrou acidentalmente no Credo. Era o homem que podia inocentar a Jesus, mas foi covarde. É uma triste advertência às pessoas que admitem Jesus como Salvador, mas só intelectualmente, e não levam até o fim o seu reconhecimento. Foi um político desastrado, mas ao longo da história tem havido muitos deles. A questão fundamental é que mandou colocar um título em Jesus, que não teve coragem de assumir em sua vida. Se o colocou por sarcasmo, sua culpa é maior, porque zombou do Filho de Deus. O protagonista Pilatos é a voz de um personagem patético, que não teve coragem de tomar a decisão que sabia que devia tomar. Que não seja o seu caso, amigo leitor.



As Falas da Multidão: Vox Populi, Vox Diabolis

"Mas eu sou verme, e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo. Todos os que me vêem zombam de mim, arreganham os beíços e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor; que ele o livre; que ele o salve, pois que nele tem prazer"
(Salmo 22.6-8)

"E os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Tu, que destróis o santuário e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és Filho de Deus, desce da cruz. De igual modo também os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: A outros salvou; a si mesmo não pode salvar. Rei de Israel é ele; desça agora da cruz, e creremos nele; confiou em Deus, livre-o ele agora, se lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus. O mesmo lhe lançaram em rosto também os salteadores que com ele foram crucificados. E, desde a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me

desamparaste? Alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Ele chama por Elias. E logo correu um deles, tomou uma esponja, ensopou-a em vinagre e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, disseram: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo" (Mateus 27.39-49).

"E os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo, descendo da cruz. De igual modo também os principais sacerdotes, com os escribas, escarnecendo-o, diziam entre si: A outros salvou; a si mesmo não pode salvar; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos, Também os que com ele foram crucificados o injuriavam" (Marcos 15.29-32)

"E o povo estava ali a olhar. E as próprias autoridades zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se é o Cristo, o escolhido de Deus. Os soldados também o escarneciam, chegando-se a ele, oferecendo-lhe vinagre, e dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. Por cima dele estava esta inscrição [em letras gregas, romanas e hebraicas:] ESTE É O REI DOS JUDEUS. Então um dos malfetores que estavam pendurados, blasfemava dele, dizendo: Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós." (Lucas 23.35-39)

Vivemos numa época de culto à quantidade, principalmente à multidão. Parece que a verdade se tornou quantificável, decidindo-se o que é certo ou errado pelo volume de adeptos. Principalmente se estes tiverem fama ou visibilidade. Numa cultura em que todo mundo quer falar alguma coisa, isto assume uma dimensão mais significativa. Quase que todos os sites de Internet trazem questões assim: "Você concorda com isso? Sim ou não?". Na realidade, a opinião da pessoa é absolutamente irrelevante. A pessoa pode dizer que não concorda em pagar impostos, mas terá que pagá-los. Mas para quem vive no anonimato e cuja opinião ninguém leva a sério, dar sua opinião é algo fantástico. Assim é que o provérbio *Vox populi, vox Dei* se torna quase que um oráculo religioso. Estabeleceu-se que a maio-

ria está certa. Mas é oportuno lembrar que a multidão aplaudia e apoiava Adolph Hitler, e que sem ela ele não teria chegado aonde chegou. O grande problema é que multidão não pensa. Age debaixo de impacto emocional e é facilmente manipulável. As pessoas se despersonalizam no grupo. Pouco tempo atrás, um delinqüente, que se disfarçava de membro de uma torcida organizada de futebol, cometeu um crime quando estava com sua quadrilha, e foi detido. Foi uma surpresa para os colegas de trabalho, pois ele era tão pacato! Exatamente como sucede com os adolescentes. Sozinho, um adolescente chega a ser tímido. Mas no grupo perde sua individualidade e se torna um com a turma. Faz até o que não gosta. É que no adolescente se torna mais aguda aquela sensação que acomete as pessoas, de querer aceitação do grupo, e não se tornar do contra. Para muita gente, a rejeição social dói mais que a dor física. Então, tais pessoas concordam com o erro e fazem coisas que não deveriam fazer. Por isso, sacralizar decisões e atitudes tomadas pela multidão como sendo sempre boas é um democratismo ralo. Pode até ser considerado como democracia. Mas não será sinal de certeza. E, por favor, que não se coloquem palavras em minha boca, mas a democracia também falha. O povo não é santo e suas opções não são oráculos divinos. No Brasil temos o hábito de criticar com dureza os políticos. Que serão reeleitos depois pelos seus críticos. A classe política reflete e expressa o que o povo é, pois é o povo quem coloca aquelas pessoas lá. E depois recoloca! O povo erra, e grande quantidade não é certeza de verdade. A verdade é o que é, independe de quantidade, de ser esposada por pouco ou por muito, por gente famosa ou desconhecida. A multidão já provou não ser dona da verdade e que sua voz não é a voz de Deus. Concordar com a pressão causada pela voz do povo já induziu muita gente boa ao erro. E foi assim com a multidão que assistia à crucificação de Jesus. Muitos dos presentes ali estavam satisfazendo sua apreciação doentia pelo horror. E foram induzidos à zombaria pelo espírito de grupo. Talvez houvesse pessoas boas e tementes a Deus na relação dos zombadores. Mas o grupo desveste um indivíduo de sua personalidade e veste-o com a roupa do grupo.

Agora temos as falas da multidão. Elas mostram sua insensibilidade e, ao mesmo tempo, sua leviandade. Ela profere afirmações não apenas injuriosas, mas falsas, assumindo a mentira sobre Jesus que fora apregoada pela

liderança religiosa. Massa humana é facilmente manipulável. Assim agiu a multidão que ele amou e da qual teve compaixão: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque andavam desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36). Ele amou as multidões e elas o trataram com desrespeito. Não se diga que é uma generalização, alegando-se que seus seguidores, que acabaram sendo um pequeno grupo, vieram da multidão. Nem mesmo vale a consideração de que “multidão” é algo fluido, porque envolve muitas pessoas, que variam muito, com um entra e sai de gente que não permite falar de uma organização. Afinal de contas, Jerusalém não era uma megalópole tipo São Paulo. Ali estavam muitos que alguns dias antes gritaram “Hosanas ao Filho de Davi!”. Mas aprendemos aqui como é instável o trato das pessoas! Ai do líder que se fia no aplauso e se rejubila com a popularidade. Chouraquí comenta sobre este trato da multidão para com ele: “Os insultos dos passantes, sem dúvida, também eram alimentados por sua decepção profunda em assistir à agonia de uma esperança”⁷⁷. Isto mostra que um líder pode ter alta popularidade, mas quando deixa de atender as expectativas das pessoas será lançado em desgraça. Em nível menor, isto é muito visto no ministério pastoral. Enquanto agrada a certos segmentos na igreja ou faz a vontade de alguns grupos encastelados no poder, o pastor descobre que é Deus no céu e ele na terra. Mas no momento imediato em que não atende o querer dessas pessoas, o pastor descobre que é o Diabo no inferno e ele na terra. Jesus nunca se pautou pela popularidade, mas por uma profunda consciência de que estava fazendo a vontade do Pai. E isto nos é uma grande lição. A igreja não é chamada para a popularidade, mas para a lealdade. Como disse Harold Reimer, em um sermão: “A igreja não está no mundo para fazer relações públicas, mas para entregar um ultimato”. Mas muitos a transformaram em uma ONG de entretenimento espiritual.

A atitude do populacho não foi eventual, apenas coisa de momento, mas manifestou uma crueldade prolongada. Marcos usa três verbos para mostrar as atitudes assumidas pela multidão, na manifestação de sua mal-

⁷⁷ CHOURAQUI, André. *Matyah – o evangelho segundo Mateus*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 341.

dade: blasfemar, escarnecer, injuriar. Ninguém do povo mostrou solidariedade, mas apenas exibiu escárnio. Mateus e Marcos registram que “meneavam a cabeça”. Era um ato simbólico de zombaria, como vemos em Lamentações 2.15: “Todos os que passam pelo caminho batem palmas contra ti; eles assobiam e meneiam a cabeça sobre a filha de Jerusalém, dizendo: E esta a cidade que denominavam a perfeição da formosura, o gozo da terra toda?”. Mas Jerusalém era culpada e Jesus era inocente. Aqui vemos que o drama do Calvário não teve como vilões apenas os líderes religiosos, Pilatos e os soldados romanos. O povo também foi vilão. Não praticou a crueldade física, mas foi bem forte na crueldade moral. E esta, muitas vezes, dói mais que a dor física.

No entanto, mesmo no seu desprezo, estas pessoas davam testemunho de que Jesus era o Messias, ao cumprirem as Escrituras: “Todos os que me vêem zombam de mim, arreganham os beíços e meneiam a cabeça...” (Sl 22.7). As Escrituras se cumpriram até na atitude da multidão sequiosa por terror. Na sua atitude de rejeição do testemunho das Escrituras aquelas pessoas estavam testificando do cumprimento das mesmas Escrituras. Um milênio antes sua atitude de desprezo já estava predita. Deus faz sua palavra se cumprir no tempo certo. Homem algum pode frustrá-la. Nem a massa humana pode. A palavra de zombaria testificou poderosamente da Palavra divina.

Mateus e Marcos afirmam que a multidão, zombando, dizia para ele descer da cruz. Estava insuflada pelo Maligno, que não queria a cruz. Na tentação de Jesus no deserto, Satanás ofereceu uma alternativa à cruz, o espetáculo circense de jogar-se do alto do pináculo do templo. E também acenou com a entrega de tudo, se Jesus o adorasse. Mas junto com Lucas, estes dois evangelistas ainda declaram que multidão dizia para ele salvar-se a si mesmo. No entanto, era exatamente isso o que ele estava fazendo! Estava salvando sua vida, no sentido de dar-lhe significado existencial. Ele não precisava de salvação espiritual. E estava salvando sua vida nos termos que ele propusera anteriormente: “Pois, quem quiser salvar a sua vida por amor de mim perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á” (Mt 16.25). Jesus estava ensinando uma lição extremamente valiosa: o significado da vida não está em preservá-la, mas em usá-la bem. Cabe aqui

uma frase de William James: “A grande utilidade da vida é gastá-la em algo que a ela sobreviva”⁷⁸. Isto permanece como uma advertência que não pode ser ignorada. Somos a geração mais bem aquinhoadada da história. Quando fui para o seminário, com 19 anos de idade, meu sonho de consumo era ter uma máquina de escrever, para datilografar meus trabalhos. A maior parte dos jovens de hoje mal sabe o que foi uma máquina de escrever. Mas, ao mesmo tempo em que temos tantas coisas, como vemos pessoas vazias! O consumo da alta tecnologia só encontra paralelo no consumo de remédios contra a ansiedade e a depressão. Porque as pessoas têm coisas, mas não têm um ideal pelo qual viver. Jesus tinha um ideal, e o levava tão a sério que disse que ele que era sua comida: “Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra” (Jo 4.34). A multidão queria *show*. Jesus queria fazer a vontade do Pai até o fim.

O que a multidão pedia era impossível de ser atendido, por este motivo. Mas mostra o raciocínio equivocado que ela nutria. Bem disse Dewey Mulholland, interpretando o pedido da plebe: “Se ele fosse tão íntegro e poderoso, se salvaria da morte descendo da cruz. Presumem que Jesus se preocupasse principalmente em salvar a sua própria vida (embora nunca tivesse feito um milagre em benefício próprio)”⁷⁹. Para Jesus, o que estava em jogo não era salvar sua pele, mas redimir a humanidade.

Segundo Mateus 27.44 (“O mesmo lhe lançaram em rosto também os saltadores que com ele foram crucificados”) e Marcos 15.32 (“Também os que com ele foram crucificados o injuriavam”), seus companheiros de infortúnio partilhavam dos escárnios, e o insultavam. Lucas, que registra a conversão de um dos dois, registrou uma frase dita pelo ladrão impenitente: “Salva-te a ti mesmo e a nós”. Mas Jesus também estava fazendo isso! Já comentamos como, pela cruz, ele salvou, existencialmente, sua vida. Mas ele estava morrendo na cruz para salvar os homens! Um dos ladrões, o que zombava, não entendeu isto. O outro entendeu, arrependeu-se, creu e foi salvo. Esta palavra de zombaria nos mostra também como os homens têm

78 TRUEBLODD, Elton. *A vida que prezamos*. Rio de Janeiro: Editora Ipanema, s/d, p. 135.

79 MULHOLLAND, Dewey. *Marcos – introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, s/d, p. 229.

dificuldades em entender os planos de Deus. E como entendem mal a questão da salvação! Para os que escarneciam, salvação era libertação do sofrimento. Aliás, é a mesma perspectiva da teologia da prosperidade. Segundo o entendimento desta heresia contemporânea, Deus está obrigado a nos livrar de toda e qualquer dificuldade. O conceito de salvação, além de extremamente material e voltado para esta vida, é salvação do sofrimento. Mas Jesus não ensinou salvação *do* sofrimento nem salvação *pelo* sofrimento, como diz o espiritismo. Ensinou salvação *no* e *com* sofrimento: “Em seguida dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lc 9.23). Paulo entendia que os que desejam levar a vida com Cristo a sério sofrerão: “E na verdade todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2Tm 3.12). E mais uma questão: a salvação vem *apesar* do sofrimento.

A palavra de zombaria nos revela que as pessoas pensam em salvação como uma vida boa, e não como uma vida de compromisso com a vontade de Deus. É a “religião da banheira quente”, numa frase de Packer. Cristãos sadios querem agradar e honrar a Cristo. Cristãos doentes e malformados desejam usar Cristo para consecução dos seus propósitos pessoais. Verdade é que aquela turba na cruz não estava querendo felicidade, mas via o drama do Calvário como um entretenimento. A cruz é compromisso e não circo. A vida cristã é um compromisso com Cristo e seu evangelho, e não um passatempo espiritual. E Deus não é o gênio da lâmpada de Aladim, obrigado a nos dar o que queremos. É o Deus Santo que chama as pessoas a obedecerem a seus planos. Infelizmente, muito da pregação contemporânea focaliza mais a felicidade terrena que o compromisso com um Deus santo. A finalidade e a essência da salvação passam a ser a felicidade humana, ao invés de ser a glorificação de Deus em nossa vida, qualquer que seja a circunstância.

Esta visão de religião como felicidade é o que Packer chamou de *eudemonismo*. Ouçamos sua explicação para tão estranho termo:

Eudemonismo é uma palavra incomum pela qual eu talvez deva pedir desculpas. Eu a uso porque é a única palavra que eu conheço que serve. Não tem nada a ver com demônios. Vem da palavra grega para “feliz”, *eudai-*

mon, e Webster a define como “o sistema de filosofia que faz da felicidade humana seu objeto mais alto”. Uso a palavra como rótulo para a ótica da felicidade, significando a presença do prazer, e o livrar-se de tudo que é desagradável. O eudemonismo diz que, já que a felicidade é o valor supremo, podemos confiantemente olhar para Deus aqui e agora para nos proteger de coisas desagradáveis em cada circunstância, ou então, se as coisas desagradáveis aparecerem, livrar-nos delas imediatamente, pois nunca é da vontade dele que tenhamos que conviver com elas.⁸⁰

O drama do Calvário é antieudemônico e rejeita qualquer tentativa de eudemonismo. Ele fala de dor, de desgraça, de vergonha, de miséria moral, de tudo que é desagradável como fazendo parte dos desígnios de Deus. Porque ele mostra as conseqüências do pecado. O mal está presente na vida e mesmo não o desejando para os seus, na sua soberania Deus o usa para a consecução dos seus propósitos.

Curiosamente, dos crucificados, Jesus era o único que era alvo de insultos e zombaria. A multidão não zombava dos outros dois, que eram culpados. A massa não pode suportar o bem, e zomba da virtude, porque não reflete, não analisa, e age instintualmente e nossos instintos nem sempre são sadios. Em boa observação, assim nos diz Pohl:

Os dois crucificados ao lado de Jesus estavam excluídos da zombaria da multidão. Com certeza estes combatentes pela liberdade secretamente eram admirados. Tanto mais eles entenderam como piada sem graça a circunstância de serem colocados no momento da morte junto a este apóstolo da paz incorrigível, e se distanciaram dele com veemência. “Também os que com ele foram crucificados o insultavam”. Com isto Israel com todos os seus grupos tinha se separado dele: a multidão, os admi-

80 PACKER, J. *Religião vida mansa*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 61. “Webster” de que Packer fala não é Douglas Webster, cujo livro citei algumas vezes. É um dicionário da língua inglesa.

nistradores do templo e da Escritura, e o movimento da resistência. Judeus e gentios o tinham abandonado. Então Deus também o abandona.⁸¹

Um quadro tão atual! As pessoas hoje, massificadas por uma mídia orientada pelo príncipe das trevas, demonizam o bem, e elevam aos píncaros artistas que apologizam o homossexualismo, o adultério, o uso de drogas e até relevam as acusações de pedofilia. Mas mostram rejeição e crítica ao que é espiritual, ao que é sério e dignificante.

Com esta citação de Pohl, que liga a tolerância da multidão com os criminosos e com o abandono de Deus, vamos chegando ao momento em que o Ator principal pronunciou sua quarta fala, a fala da perplexidade, porque o Pai o abandonara também. Já a comentamos, mas agora vemos que ela veio no auge da dor moral. As dores físicas eram insuportáveis. A dor moral o afligia. E juntou-se a elas, agora, a dor espiritual. Foi quando ele clamou *Eli, Eli, lamá sabactani*. Esta dor espiritual provocou mais escárnio. Ainda zombaram, dizendo que ele clamava por Elias. Broadus observou bem o que estava na atitude deles: “Deixa que as coisas permaneçam como estão; não lhe deis algum auxílio ou conforto – vejamos se Elias ouvirá sua oração; pois se assim for, todas as suas necessidades serão satisfeitas’. Parece que se divertiam, com a idéia de que este pretenso Messias estava na sua aflição extrema clamando ao predito precursor do Messias para vir socorrê-lo. ‘Vejamos se Elias vem’ ou ‘está vindo’”.⁸²

Na hora de aflição do Salvador, a ironia dos homens aumenta. Nem mesmo a dor de Jesus os leva a um mínimo de compaixão. A multidão sabe ser cruel. Citemos ainda mais um comentarista, não para aumentar a lista, mas para entender bem o que estava sucedendo e dando crédito ao autor da observação:

O que aqui nos versículos 47 e 49 está descrito, pois, é o escarnecimento daquelas pessoas insensíveis que tentavam fazer aos demais que ouviram

81 POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 443. Pohl entende que os crucificados ao lado de Jesus não eram malfetores comuns, mas guerrilheiros.

82 BROADUS, op. cit., p. 335.

Jesus chamar e pedir socorro a Elias. Naturalmente, eles entenderam muito bem. A semelhança, porém, entre “Eli” – especialmente se a pronúncia soava *Eliya* – e o nome do profeta veterotestamentário era tão semelhante que as mentes e os lábios pervertidos desses blasfemos podiam fazer trocadilho disso. Além do mais, não era uma crença judaica que Elias introduziria o Messias e viveria com ele por certo tempo como seu assistente e como aquele que resgataria os que estavam para perecer? ⁸³

“Pois é, Messias, onde está seu assistente? Vamos ver se ele vem socorrê-lo!”, era o que os zombadores estavam dizendo. E aqui vemos, mais uma vez, como incrédulos torcem as Escrituras para sua perdição! A nós, que somos seguidores de Jesus, fica a lembrança, sempre oportuna, que a única postura diante das Escrituras é de profunda reverência. Ler a Palavra, pronunciar a Palavra, usar a Palavra, é sempre pisar em solo sagrado. Demanda uma atitude de profundo respeito. A Bíblia não pode ser usada para interesses pessoais nem distorcida para provar nossas teses pessoais. Diante dela, bendita Palavra de Deus, nos curvamos.

Assim vemos a fala da multidão. Uma fala de irreverência, de desrespeito e de zombaria. A fala do desprezo, tão repetida por muitas bocas e alentada por muitas mentes. Sem dúvida, tais pessoas darão contas a Deus. Rejeitar a Cristo já é um fardo muito pesado. Mas blasfemar dele é muito pior. Que nunca uma palavra que deprecie o caráter do Salvador saia de nossos lábios!

83 HENDRICKSEN, William. *Mateus – volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 665.



A Fala do Autor do Drama: Sem Palavras

"Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27.46)

"E, à hora nona, bradou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lama sabactani? Que, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Marcos 15.34)

E eis que o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu, as pedras se fenderam, os sepulcros se abriram, e muitos corpos de santos que tinham dormido foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos (Mateus 27.51-53)

Então o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo (Marcos 15.38)

Era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, pois o sol se escurecera; e rasgou-se ao meio o véu do santuário (Lucas 23.44-45)

Os dois primeiros versículos que encimam este capítulo foram usados anteriormente, quando da análise da quarta fala do ator principal. E voltam a ser empregados agora porque esta pergunta, aparentemente, ficou sem resposta. Deus nada disse após a pergunta de Jesus. No episódio da transfiguração, que também sucedeu num monte, mas não identificado, Deus falou. Do meio de uma nuvem luminosa, ele declarou: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17.5). Agora, no Calvário, no meio de uma nuvem escura, de densas trevas, ele nada declara. Parece que não ouviu a pergunta. Calou-se diante dela.

O silêncio de Deus Pai, no Calvário, impressiona. Deus se manteve absolutamente calado, durante a crucificação de seu Filho. E ele é o Deus que fala. Jesus é denominado de *Logos*, que a King James em português traduziu como “Palavra”. Mas agora não há palavra alguma. No entanto, se não falou, ele se comunicou. São coisas diferentes. Muitas vezes as palavras nada dizem e apenas mascaram a comunicação. Mas uma pessoa pode se comunicar por gestos, olhares e atitudes. Houve um Ministro da Justiça, durante o regime militar no Brasil, que se tornou célebre por sua frase, quando inquirido por jornalistas: “Nada a declarar!”. Mas a ausência de declaração era uma declaração: o regime não tinha que dar satisfações a jornalistas. Deus Pai nada tinha a falar, mas declarou muito. Se não falou não é porque não quis dar satisfações (embora ele não precise dá-las), mas porque estava dando respostas muito mais significativas com suas ações. Não falou com palavras, mas comunicou, e muito!

O silêncio de Deus não é sinal de sua ausência nem que o evento que sucedia lhe era irrelevante. Entre os vários significados, havia um profundo sentido teológico. O silêncio não foi omissão, mas uma mensagem. Inácio de Antioquia, em sua Epístola aos Magnésios, que pode ser datada da primeira década do segundo século (calcula-se que ele tenha sido martirizado no ano 107), fez esta declaração: “Pois os profetas, tão divinos, viveram segundo Jesus Cristo. Por isso mesmo, foram perseguidos. Inspiraram-se em

Sua graça, a fim de que os incrédulos se convencessem plenamente que há um só Deus, a manifestar-se por Jesus Cristo Seu Filho, Sua palavra saída do silêncio, que em tudo agradou Àquele que o enviou” (Magnésios 8.2)⁸⁴. Inácio raciocina com o fato de que por séculos Deus esteve em silêncio, no período intertestamentário (o período entre o Antigo e o Novo Testamentos) e voltou a falar em Jesus. Os profetas eram vozes divinas, até que Deus parou de enviar sua Palavra por meio deles. Calou-se por quatro séculos. Por isso, como é profundo o significado de Lucas 3.1-2: “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto”. A notícia deve ter soado entre o povo com a força de um trovão: “Deus voltou a falar! Há um homem, no deserto, chamado João, por quem Deus voltou a falar!”. Após quatro séculos, por fim, Deus saiu do silêncio. Algo novo e fantástico estava sucedendo: Jesus estava prestes a começar seu ministério, e seu arauto o precedia. Os momentos em que Deus silencia são indícios de que uma grande ação dele está sendo engendrada.

O teólogo luterano alemão Joachim Jeremias, em uma de suas obras comenta sobre o silêncio de Deus como vindo do judaísmo rabínico. Diz ele: “O silêncio de Deus é uma noção que provém do judaísmo, onde estivera ligada com a exegese de Gênesis 1.3: ‘E disse Deus: Faça-se a luz’. O que havia antes de Deus falar? – perguntam os rabinos. E davam a resposta: o silêncio de Deus. O silêncio que precedeu a revelação de Deus na criação precedeu igualmente a revelação da cólera de Deus contra farão e se reproduzirá antes da nova criação”.⁸⁵

No Calvário, Deus esteve em silêncio, o silêncio que antecedeu a nova criação. Na cruz de Jesus um novo mundo estava sendo criado, de tal maneira que “se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5.17). O termo traduzido como

84 Conforme ARNS, Paulo Evaristo (trad.). *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª. edição, 1978.

85 JEREMIAS, Joachim. *A mensagem central do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 3ª. edição, 1986, p. 114.

“criatura”, *ktís*, tem melhor tradução como “criação”, como faz a Almeida Século 21. Com grande autoridade, a voz do trono, no Apocalipse, brada: “Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21.5). Em Jesus, uma nova criação é feita. O pecado transtornou a criação. A cruz declara que o pecado é réu de morte e que seus dias estão contados. Um novo mundo nascerá da obra do Salvador. É um grande momento, precedido pelo silêncio divino.

O silêncio do Pai se liga sempre a momentos dramáticos, antecedendo sua ação. Ele estava em silêncio antes da criação, antes de sua revelação a Moisés, e antes do início do evangelho. Em Apocalipse 8.1, quebrando a fluência da narrativa, que parece vir em jorros, há silêncio no céu por quase meia hora. É o momento que precede as sete trombetas. Independente da interpretação que se dê ao livro, isto é indicativo de uma grande ação de Deus. Como em Isaías 42.14, quando Judá estava desolado no cativeiro: “Por muito tempo me calei; estive em silêncio, e me contive...”. Deus esteve em silêncio antes do êxodo. O retorno do cativeiro é um segundo êxodo. Pela segunda vez em sua história, o povo de Deus sai de uma terra onde estava cativo para ir para a terra que Deus lhe prometera. Pois bem, Deus estava em silêncio antes do segundo êxodo. Nos dois êxodos, Deus esteve em silêncio, e após seu mutismo veio a libertação. Por isso, Mateos e Camacho afirmam: “Assinala-se, assim, a morte de Jesus como acontecimento libertador para a humanidade inteira e, ao mesmo tempo, como ruína para os opressores”⁸⁶. Não apenas os momentos dramáticos são precedidos pelo seu silêncio. Os que indicam um novo tempo também.

No Calvário, Deus Pai esteve em silêncio. Uma nova criação estava sendo forjada. Uma ação portentosa estava sendo concluída. Era isso que ele estava comunicando. Seu silêncio é o vestibulo de uma nova história que ele mesmo está escrevendo. Ele não é apenas o autor do drama do Calvário. Ele é o autor último da história dos homens.

86 MATEOS, Juan, e CAMACHO, Fernando. *Evangelho – figuras & símbolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 69. A linguagem empolada se deve ao fato dos autores serem adeptos da falecida teologia da libertação. Mas abstraindo-se o contexto social que tentam dar à crucificação, sua declaração, do ponto de vista espiritual, tem muito sentido.

Precisamos considerar isto também em nossas vidas. Muitas vezes achamos que Deus está silencioso em meio a uma grave crise que enfrentamos. Em momentos assim será oportuno recordar que ele esteve silencioso na mais grave crise que seu Filho enfrentou. Se ele nos parece em silêncio, não pensemos que nos abandonou. É melhor, considerando os antecedentes, presumir que ele está engendrando uma grande libertação. Se em nossos cultos fizéssemos um pouco mais de silêncio, diminuindo o barulho que às vezes chega à gritaria, talvez conseguíssemos ver com mais nitidez o que ele está fazendo por nós, em nossa experiência pessoal. Deus se manifesta no e com o silêncio.

Deus Pai não se comunicou apenas pelo silêncio, mas também pelas trevas. “Houve trevas”, diz Mateus 27.45. “E houve trevas”, diz Lucas 23.44. Volto a dizer que este evento não foi um eclipse. Cito, agora, Hendriksen, a respeito do sucedido:

Isso não pode referir-se a um eclipse no sentido técnico, astronômico, porque isso é impossível no tempo da Páscoa (lua cheia). Além disso, um eclipse tal dificilmente duraria três horas! Mas se o termo tem que ser tomado num sentido mais amplo, isto é, “trevas”, novamente voltamos ao ponto de partida: escureceu, mas o que escureceu? A melhor resposta é considerar o que aconteceu aqui como um ato especial de Deus, um milagre, e não inquirir mais sobre causas secundárias.⁸⁷

Na transfiguração, o rosto de Jesus resplandeceu como o sol (Mt 17.2). Na crucificação, “o sol se escurecera”, diz Lucas (Lc 23.45). A cruz é o oposto da transfiguração. Nesta houve a glória. Na cruz houve vergonha. Mas é significativa a conexão entre ambas com respeito ao sol. Na transfiguração, o rosto de Jesus brilhou como o sol. Na cruz, sua dor ocultou o sol. Exaltação e humilhação são os dois extremos destes momentos na vida do Salvador. Exaltação quando da transfiguração. Humilhação extrema quando da cruz. O próprio Deus foi tratado como se fosse um criminoso.

87 HENDRIKSEN, op. cit., p. 660.

É preciso lembrar que, pelo profeta Amós, Deus declarara que haveria um dia em que ele faria com que houvesse trevas ao meio-dia: “E sucederá, naquele dia, diz o Senhor Deus, que farei que o sol se ponha ao meio dia, e em pleno dia cobrirei a terra de trevas” (Am 8.9). A declaração do Senhor se associa ao seu juízo sobre Israel. A figura é poética, pois ele julgou Israel e não há registros de escuridão com o sol a pino. Isto não invalida o texto, porque a linguagem dos profetas é altamente poética, raramente linear. Isto esclarece o que aconteceu no Calvário: a escuridão surgida quando da crucificação de Jesus é sinal do juízo de Deus sobre o pecado. O pecado estava sendo julgado. Os pecadores podiam agora alcançar a salvação, mas, ao mesmo tempo, sobre os pecadores, a condenação pairava com firmeza. A morte do Filho se tornava o meio de salvação (e o ladrão arrependido foi o primeiro a prová-la), mas ao mesmo tempo se tornava o instrumento de juízo sobre o mundo: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36). Crer na obra efetuada por Jesus na cruz remove a condenação. Não crer, faz com que a condenação permaneça porque a ira de Deus se mantém sobre a pessoa. Na cruz havia salvação e Jesus a ofereceu. Na cruz havia juízo, e o Pai declarou isto com as trevas que ele fez surgir. Elas simbolizam o juízo. O silêncio do Pai anuncia o juízo do Pai. Sobre o pecado e sobre os pecadores impenitentes.

Deus Pai comunicou muita coisa pelas trevas que fez virem sobre a região e com o seu mutismo. Mas comunicou com uma atitude, fora do Calvário. Enquanto Jesus morria, o véu do templo se rompia, lá na cidade: “E eis que o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo” (Mt 27.51). No interior do templo havia dois lugares bem definidos, o *Santo dos Santos* e o *Lugar Santo*. Eles eram separados por uma pesada cortina, chamada de véu, nos evangelhos. No *Santo dos Santos*, apenas o sumo sacerdote entrava, uma vez por ano, no *Yom Kippur*, o “Dia do Perdão”, e pedia perdão pelos pecados do povo (“como o sumo sacerdote de ano em ano entra no santo lugar com sangue alheio...” – Hb 9.25). Antes da primeira destruição do templo, sucedida em 587 a.C., estava ali a arca, que era um símbolo do próprio Deus. Deus morava naquele lugar. A morte de Jesus fez

a cortina se rasgar, de cima para baixo, na direção do céu para a terra. Sobre este acontecimento, comento em outra obra:

Os dois lugares eram separados por um véu, mostrando a dificuldade de comunicação entre Deus e o homem, lembrando que os dois estavam separados. Com a morte de Cristo na cruz, o véu foi rasgado (Mt 27.51). Há dois significados aqui. O primeiro, sempre recordado por nós, é que agora não há mais separação entre Deus e o homem. Não precisamos mais de sacerdotes humanos para nos apresentar a Deus. Esta é uma doutrina preciosa que nós temos: Cristo nos tornou sacerdotes, abrindo-nos o caminho dos céus. É a nossa amada doutrina do sacerdócio universal de todos os salvos.⁸⁸

Infelizmente, o neopentecostalismo vem ressuscitando o judaísmo em nosso meio, recriando a figura do homem que tem a oração forte, do lugar santo (as coisas só acontecem no templo, sob o comando de determinadas pessoas), e trazendo de volta toda a simbologia do Antigo Testamento. Os símbolos não são inócuos. Eles trazem uma mensagem em si, e comunicam alguma coisa. Quando uma igreja troca a cruz pela *menorah* (o castiçal de sete braços) ou pela estrela de Davi, que, com muita probabilidade, Davi não conheceu nem usou, o processo de descristianização da igreja começou. Ao mesmo tempo começou sua rejeudaização. Não é de se estranhar, embora seja lamentável, a notícia que apareceu no site da Primeira Igreja Presbiteriana de Várzea Grande, sob o título “Cristãos colombianos negam a Cristo e convertem-se ao judaísmo”⁸⁹, comentando que sete igrejas evangélicas negaram a fé e se tornaram sinagogas. No site há um link para acessar o vídeo no You Tube, sob o título “Em Colômbia, siete comunidades se han convertido al judaísmo” (“Na Colômbia, sete comunidades se converteram ao judaísmo”). O que ocasionou isto foi uma fraca reflexão sobre o Novo Testamento, em particular o drama do Calvário. Ouvissem menos a

88 COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *O pentateuco e sua contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Juerp, 2005, 2ª, edição, p. 94.

89 Site <http://primeiraipvg.wordpress.com>, no dia 10 de abril de 2010.

profetas humanos, inspirados pelo Maligno, e lessem Gálatas e Hebreus, nunca agiriam desta maneira, pois “estão crucificando de novo o Filho de Deus, e o expondo ao vitupério” (Hb 6.6).

No judaísmo, o perdão tinha prazo de validade e precisava ser renovado anualmente. No cristianismo, esta questão foi resolvida para sempre: “Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote de ano em ano entra no santo lugar com sangue alheio; doutra forma, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hb 9.25-27). O perdão oferecido por Jesus não tem prazo de validade. É eterno. Por isso é eterna a salvação do crente.

No comentário que fiz em outra obra, sobre o significado da ruptura da cortina (véu) do templo, continuei: “O segundo significado é duro para os judeus: Deus foi-se embora do templo. Ele não mais moraria em Jerusalém. Apesar de tanto elogios de cristãos contemporâneos à atual Jerusalém, ela não é uma cidade sagrada. É uma cidade tão mundana e perdida como qualquer outra⁹⁰”. Ao rejeitar a Jesus, Jerusalém perdeu seu *status* de cidade santa e de morada de Deus. No cristianismo, Deus não mora numa cidade, mas em pessoas. Não habita em templos, mas nos crentes: “Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16). Neste texto, para “santuário”, Paulo usa o termo grego *naós*, que o Antigo Testamento em grego, a Septuaginta, usa para o Santo dos Santos. Não há mais necessidade de um templo em Jerusalém, com sacrifícios. Se os judeus o restaurarem, um dia, o que não pretendem, pois o judaísmo contemporâneo ensina que a obediência à Torah substitui os sacrifícios, o sacrifício ali oferecido será pagão, como a galinha preta que é sacrificada e posta numa encruzilhada, como sucede num ritual africano subdesenvolvido. Aliás, parece que só algumas correntes evangélicas ultradispensacionistas querem a restauração do templo judaico com seus sacrifícios, o que

90 COELHO FILHO, obra sobre o Pentateuco, p. 94, na continuação do parágrafo.

será absolutamente inútil. São bastante oportunas as palavras de Ryle, sobre este acontecimento:

O rompimento do véu proclamava o fim e o passamento da lei cerimonial. Era um sinal de que a antiga dispensação de sacrifícios e ordenanças já não era mais necessária. A sua obra estava completa, e sua utilidade acabou-se desde que Cristo morreu. Não havia mais nenhuma necessidade de se ter um sumo sacerdote, aspersão de sangue e um propiciatório terreno, nem a oferta de incenso, nem um dia de expiação. O verdadeiro Sumo Sacerdote tinha finalmente aparecido. O verdadeiro Cordeiro de Deus tinha sido morto, e o verdadeiro propiciatório revelado. As figuras e sombras não eram mais necessárias. Que todos nos lembremos disso! Estabelecer um altar, um sacrifício e um sacerdote, *agora*, é como acender uma lâmpada em pleno meio-dia.⁹¹

Voltemos à questão da saída de Deus do templo de Jerusalém. O sentido é claro: Deus foi embora de Jerusalém. Ele não mora mais lá. Ela é uma cidade sob servidão ao pecado, e não cidade santa ou de Deus: "Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos" (Gl 4.25). O Apocalipse não a vê com bons olhos e a chama de Sodoma e Egito, duas localidades geográficas mal vistas no Antigo Testamento: "E jazerão os seus corpos na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado" (Ap 11.8). Ela também está destinada ao fogo: "mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sido guardados para o fogo, sendo reservados para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios" (2Pe 3.7). O judaísmo não é meio cristianismo. É não cristianismo.

Nada tenho contra o turismo a Israel. Quem tiver condições financeiras de fazê-lo e puder ir, que o faça. Mas cuidado com o comércio religioso. O cristianismo não depende de um lugar, mas de uma pessoa, Jesus. O muçulmano precisa ir a Meca, mas o cristão não precisa ir a Jerusalém para

91 RYLE, op. cit., p. 253. A palavra em itálico é dele.

encontrar seu Deus e seu Salvador, pois a Trindade toda habita nele. Este é um dos resultados do drama do Calvário.

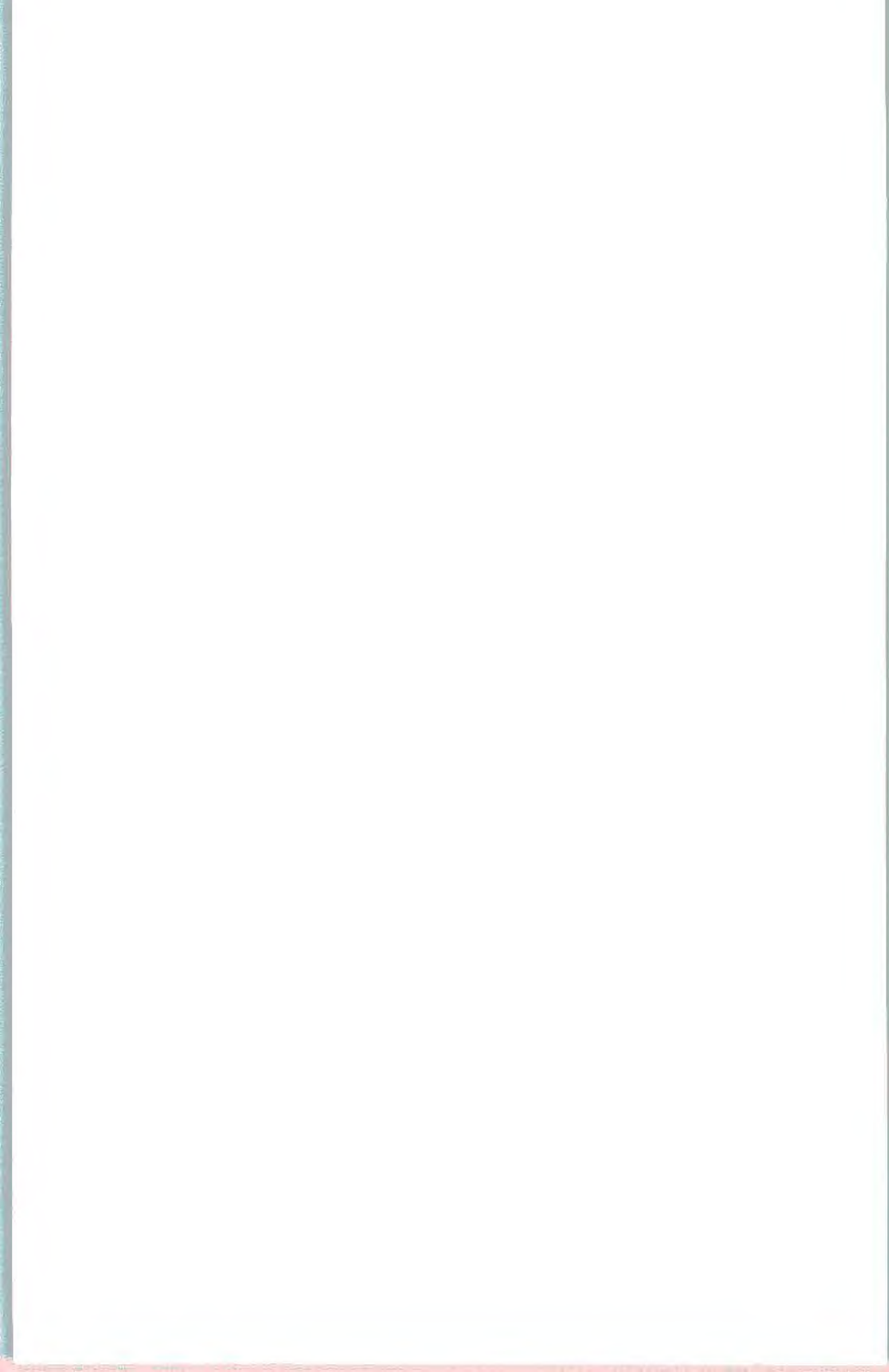
No seu silêncio, o Pai também falou de uma maneira estranha: “a terra tremeu, as pedras se fenderam, os sepulcros se abriram, e muitos corpos de santos que tinham dormido foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos” (Mt 27.51-53). Deve ter sido uma cena fantasmagórica! Mas como Deus nada faz que seja sem sentido, obviamente havia uma mensagem aqui.

Começemos com o tremor da terra. Terremotos eram (e ainda são) comuns naquela região. Poderia, portanto, ter sido um evento natural. Mas Deus é o Senhor da natureza, pois ele a criou. Aqui há um sentido. Diétrich fez um comentário poético, mas realista sobre isto: “O evangelho de Mateus nos mostra até mesmo a terra vacilando sob o peso dessa morte, tremendo até seus fundamentos. Porventura não é essa morte, efetivamente, a condenação do mundo presente, o sinal definitivo de sua condenação?”.⁹²

Mas voltemo-nos para a questão dos mortos que saíram dos sepulcros e apareceram a muitos. Era uma antecipação da nova era que Jesus veio implantar. Isto já fora insinuado em Daniel 12.2: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno”. O capítulo 12 de Daniel deixa alguns vislumbres dos tempos do fim. E é isto que o Pai está dizendo: o fim começou com Jesus. A cruz inaugura o tempo final de todas as coisas. A morte de Jesus inicia a escatologia do fim. Depois da ressurreição de Jesus, com esses sepulcros abertos (sempre é oportuno lembrar que não eram covas, como nossas sepulturas, mas buracos escavados nas rochas), os corpos dos santos do passado ressuscitaram e apareceram a muitos. O Pai esteve calado, mas não omisso. Sem falar, mas revelou verdades com o seu mutismo. Com isto ele mostrou que a morte foi vencida e que nós ressuscitaremos. Desde o momento da ressurreição de Jesus que a morte passou a ser um paciente terminal. Ela está com seus dias contados e morrerá um dia: “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20.14). Jesus venceu o pecado e a morte. Eles acabarão, um dia.

92 DIÉTRICH, S. *O designio de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1977, p. 170.

O Pai estava em silêncio, mas não omisso. Em silêncio, mas não sem dizer alguma coisa. E disse: o sistema religioso do Antigo Testamento acabou, e podemos ter contato com ele sem intermediários; o homem sem Cristo está condenado; ele agora escolheu a vida dos crentes para sua residência; nós também viveremos para sempre com o Senhor. Também ressuscitaremos. Se estivermos vivos quando Jesus voltar, seremos arrebatados. De uma ou de outra maneira, superaremos a morte. Da mesma maneira que Paulo, o fiel em Jesus zomba da morte: "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graça a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.54-57).





A Palavra de Fé

"Ora, o centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era filho de Deus" (Mateus 27.54)

"Ora, o centurião, que estava defronte dele, vendo-o assim expirar, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus" (Marcos 15.39)

"Quando o centurião viu o que acontecera, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo" (Lucas 23.47)

A historicidade deste evento fica patente não apenas pela semelhança nos relatos, como também pelas pequenas discrepâncias que neles surgem. Estas não invalidam o que está sendo relatado. Pelo contrário, mostram que a maneira de narrar e de se entender o que se passou confirma esta declaração do centurião. Ela coroa o testemunho sobre Jesus nos sinóticos. Não é uma palavra dita por um dos seguidores habituais, nem mesmo dos simpatizantes eventuais. Vem de um observador neutro, que ali estava em missão oficial, a de executar alguns criminosos, entre eles um tal Jesus de Nazaré. Não era um simpatizante. Talvez nem mesmo antagonista.

Como militar, estava ali em missão. Cumpria-lhe manter a ordem e dar, posteriormente, um relatório da execução. Ele fez ambas as coisas. E foi além do que devia fazer. Testemunhou favoravelmente de Jesus. Sua palavra é a palavra de fé formulada por um pagão, que era membro da tropa de ocupação e responsável pela manutenção da ordem. O executado era uma ameaça à ordem social. O centurião, como bom oficial do soldado romano, não lhe devia simpatia, mas sim lealdade à sua pátria e zelo no cumprimento de sua tarefa. Estava ali para evitar desordens, possíveis tentativas de resgates dos executados, e para cumprir a crucificação. Ele comandava o processo de crucificar os três condenados. Para dizer o que disse, sobre um deles, sem dúvida que exerceu um ato de fé.

O centurião era um militar de carreira, oficial encarregado de um grupo de cem soldados. Era militar profissional, de carreira, e não apenas recrutado. Geralmente era escolhido do meio da tropa. Esta escolha levava em conta sua coragem, seu equilíbrio, sua confiabilidade e sua lealdade a Roma. Eram critérios altamente seletivos. Não se chegava a ser centurião por um golpe de sorte, nem em concurso tosco. Tampouco se comprava a função. Era alcançada somente por mérito, este não era proclamado pelo candidato, mas reconhecido pelo exército romano.

Sobre este centurião específico, assim lemos em outra obra: “Esse teve o comando sobre os soldados que crucificaram Jesus, e pela morte de Jesus e os acontecimentos que a acompanharam, chegou à fé em Jesus, filho de Deus. Relatou também a Pilatos a morte de Jesus (Mc 15.44ss). Em evangelhos apócrifos é chamado Longino ou Petrónio”⁹³. Não se pode considerar este apócrifo como histórico, mas o fato de ser citado e, mais que isso, nominado, mostra que o centurião deixou marcas nas lembranças históricas da igreja.

Mateus e Marcos dizem, praticamente, a mesma coisa. Mateus é mais abrangente em seu testemunho e afirma que não apenas o centurião, mas também os demais soldados (“os que com ele guardavam Jesus”) declararam que Jesus era o Filho de Deus. Mateus ainda acrescenta um fator que

93 DEN BORN, A. VAN (org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª. 2d., 1977, p. 262.

ajudou a produzir a fé dos militares: “vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande temor”. Declara que os sinais ajudaram na fé do oficial e de seus comandados. Marcos é mais lacônico, e afirma que apenas o centurião fez a declaração, e não comenta os sinais que teriam ajudado em sua fé. Ele se centrou no centurião, deixando os demais de lado, por causa de sua linha de argumentação. O plano de trabalho de Marcos nos ajuda a entender isto. A primeira parte de seu evangelho (1.16 a 8.21) se intitula “Quem é este?”. A segunda parte começa em 8.27 e se intitula “Um messias diferente”, sendo que 8.22-26 é um trecho parentético, que simboliza sua ação na vida dos discípulos. Ele tira um homem de Betsaida (“casa da pesca”) e o faz enxergar bem, e lhe recomenda para não voltar à cidade (“à casa da pesca”). Ele tirou os discípulos da pesca, deu-lhes uma visão completa e eles não devem voltar a ser pescadores.

Esta primeira divisão, “Quem é este?”, tem a resposta em 8.29, que já faz parte da segunda divisão, “Um messias diferente”. Ele é o messias reconhecido por Pedro, mas não vai para o trono de Jerusalém, e sim para a cruz. Por isso é um messias diferente. Esta resposta de Pedro é incompleta e alcançará sua complementação na declaração do oficial de Roma, a capital do mundo: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus”. Na estrutura de Marcos já se vislumbra a universalidade de Jesus. A pergunta levantada na primeira divisão do evangelho de Marcos é cabalmente respondida por um pagão. Aquilo que o sinédrio não conseguiu compreender, um pagão conseguiu. Os gentios teriam mais facilidade em crer em Jesus que seus próprios contrerrâneos.

Roma, por meio de sua voz oficial na crucificação, reconhece Jesus como inocente e como filho de Deus. Se o segundo evangelho, como se pensa, reflete o ensino transmitido por Pedro a João Marcos, isto se torna ainda mais expressivo. O homem de confiança de Jesus sabia que o poder romano se curvaria diante do Salvador. “Não foi carne nem sangue que te revelou...”, poderíamos usar as palavras de Jesus a Pedro, para esta situação.

Escrevendo para judeus, Mateus segue Marcos de perto. Seu relato é bem mais detalhista e bem mais narrativo. Mas concorda com a afirmação do centurião.

Já a narração de Lucas parece contradizer a dos dois antecessores, na ordem dos evangelhos. Segundo o terceiro evangelista, o centurião teria dito, apenas: “Na verdade, este homem era justo”. Isto parece tirar o senso de reconhecimento da divindade de Jesus que teria sido feita pelo oficial romano. Quando consideramos um comentário do *Manual bíblico da SBB*, a dificuldade parece aumentar. Assim se expressa o *Manual* sobre “Filho de Deus”, em Marcos 15.39: “No grego, se usava essa expressão para descrever uma pessoa heróica: ‘um grande homem’”⁹⁴. Mas esta declaração de Lucas, mesmo nos termos em que o evangelista a registra, não invalida a presumida conversão do centurião. Lane, arguto estudioso do texto bíblico de Marcos, assim se expressou:

Por “filho de Deus”, o centurião, provavelmente queria dizer que Jesus era um homem divino ou um herói deificado que aceitou a humilhação e a morte como um ato de obediência a uma potência ou mandato mais elevado que ele. É compreensível que suas palavras reflitam um ponto de vista moldado pelo pensamento helenístico popular. Mas Marcos, claramente, pretendeu que seus leitores reconhecessem nesta exclamação uma genuína confissão de fé cristã, pois tinha plena consciência que entendera corretamente o sentido em que o centurião se pronunciou.⁹⁵

Assim se esclarece a aparente discordância entre os evangelistas. Lucas não está negando que o centurião reconheceu que Jesus fosse o filho de Deus nem negando a conversão do comandante da centúria romana, mas, tendo pesquisado, entendeu (e o Espírito Santo assim o orientou) que o centurião se expressou na sua cultura de cidadão romano, de homem do mundo (não um homem mundano, mas conhecedor da cultura de outros lugares do mundo) e que declarou sua fé na pessoa de Jesus exatamente nos termos que ele registrou. Mateus e Marcos, mais judeus, interpretaram seu conteúdo corretamente, e o expressaram com os conceitos de sua cultura.

94 ALEXANDER, Pat e David (eds.). *Manual bíblico SBB*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 594.

95 LANE, William. *The gospel according Mark*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974, p. 576.

Obviamente que devidamente orientados pelo Espírito Santo. Não há contradição, mas diferentes percepções culturais do fato histórico sucedido. Sua divergência vem provar a historicidade do evento. Soou-lhes absolutamente normal, como normal soou à igreja da época, que não precisou fazer “um arranjo” para “vender um relato coeso”. Os cristãos da época deixaram passar os relatos porque viram que não se contradiziam, mas expressavam a mesma realidade.

Uma questão que se pode considerar nos relatos dos sinóticos é que a declaração não é apenas constatadora, mas é também profética. É um sinal do que aconteceria mais tarde: Roma se renderia a Cristo. E depois, o mundo. Ele não era apenas o rei dos judeus, como outro romano, Pilatos, escreveu. Era mais que isso. Era o rei do mundo. Está se preludiando a comunidade cristã futura, não aquele pequeno e humilhado grupo, aparentemente sem perspectivas. Como bem cantarão os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos, diante do Cristo glorificado, na visão de João: “E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reino, e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra” (Ap 5.9-10).

Na sua tradução do evangelho de Mateus, o biblista Chouraqui registrou: “O centurião e aqueles que com ele guardavam Iéshoua’, vendo o sismo e o que o sucede, estremecem muito e dizem: ‘Verdadeiramente, este era Bèn Elohim’”. E comenta sobre a expressão Bèn Elohim (que deve ter sido como Mateus registrou, primeiramente, em aramaico): “*Théou Uios* em grego. A expressão tem sentidos diferentes em hebraico, onde Bèn Elohim é o pai de toda a humanidade, e em grego, num universo cultural que ignora a idéia de criação. Nos dois casos, no entanto, ela designa um destino absolutamente excepcional, o do homem que acaba de morrer na cruz”⁹⁶. O centurião não declarou Jesus como Filho de Deus no sentido metafísico (isto é, Filho de Deus por natureza e desde a eternidade), mas sim como um homem especial, que não merecia o que recebeu, que era justo, e merecia respeito e temor. Sua compreensão não foi a que temos hoje, após

96 CHOURAQUI, op. cit., p. 344.

dois milênios de teologia e de cristologia, mais particularmente. Mas pode-se ver nela uma conversão, que, evidentemente, precisaria ser mais bem trabalhada pelo ensino.

Não sabemos em que idioma o centurião expressou sua fé. Teria sido em grego? Em latim? Em aramaico? A dúvida permanece, mas não é relevante, porque a questão de sua fé não é abalada. A questão é que sua crença na pessoa de Jesus foi formulada e os evangelistas a captaram, e registraram. Mateus e Marcos em um contexto. Lucas em outro. Mas o homem se converteu. E, em sua conversão, nos dá mais uma “pitada jurídica” na história, como bem observaram Fabris e Maggioni, comentando o texto de Lucas: “O centurião, que reconhece a ação de Deus e, como testemunha oficial, proclama pela última vez a inocência de Jesus”⁹⁷. Quem foi executado não foi um criminoso. O oficial romano pode professar sua fé também na inocência de Jesus. A atitude de Jesus, os sinais da natureza e o que sucedeu concomitantemente subsidiavam sua declaração. Aquele homem era mesmo diferente! Ele era o que dizia ser, um homem incomum, um enviado de Deus, o filho de Deus. Não era um criminoso. Era justo.

Essa inocência de Jesus reconhecida pelo centurião animou a pregação da igreja primitiva. Ela alardeou isso com vigor, como vemos no discurso de Pedro, após a cura do coxo: “Mas vós negastes o Santo e Justo, e pedistes que se vos desse um homicida; e matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas” (At 3.14). O sinédrio acusou o golpe, com a pregação apostólica: “Não vos admoestamos expressamente que não ensinásseis nesse nome? e eis que encheistes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem” (At 5.28).

Há mais uma questão a se considerar no relato de Marcos. Trata-se da conexão que ele faz entre a declaração do oficial romano com a ruptura do véu do templo. Na estrutura de Marcos, os dois eventos estão interligados, como se nota em 15.38-39: “Então o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo. Ora, o centurião, que estava defronte dele, vendo-o assim expirar, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus”. No lugar

97 FABRIS e MAGGIONI, op. cit., p. 235.

por trás do véu, no templo, ficava Deus. O véu se rasgou. Deus foi embora daquele lugar. Não mora mais no templo de Jerusalém. O lugar por trás do véu era também o lugar de perdão anual, mas agora não tem mais valor. Deus está em Jesus, não no templo. O perdão agora não está mais no templo. Está em Jesus. O centurião, que permaneceu todo o tempo como observador da crucificação, ouviu o pedido do ladrão arrependido, pedindo para ser admitido no “reino”. Ouviu a resposta de Jesus. No relato de Marcos estamos chegando ao clímax de sua argumentação teológica: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus”, diz o representante do poder que matou Jesus. Esta declaração vem logo após o rompimento do véu, símbolo da derrocada do sistema judaico. É em Jesus que os homens encontram Deus. “Deus estava em Cristo”, dirá Paulo (2Co 5.19). É em Jesus que os homens encontram o perdão dos pecados. Paulo declarou isto: “Seja-vos pois notório, varões, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados” (At 13.38). As palavras de Schnakenburg sintetizam bem esta argumentação: “Rasga-se a cortina que velava o santuário aos olhos e guardava a santidade do Templo, encerrada está a tradicional ordem de culto, finda a Aliança antiga”⁹⁸. Não é Jesus quem morre. Quem morre é o antigo sistema religioso. Duriez nos faz uma excelente observação que nos ajuda a compreender mais isto: “Segundo os evangelhos, Jesus morreu logo após as 15 horas, quando começa a matança dos cordeiros para a páscoa”⁹⁹. No mesmo instante em que são imolados os cordeiros da páscoa, morre na cruz o Cordeiro que Deus ofereceu ao mundo. Assim se cumpre a declaração de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Ele é o Cordeiro por excelência, aquele que torna os demais necessários. Sua morte abole a páscoa antiga, e faz dele a nova páscoa, a páscoa dos cristãos: “... Porque Cristo, nossa páscoa, já foi sacrificado” (1Co 5.7).

Marcos construiu uma bela estrutura. A primeira palavra dita por Deus, em seu evangelho, está em 1.10-11: “E logo, quando saía da água,

98 SCHNAKENBURG, Rudolf. *O evangelho segundo Marcos, volume 2*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p. 316.

99 DURIEZ, Colin. *33 d.C. – o ano que transformou o mundo*. São Paulo: Madras, 2006, p. 113.

viu os céus se abrirem, e o Espírito, qual pomba, a descer sobre ele; e ouviu-se dos céus esta voz: Tu és meu Filho amado; em ti me comprazo". Deus declara que Jesus é seu Filho. O evangelista termina a narrativa do drama do Calvário com a declaração de que Jesus é Filho de Deus. Mas agora ela não está na boca divina, e sim na boca de um pagão. O que o Pai desejava com este drama se concretizou. O mundo começa a reconhecer aquilo que o Pai deseja que reconheça: Jesus é Filho de Deus. Um pagão, num rasgo de fé, entendeu isto. Não na plenitude do significado da expressão, como entendemos, mas entendeu. Por isso, sua palavra pode ser intitulada de "a palavra da fé". Isto é fé: concordar com Deus. Ele concordou.



Conclusão

O drama terminou com a morte de Jesus. Mas a história não. Ela continuou. No domingo seguinte começaram a pipocar notícias de que ele ressuscitara. Elas se alastraram numa dimensão extraordinária. O drama do Calvário mudou o mundo para sempre. Esta mudança foi ratificada e estruturada sobre o evento que veio a suceder no domingo. O Crucificado voltou do mundo dos mortos. Ele venceu a morte.

Aos olhos humanos parecia que a cruz o derrotara. Ela fora, aparentemente, o seu Waterloo, desculpando o anacronismo, pois Napoleão veio bem depois dele. Mas a cruz foi seu lugar de vitória. Alguns anos mais tarde, o apóstolo Paulo dirá que Cristo “havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz; e, tendo despojado os principais e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz” (Cl 2.14-15). A cruz foi seu lugar de triunfo sobre o império do mal.

O poder das trevas foi significativamente abalado. E abalado para sempre. Houve trevas até a hora da morte de Jesus. Depois dela raiou a luz, a luz do evangelho de Cristo. Graças a Deus por este drama, cruento, cho-

cante, mas profundamente comovente. E que iluminou a humanidade para sempre.

A cruz é a glória do cristão. Ele canta "Sim, na cruz, sim na cruz, sempre me glorio". Mas ela não é o clímax da história, que é, na realidade, a sepultura vazia. Alguma coisa de sobrenatural aconteceu depois que as cortinas do drama se encerraram. Seria de se esperar que os seguidores de um criminoso executado se recolhessem à sua insignificância, ou que fugissem apavorados. Mas eles saíram por todo o mundo falando do seu líder. Deram suas vidas por ele. Porque sabiam que ele estava vivo. Não há outra explicação para o que sucedeu depois. A vida de Jesus, do ponto de vista humano, não foi bem sucedida. Ele foi um fracassado, humanamente falando. Tentou dar um golpe e perdeu a parada. Como explicar que um pregador leigo, itinerante, sem nenhuma estrutura atrás de si, num lugarejo inexpressivo do mundo de sua época, se tornasse o maior vulto da história a não ser por este motivo: ele voltou à vida? Como explicar que seus seguidores, ao invés de se esconderem e fugirem para regiões remotas, tivessem arriscado suas vidas e ido pelo mundo anunciar que ele estava vivo? Arriscaram-se e morreram por uma mentira? Em uma de suas obras, Josh McDowell mostra o fim dos discípulos fiéis de Jesus. À exceção de João, que morreu de morte natural, todos os demais foram mortos¹⁰⁰. Crucificados, apedrejados, flechados e lancetados. Sem dúvida que não foi por capricho. Eles deram suas vidas por algo que eles sabiam que era real, o Jesus ressuscitado e ascendido aos céus. Uma ilusão não mudaria o mundo. E Jesus mudou o mundo. Depois de sua morte e ressurreição, nunca mais o mundo foi o mesmo. Um defunto não teria este impacto sobre a história.

A cruz tem um poderoso impacto. Estamos familiarizados com ela e não nos damos conta de como soou estranho, naquela época, falar de um crucificado. Seria como se hoje um grupo adotasse a força ou a cadeira elétrica como símbolo de sua fé. Seria uma imagem absolutamente sem sentido e até repugnante. Mas, voltando a Duriez: "No poder de uma imagem tão repugnante quanto a cruz estava a crença implícita de que Jesus

100 MCDOWELL, Josh. *Mais que um carpinteiro*. 4ª. ed., Belo Horizonte: Editora Betânia, 1984, p. 60.

triunfara sobre ela: a cruz está vazia não só porque o corpo de Jesus foi retirado dela, mas porque, sustentam seus discípulos, ele sofreu e depois derrotou a morte”¹⁰¹.

E porque ele venceu a morte nós também, os que cremos, a venceremos. “Mas na realidade Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos” (1Co 15.20-21). Desde o drama do Calvário que a morte se tornou paciente terminal. Um dia ela morrerá: “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20.14). E nós viveremos para sempre com ele: “Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já dormem. Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”(1Ts 4.15-17).

Graças a Deus pelo drama do Calvário! Na morte do Ator principal nós temos a vida eterna!

101 DURIEZ, op. cit., p. 127.



Citações

Todas as citações do Novo Testamento, Salmos e Provérbios são da Bíblia King James, edição de estudo em português, editado pela Abba Press Editora, 2007.

ALEXANDER, Par e David (eds.). *Manual bíblico SBB*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

ALLEN, Clifton (ed.). *The Broadman Bible commentary – vol.8 - general articles Matthew-Mark*. Nashville: Broadman Press, 1969.

ARNS, Paulo Evaristo (trad.). *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª. edição, 1978.

BAILLIE, D. M. *Deus estava em Cristo*. São Paulo: ASTE, 1964.

BARTH, Karl. *Credo – Comentários ao credo apostólico*. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

BAYER, Oswaldo. *A teologia de Martin Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

BLEVINS, James. "The passion narrative" in *Review and expositor – a baptist theological journal*. Published by the Faculty of the Southern Theological Seminary, Louisville, Kentucky. Vol. LXIV, no. 4, 1967.

BONHOEFFER, Diétrich. *Letters and papers from prison*, sem mais dados.

BROADUS, John. *Comentário de Mateus – volume II*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.

BUTRICK, George (editor). *The interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon Press, Vol. VIII, 1969.

CHADWICK, Samuel. *The gospel of the cross*. Salem: Schmull Publishing Co., Inc., s/d.

CHAMPLIN, Russel. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, vol. 5. São Paulo: Candeia, 1991.

- CHOURAQUI, André. *A Bíblia. Iohanân (o evangelho segundo João)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- CHOURAQUI, André. *Lucas – o evangelho segundo Lucas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- CHOURAQUI, André. *Maryah – o evangelho segundo Mateus*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- CLOUSE, Robert, PIERARD, Richard e YAMAUCHI, Edwin. *Dois reinos – a igreja e a cultura interagindo ao longo dos séculos*. S. Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A igreja, com carinho*. Campinas: Igreja Batista do Cambuí, 2ª. ed., 2006.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Gênesis - Bereshith, o livro dos princípios*. Rio: JUERP, 2004.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Isaías, o evangelho do Antigo Testamento*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: JUERP, 2005.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *O neopentecostalismo – uma avaliação pastoral*. Campinas: Edição do autor, 2008.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *O pentateuco e sua contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Juerp, 2ª. edição, 2005.
- COHN, Haim. *O julgamento e a morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- COLSON, Charles. *O que significa amar a Deus*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985.
- CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Custom, 2002.
- DAVIES, W. D. *Invitation to the New Testament*. New York: Doubleday & Company Inc., 1966.
- DEN BORN, A. VAN (org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª. 2d., 1977.
- DIÉTRICH, S. *O designio de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.
- DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- DODD, C. H. *The founder of christianity*. New York: The Macmillan Company, 1976.
- DUQUESNE, Jacques. *Jesus – a verdadeira história*. São Paulo: Geração Editorial, 3ª. ed., 2005.
- DURIEZ, Colin. *33 d.C., o ano que transformou o mundo*. São Paulo: Editora Madras, 2006.
- EDERSHEIM, *The life and the time of Jesus the Messiah*. Grand Rapids: Associated Publishers and Authors, s/d.,
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Editora Novo Século, 1999.
- FABRIS, Rinaldo, e MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II) – tradução e comentários*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- GARLAND, David. "John 18-19: Life through Jesus' death" in *Review and Expositor – a baptist theological journal*. Published by the Faculty of the Southern Theological Seminary, Louisville, Kentucky. Vol. 85, no. 3, 1988.
- HARRISON, Everett (ed.). *Comentário bíblico Moody – vol. 4 – Os evangelhos e Atos*. 3ª. ed. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.
- HENDRICKSEN, William. *Mateus – volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

- JEREMIAS, Joachim. *A mensagem central do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 3ª. edição, 1986.
- KAISER, Ilson. *Sinopse dos três primeiros evangelhos*. S. Leopoldo: Sinodal, 1996.
- KIDNER, Derek, em *Salmos 1-72 - introdução e comentário*. S. Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 1980.
- KING JR, Martin Luther. *O grito da consciência*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1968.
- LANE, William. *The gospel according Mark*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974.
- LEÓN-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João - IV (capítulos 18-21)*. S. Paulo: Edições Loyola, 1998.
- LLOYD-JONES, Martin. *A Mensagem da cruz*. Brasília: Editora Palavra, 2009.
- LOCKYER, Herbert. *All the men of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 19a. ed., 1974.
- LOCKYER, Herbert. *All the messianic prophecies of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 4a. ed., 1973.
- LUCADO, Max. *Gente como a gente*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2009.
- MACARTHUR, Arhur. *Doze homens comuns*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MCDOWELL, Josh. *Mais que um carpinteiro*. 4ª. ed.. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985.
- MATEOS, Juan, e BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- MATEOS, Juan, e CAMACHO, Fernando. *Evangelho – figuras & símbolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- MATERA, Frank. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- MATOS, Alderi Souza de, e COSTA, Hermisten Maia Pereira. *Cristo e a cruz*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
- MILES, Jack. *Cristo – uma crise na vida de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo – cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.
- MORRIS, Leon. *Lucas – introdução e comentário*. S. Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983.
- MULHOLLAND, Dewey. *Marcos – introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, s/d..
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Jesus e Paulo – vidas paralelas*. S. Paulo: Paulinas, 2008.
- PACK, Frank. *O evangelho segundo João*. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1983.
- PACKER, J. *Religião vida mansa*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.
- PERROT, Charles. *Jesus*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.
- PETERSEN, Eugene. *Trovão inverso: o livro do Apocalipse e a oração imaginativa*. Rio de Janeiro: Editorial Habacuc, 2005.
- PINK, Arthur. *The seven sayings of the Saviour on the cross*. Grand Rapids: Michigan Baker Book House, 1958.

- PIKAZA, Javier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2ª. edição, 1985.
- PLAMPLIN, Richard. *Jeremias: seu ministério, sua mensagem. Um comentário cronológico*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
- POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.
- PURIM, Reynaldo. *Jesus Cristo no panorama da história*. Rio de Janeiro: D. S. Lima Edições, 1978.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word pictures in the New Testament. Vol. II: The gospel according Luke*. Nashville: Broadman Press, s/d..
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word pictures in the New Testament. Vol. IV: The epistles of Paul*. Nashville: Broadman Press, s/d..
- RYLE, J. C. *Meditações no evangelho de Mateus*. S. José dos Campos: Editora Fiel, 1991.
- SCHNAKENBURG, Rudolf. *O evangelho Segundo Marcos, volume 2*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- SIMPSON, Carnegie P. *A vibrante realidade de Cristo*. Sem localidade definida, Casa Editora Evangélica, 1960.
- STAGG, Frank. *Studies in Luke's Gospel*. Nashville: Convention Press, 1967.
- STOTT, John. *A cruz de Cristo*. Miami: Editora Vida, 1991.
- STRONG, Augustus. *Systematic theology*. Valley Forge: The Judson Press, 25a. edição, 1967.
- STUHLMACHER, Peter. *Lei e graça em Paulo – uma reafirmação da doutrina da justificação*. São Paulo: edições Vida Nova, 2002.
- TENNEY, Merrill (ed.). *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2a. ed., 1977, vol. 4.
- THOMAS, Gordon. *O julgamento de Jesus: um relato jornalístico sobre a vida e a inevitável crucificação de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
- TRUEBLODD, Elton. *A vida que prezamos*. Rio de Janeiro: Editora Ipanema, s/d..
- WEBSTER, Douglas. *Em dívida com Cristo*. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, s/d..
- WILSON, Geofrey. *Colossians and Philemon – a digest of reformed comment*. Edinburgh: The Banner of Trust Truth, 1980.

O AUTOR E SUA OBRA:

Isaltino Gomes Coelho Filho é natural do Rio de Janeiro /RJ; professor de teologia, hebraísta, conferencista, laureado escritor, com mais de 30 obras e centenas de artigos publicados; autor da coleção "Comentário Pastoral da Bíblia King James", bacharel em filosofia e psicanálise clínica; serviu em Cuba e Portugal como missionário, eminente líder batista, mas prefere ser conhecido como pastor Isaltino, seu grande sonho e realização. É o atual pastor sênior da Igreja Batista Central de Macapá /AP; editor da revista "Pregação e Pregadores", da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. Casado com Meacir Carolina Frederico Coelho e pai de três filhos: Beny, Nelya e Camilla.



Casal Meacir e Isaltino Gomes Coelho Filho

O DRAMA DO Calvário

Quando o Dr. Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho pediu-me para que fizesse a apresentação desta obra senti um misto de honra e total inadequação. Esse amado catedrático, escritor premiado e pastor batista é muito conhecido em todo país e além mar, assim como seus muitos e profícuos livros.

O **Drama do Calvário** é sua 33ª obra, além da notável coleção "Comentário Pastoral da Bíblia King James". O livro que o querido leitor tem em mãos é uma verdadeira preciosidade e por várias razões. Primeiro, como o próprio autor enfatiza em seu prefácio, é "uma declaração de amor a Jesus". Uma homenagem ao Senhor após décadas de caminhada a serviço do Mestre e de seu Reino. Segundo, é um sonho realizado. Este é o livro que o Pr. Isaltino sempre sonhou em escrever.

E, em terceiro lugar, mas não por último, esse livro é um gesto de louvor a Deus do amoroso casal Isaltino e Meacir. Quem acompanha a vasta e notável obra literária do Pr. Isaltino conhece bem suas expressões de amor a Meacir Carolina, sua esposa. Excepcionalmente neste livro a dedicatória ficou assim firmada: "A Ele, o ator principal." E, em seguida: "A Meacir Carolina, minha musa desde os 21 anos, presente Dele. Ambos o reconhecemos como nosso Senhor. Alegrem-se nos submetemos a Ele. A Ele dedicamos nossos filhos, que também o seguem e escolheram cônjuges que o seguem. Sem Ele nossas vidas seriam bem descoradas. Com alegria, sabemos que quando partirmos, viveremos para sempre com Ele."

O maior evento da História de todos os tempos ocorreu em uma antiga cidade do Oriente Médio, hoje conhecida como Palestina.

O que aconteceu no Calvário foi um drama, mas não uma tragédia, na linguagem teatral. Seu enredo não foi mitológico nem tinha como alvo mexer com as emoções humanas no sentido de ser piegas. Tampouco foi uma ópera caricata. Um homem justo havia sido condenado por sua gente, pelo poder de suas palavras: dizia que era o Filho de Deus e agia como tal. A própria "polícia federal" da época, quando saiu para prendê-lo, sentiu-se incapaz, e voltou reafirmando o poder das suas palavras: "Nenhum homem jamais falou como este Homem!" (Jo 7.46 KJ). Depois de orar ao Pai (Mc 14.36 KJ), ele mesmo decide entregar-se como sacrifício em favor da Humanidade. Quando tudo parece perdido, ele vence o pior inimigo do Universo: a morte, e manda seu Espírito para habitar, consolar e conduzir à vida eterna todos quantos crerem em seu Nome.

Prepare-se, pois, as cortinas das próximas páginas se abrirão e você vivenciará o milagre do poder da Palavra, através da pessoa de Jesus Cristo. Vivo, hoje e sempre!

Viva também esse espetáculo,

Oswaldo Paião

Abba Press e Sociedade Bíblica Ibero-Americana



Site: www.abbapress.com.br

E-mail: abbapress@abbapress.com.br

ISBN 978-85-7857-015-6

